

REVISTA
DA SEMANA

JÁ ESTÃO SURGINDO OS CANDIDATOS À PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL EM 58



MAURO BRAGA apresenta:
MAIS PERSONAGENS
DA VIDA BRASILEIRA



NASCEU A FILHA DE GRACE KELLY

A expectativa mundial em torno do nascimento do filho de Grace Kelly e Rainier de Mônaco, teve o seu fim: nasceu uma menina (às 11 horas da manhã do dia 23 de janeiro) que reinará caso não tenha irmãos. De acordo com o protocolo foi disparada uma salva de 21 tiros. O pai de Grace (avô da recém-nascida) declarou: «Ora bolas, eu queria um menino». O povo de Mônaco veio todo para as ruas e deu vivas aos seus soberanos. Na foto, Grace (e seu marido) quando se dirigiam para a casa de saúde, onde nasceria a primeira herdeira do casal.

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 5 — Rio de Janeiro — 2-2-1957

DIRETOR
Helo Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lebo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Campeonato de Pesca	4/7
Bahia é Terra de Mil Jangadas	10/13
O Escândalo Internacional do Futebol	16/19
É Preciso Acabar Com o Luxo do Cinema Nacional	20/22
Comédia Inglesa com «Sex Appeal» Francês	30/34
Possíveis Candidatos à Prefeitura em 58	36/37
Budapeste: Razões de um Drama	40/43
Personagens da Vida Brasileira	46/49
Europa, Ano Zero	50/51
Entrevista Com Fernanda Montenegro	60/61

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

◆ CAPA



Brigitte Bardot, atriz do cinema francês, que trabalhou no filme: «Oh, Doutor» uma mistura de astros ingleses e «sex appeal» francês. (Ektachrome especial para a REVISTA DA SEMANA).

© Mundo

O Presidente da República está na obrigação urgente de arranjar, de qualquer maneira, um emprêgo de marítimo para seu conterrâneo João Batista de Souza, moço de dezoito primaveras, copeiro e cidadão belo-horizontino.

O caso de João apareceu nos jornais sob vários títulos; um deles chamou minha atenção e — por que não dizer? — despertou em mim uma certa ternura, se bem que sejam diárias as notícias de viajantes clandestinos, pessoas dignas da maior admiração pois uns querem fugir de seus países dos quais estão cheios, outros querem é apenas conhecer o mundo, ver terras e paisagens diferentes, saber como sentem e vivem as marias, os joões e os henriques de outros países.

João cansou de ser copeiro o que é perfeitamente compreensível. É muito duro servir estranhos ou mesmo conhecidos: — A carne não presta. — Este prato está sujo. — Leve esse pão horrível. — Traga uma cerveja gelada. É duro mesmo. Então, uma noite, na casa humilde de Belo Horizonte, João falou para seus pais: — «Vou para o Rio. Lá está Juscelino, nosso conterrâneo; peço-lhe um emprêgo. Quero ser gente». E veio.

Veio e não conseguiu trabalho, mas como João tem um sonho acalentando suas noites e seus dias — viajar, viajar — escondeu-se no porão de um cargueiro italiano pensando que assim talvez visse, um dia, com seus olhos que a terra fria há de comer, não apenas a Lolobrigida que conhece de cinema, mas os pombos da praça de S. Marcos ou mesmo Veneza com suas gôndolas, paisagens vistas em revistas.

Naturalmente por melhor que se esconda um clandestino é sempre descoberto; João foi pegado, mas o comandante era um homem amável: fez João pagar a despesa da passagem com o seu trabalho. Até mesmo escondeu nosso herói — bom homem o comandante — da polícia marítima de Las Palmas. Mas aí é que foi a desgraça. João desceu, ficou e a polícia prendeu-o. Pobre João teve de passar vinte e um dias no xadrês e depois ser recambiado para esta cidade por outro navio, esse inglês. Na volta, João trazia um título: o aventureiro.

O garção simples de Belo Horizonte que quer conhecer mundo passou a ser considerado um aventureiro, mas é tão ingênuo que falando à reportagem disse que «estrANHou muito o trabalho forçado a que o submeteram». João está convencido de que um moço de dezoito anos, nascido em Minas Gerais, tem direito, inclusive a sonhar, demonstrando assim ser um inocente total.

Apesar de sua pequena odisséia, J.B.S. não perdeu as esperanças de conhecer o mundo e por isso declarou desejar ser marítimo; como é conterrâneo do Presidente da República, espera que este lhe arranje trabalho num de nossos navios de passageiros ou mesmo num cargueiro. Tudo serve para João Batista de Souza; o que ele quer é viajar.

Dizem as notícias que a Inspetoria da Polícia Marítima vai mandar João para Belo Horizonte, para casa de seus pais, para seu ofício de garção ou copeiro. Contra isto protesto eu e exijo — desculpem o termo — que o dr. Kubitschek dê urgentemente a João o emprêgo que ele deseja e merece. João precisa urgentemente ver como é o mundo.

ENEIDA

Os famosos meros de Angra dos Reis não apareceram. Esse foi um dos poucos arpoados durante o campeonato.

OS FIG E CA

O ARPOA

OS peixes estão ficando mais raros, com um arpoado que não têm perdidos.

Técnicamente, o Campeonato de Arpoado à chuva, que está, mesmo servirem de

O campeonato de arpoado, com suas adjacências, cronistas sociais, durante um só dia, apenas de no mar, buscando trazer tantos peixes

No final, são três anos perdidos. Registre os dados dos especialistas de

Pelo Arpoado, Carlos Vital, Soledade e F

Conseguiram bem que nos anteriores.

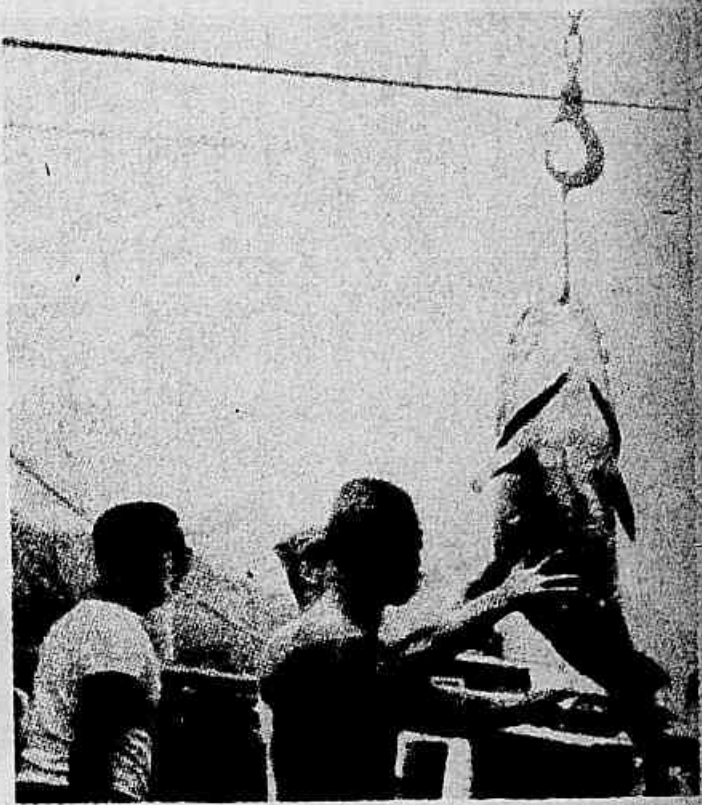
PARA ALGUM

Muitas equ

O ex-prefe



OS PEIXES ESTÃO FICANDO SABIDOS E FUGIRAM DO CAMPEONATO DE CAÇA



O ARPOADOR GANHOU O TÍTULO QUE PERSEGUIA HÁ TRÊS ANOS — ALGUMAS EQUIPES FAZEM «PIC-NIC» — UM RECORDE BRASILEIRO — CAÇARAM UM PEIXE LUA (RARIDADE) — OS MEROS TAMBÉM DESAPARECERAM.

Reportagem de YLLEN KERR

OS peixes — pelo menos os de Angra dos Reis — estão ficando sabidos. Basta verem um homem que mergulha com os olhos protegidos por óculos enormes, com um tubo na boca, de nadadeiras de borracha, com um arpão na mão e com cara de poucos amigos, que não têm dúvida: «vamos embora se não estamos perdidos.»

Técnicamente, a falta de caça (peixe) notada no VIº Campeonato Brasileiro de Caça Submarina foi atribuída à chuva, que sujou a água. A explicação, porém, deve estar, mesmo, na sabedoria dos peixes, já cansados de servirem de alvo aos nossos mergulhadores.

O campeonato foi realizado em Angra dos Reis e adjacências, (como diriam esses luminares que são os cronistas sociais), e dele participaram 27 equipes. Durante um sábado e um domingo inteiro — descansando apenas de noite — as lanchas e traineiras estiveram no mar, buscando um bom viveiro, onde pudessem encontrar tantos peixes que lhes dessem a vitória.

No final, saiu vencedora a equipe do Arpoador. Há três anos perseguiu o título, sempre em poder do Marimbás. Registre-se que os tricampeões competiram desfalcados dos irmãos Borges (dois), talvez os melhores especialistas do esporte.

Pelo Arpoador, caíram n'água: Abel Ely Gazio, Luiz Carlos Vital, Péricles Memória, Paulo Saboia, Henrique Soledade e Rubens Torres.

Conseguiram uma boa pescaria, farta e variada, se bem que inferior aos seus próprios resultados nos anos anteriores.

PARA ALGUNS É PIC NIC

Muitas equipes, sem condições de aspirar o título, transformam o campeonato num pic nic. Levam muita

comida, algumas garrafas, às vezes, até, algumas moças, e ficam mergulhando quando dá vontade, apanhando sol quando querem descansar. Apanham mais sol do que caçam. Andam mais de lancha do que mergulham.

A caçada só pode ser feita com luz natural. Quando cai a noite, se os caçadores quiserem, podem continuar pescando, mas sem usar lanternas. As equipes que pretendem ganhar o campeonato, geralmente, dormem no mar, para começar bem cedo no dia seguinte. As outras, vêm para cidade, dormir na cama do hotel ou do Colégio Naval, que é lugar quente.

Angra dos Reis fica cheia de «turistas». São cariocas, paulistas e fluminenses, que vão em busca dos troféus. Cabo Frio, nessa semana, fica abandonado. Esse ano, choveu forte. Não espantou ninguém, mas prejudicou a pescaria. Os que não foram caçar, durante o dia, ficaram no hotel ou nas praias, jogando buraco e ouvindo rádio.

UM RECORDE BRASILEIRO

A equipe «Boca Negra», formada com moradores de Angra dos Reis, conseguiu um oitavo lugar, inferior à sua colocação no ano passado. Mesmo assim, foi a única a conseguir um recorde brasileiro, obtido quando uma cavala pesando cinco quilos e oitocentas gramas foi espelada na ponta de um arpão.

Pela primeira vez num campeonato brasileiro foi arpoado um peixe lua, cu Rolão, raridade. A equipe Ipanema foi buscá-lo lá em baixo, perto da ilha Grande.

Todo peixe caçado é vendido — fora alguns badejos que vão servir de jantar para os caçadores — e a renda reverte para a Santa Casa de Angra dos Reis.

DESORGANIZAÇÃO

A organização do campeonato não foi das melhores, havendo atraso na partida das lanchas e das traineiras.

Marcada para as oito horas, só foi dada às 11. Foguetes e gritos, para festejar.

Alguém disse que a Caça Submarina — não chame nunca de pesca, pois ofende aos caçadores — e seus praticantes tornam o conjunto mais «enrolado» de que se tem notícia na história dos esportes.

O campeonato é patrocinado pela Associação Brasileira de Caça Submarina e pela Prefeitura de Angra dos Reis. Conta, também, com a colaboração do Colégio Naval, que hospeda os participantes.

Apenas uma mulher tomou parte, oficialmente, na caçada. Foi a americana Carpmail, da equipe Pena Boto. Caçou junto com outro americano, Jim Oetzel.

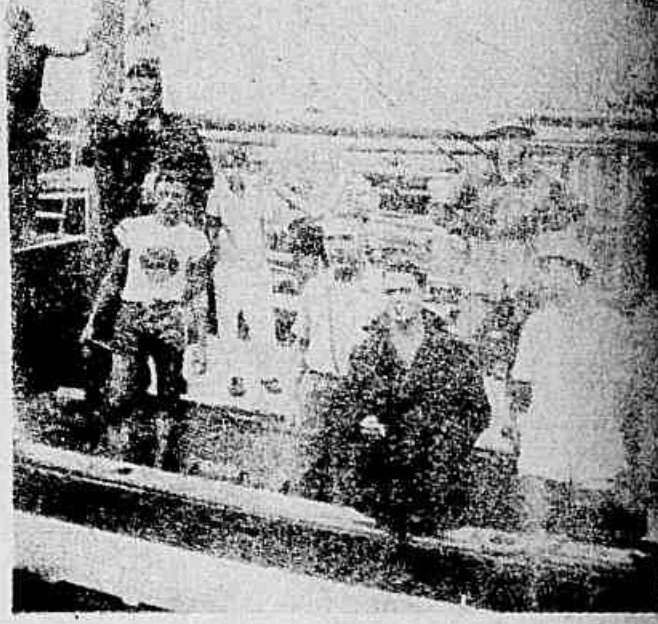
A entrega das taças e troféus é feita no mesmo dia. Desta vez, foi na Prefeitura de Angra, presidida a cerimônia pelo sr. João Carlos Vital, ex-prefeito do D.F. Foi lá — como disse — para «torcer pelo filho e peruar o campeonato». Virou atração.

COLOCAÇÃO

Até o décimo lugar, a contagem dos pontos foi a seguinte: 1º Arpoador (834), 2º Marimbás (386), 3º Iate Clube do Rio de Janeiro (308), 4º Icarai (289), 5º Pena Boto (252), 6º Budião Negro (250), 7º Arpodato Junior (222), 8º Boca Negra (204), 9º Anequim (202) e 10º Ipanema (197).

Como nota final, registre-se a ausência dos famosos meros (peixes enormes) de Angra. Todo ano são a sensação do campeonato, saindo das lanchas com gritos de espanto dos assistentes. Esse ano, o maior arpoado pesava 96 quilos. O ano passado, João Borges, conversando, disse que a tendência dessa espécie é desaparecer, devido a grande matança. Talvez seja o início.

O ex-prefeito João Carlos Vital foi torcer pelo filho (campeão) e peruar o campeonato. Começou hasteando bandeira, andou por dentro dos barcos, fez fotografias e terminou entregando os prêmios aos vencedores. A moça que ele abraça é sua nora.





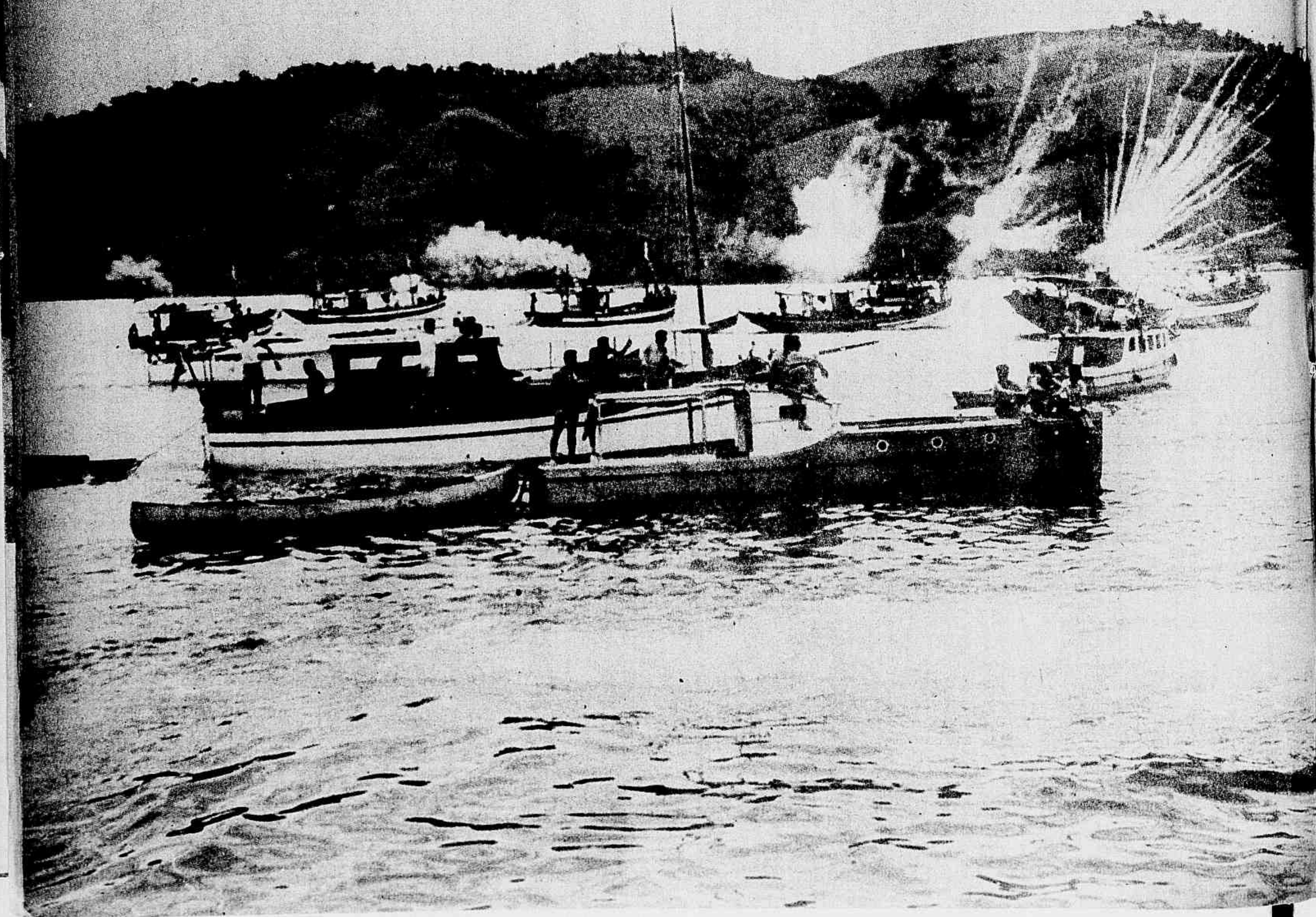
O prefeito de Angra dos Reis, sr. Salomão Rezek, inaugurou, para comemorar, uma placa mostrando a gratidão dos caçadores submarinos brasileiros.

OS PEIXES ESTÃO FICANDO SABIDOS E FUGIRAM DO CAMPEONATO DE CAÇA



A equipe do Budião Negro não conseguiu mais do que um sexto lugar. Em compensação, ganhou o título de mais «kar» do campeonato. Seus uniformes eram impecáveis.

Estouraram os foguetes para saudar a saída dos barcos que vão caçar. Quatro horas de atraso.





Prevendo a luta contra o peixe, Edson Perry, campeão de «water polo», descansa antes da partida.



As mulheres dos caçadores submarinos ficam esperando a chegada. Quando os mers são suspensos no guindaste, abrem a boca espantadas.



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS
POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO
6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS
7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO
5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS
Pça. Flor. Peixoto, 292 (Igo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO
Rua Alvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



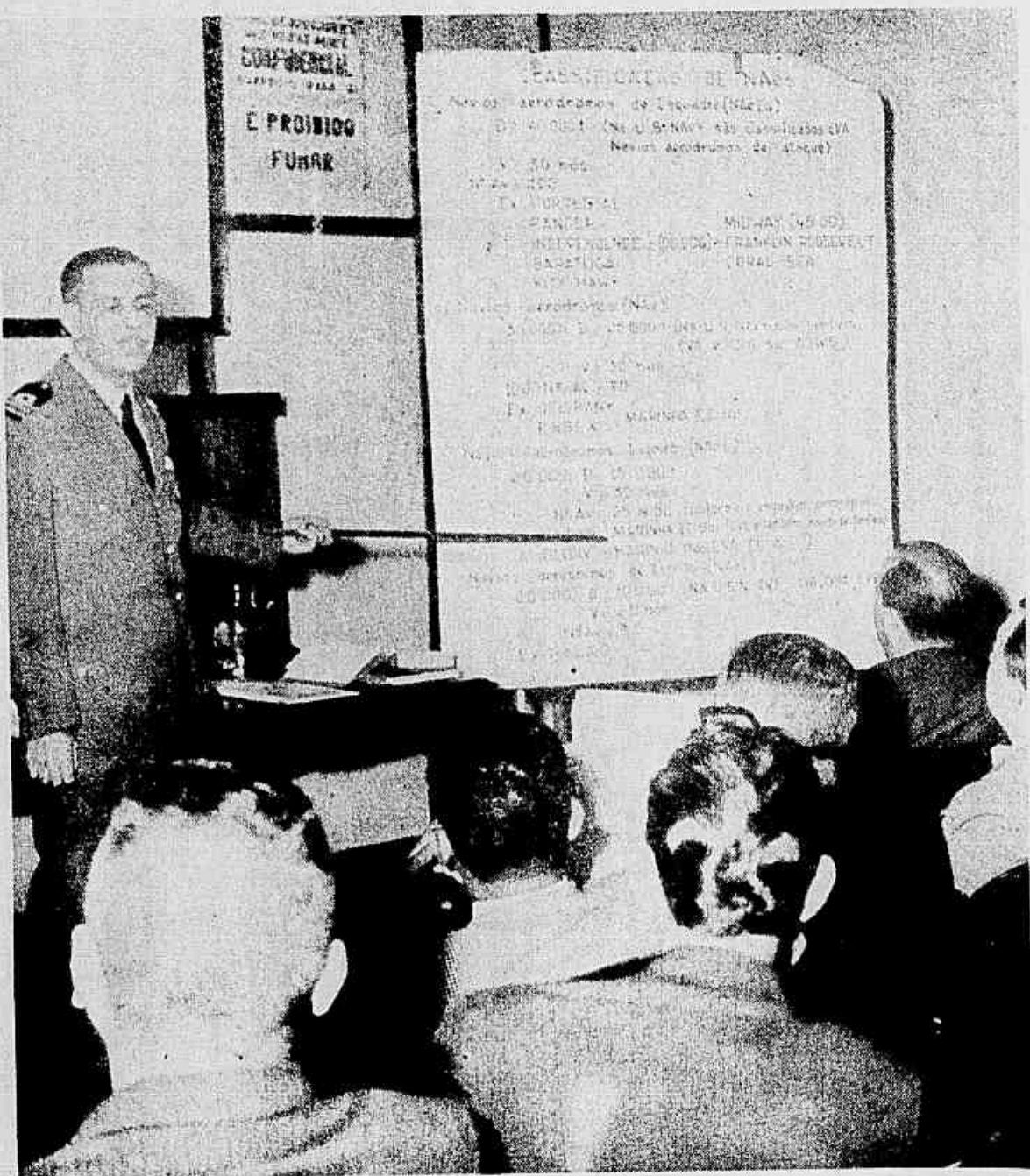
**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

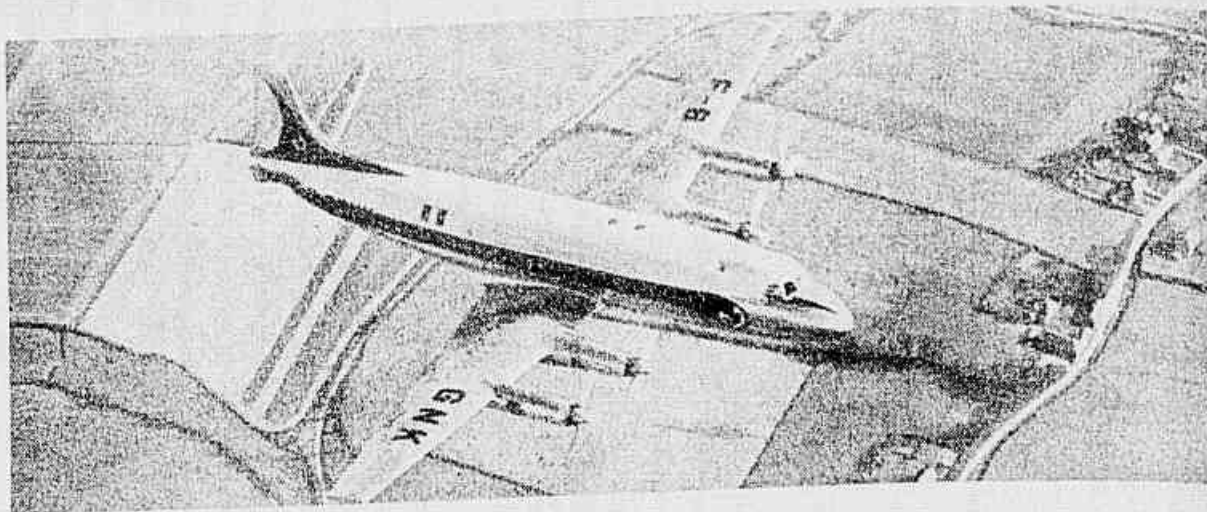
AZASO EB-5

SEMANA EM REVISTA

PORTA-AVIÕES PARA LEVAR BATATAS



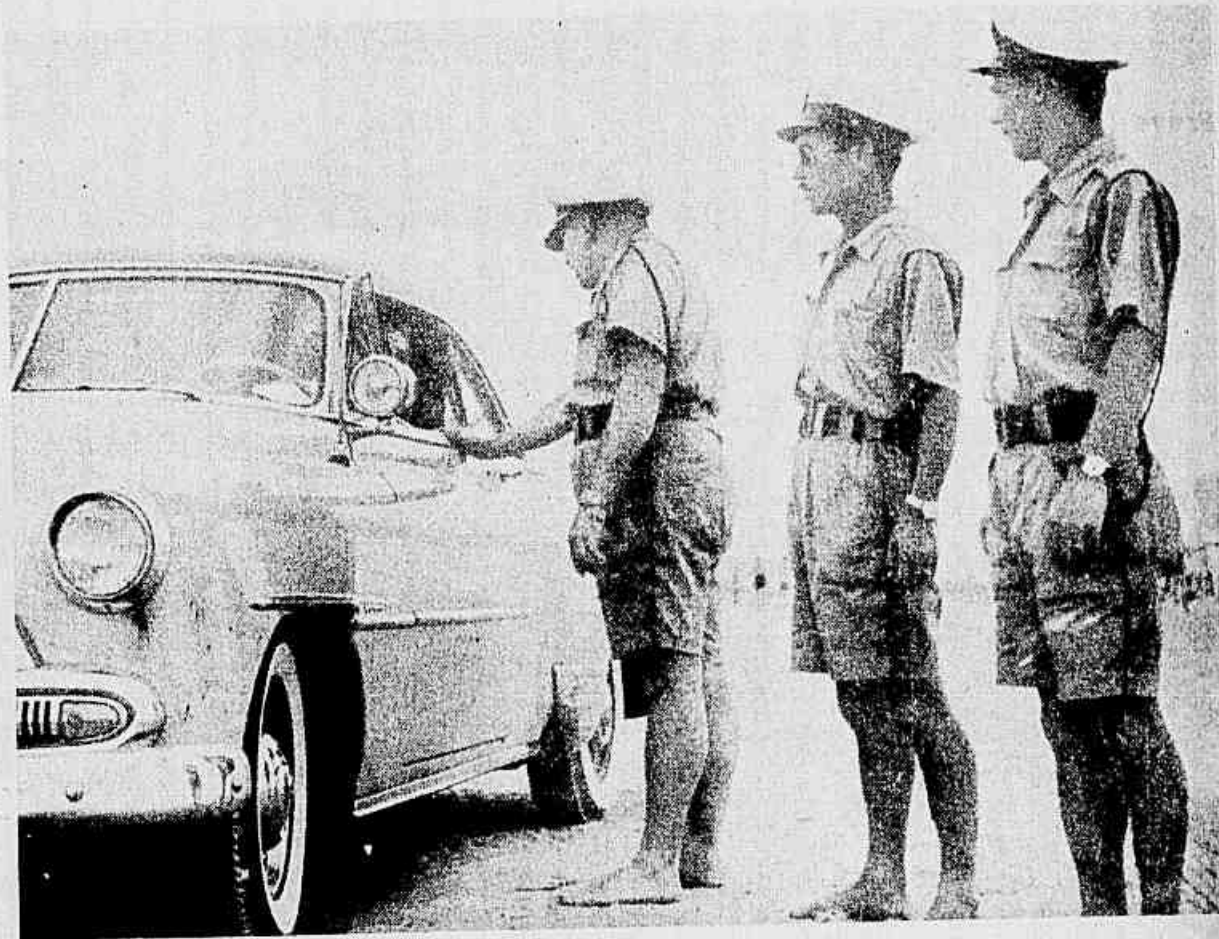
Para explicar a compra de um porta-aviões, oficiais de Marinha reuniram-se com alguns jornalistas. Bateram um papo amistoso, serviram algumas informações, mas não disseram o essencial. O QUE FOI DITO: o porta-aviões pode transportar caminhões e batatas; pode guerrear; patrulhar o Atlântico, etc. O QUE NÃO FOI DITO: o preço do porta-aviões, como ele foi pago, de onde saiu o dinheiro e com autorização de quem; onde está a esquadra para proteger o porta-aviões comprado, pois sendo ele uma arma ofensiva precisa dessa proteção; onde estão os aviões que servirão a esse porta-aviões (o comandante Leite Jr. informou lealmente que o porta-aviões comprado terá como equipamento 36 aviões, mas que eles ainda não foram encomendados, nem ninguém sabe de que tipo serão). Como se vê há muita coisa obscura nessa história. Mas salvo explicações convincentes (que já estão tardando muito), essa operação nos parece uma loucura total.



JUSCELINO VAI VOAR MAIS RÁPIDO

Campeão mundial de viagens aéreas, o Presidente Juscelino achava muito lentos os aviões de que se servia. E providenciou a compra de um «Viscount» (4 turbo-hélices, seguríssimo, com escritórios e dormitórios, 76 milhões de cruzeiros) que entre outras coisas, faz o percurso Rio-São Paulo em 13 minutos. O avião chegará dentro de poucos dias, e provavelmente o Presidente já estará ansioso para experimentá-lo.

FOTOS «DIÁRIO CARIOCA»



POLÍCIA DE CALÇAS CURTAS

Baseada na convicção de que calças curtas e pés descalços não diminuem a autoridade de um bom agente da lei, a polícia do Rio Grande acaba de lançar o seu «new look» conforme pode ser visto na foto. Enfrentando os ardores de um verão que não raro obriga os termômetros a chegar aos 40 graus na marcação, os guardas da polícia gaúcha têm nos trajes sumários uma eficiente arma de defesa. Parabéns à polícia (e as autoridades gaúchas) que tiveram a coragem de se adaptar às circunstâncias, sem medo das críticas e dos comentários.

HENRI MOELLER

Correspondente de PN na Europa

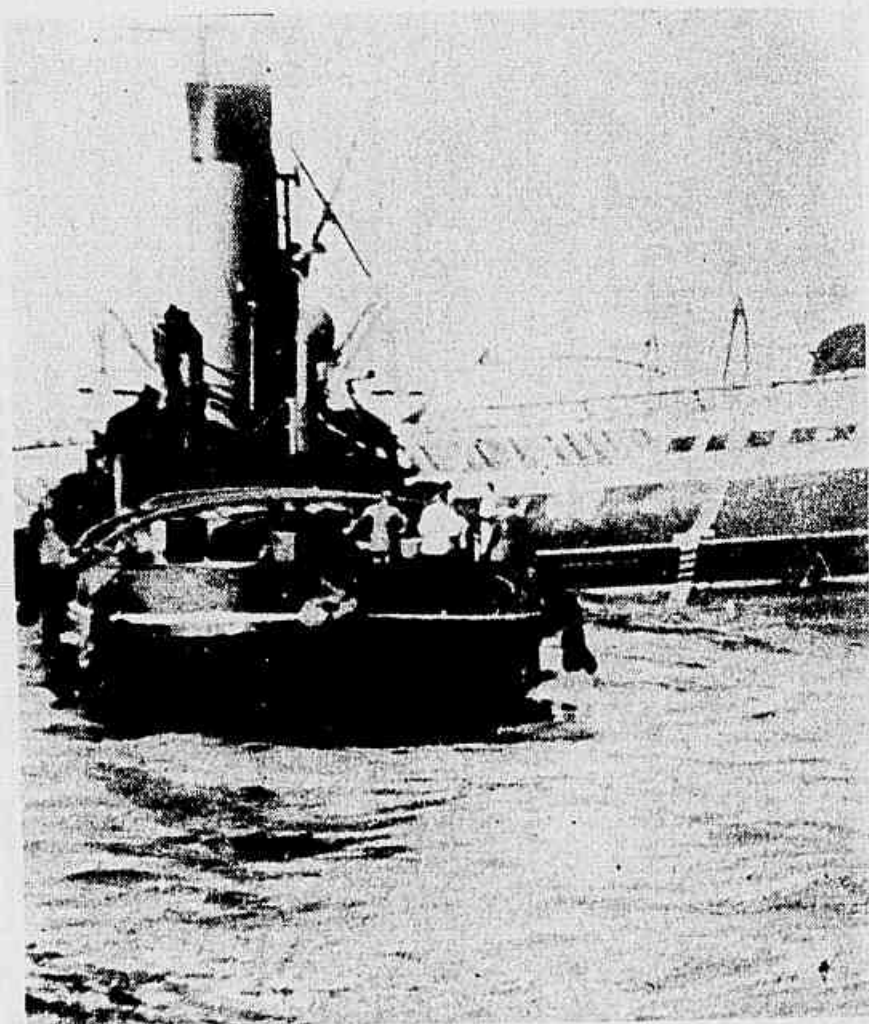
Depois de permanecer no Brasil cinco anos, regressou a Hamburgo, Alemanha, o jornalista Henri Moeller, ex-layoutman de «Manchete», de «3 Américas», revista da Varig, de «Módulo» e da «Revista Esso». Henri Moeller, correspondente da revista «Quick» no Brasil durante os cinco anos que aqui passou, foi um dos jornalistas estrangeiros que mais divulgaram o nosso país no exterior. Mais de 50 reportagens de sua autoria foram publicadas em revistas da fama de «Constanze», «Bild», «L'Illustré», «Schweizer Illustrierte Zeitung», «Noir et Blanc», e a referida «Quick», tôdas da Europa. Uma dessas reportagens chegou a ser transcrita em 40 órgãos da imprensa do Velho Continente.

Voltando à Alemanha, Henri Moeller passou a ser correspondente da revista «PN», para a qual fará completa cobertura, especialmente sobre publicidade, imprensa, rádio e televisão na Europa.



ESPERANÇA DE GUARDA-CHUYA ABERTO

Com uma expectativa feita de corações apertados e guarda-chuvas abertos (caía uma chuvinha fina e irritante), centenas de mães de meninas candidatas às 90 vagas do Instituto de Educação, aguardaram nas cercanias daquele edifício, o término da prova eliminatória de matemática. Com essa prova inaugurava-se a corrida deste ano para as vagas do Instituto. Antes do início da prova, o professor Ari da Mata foi assustadoramente cercado por uma onda de pais de alunos, ansiosos para ouvir a sua palavra. Quando a onda cessou, o professor teve que ser socorrido: tinham-lhe fraturado o pé.



120.000 BARRIS DE GASOLINA NO AR

Em poucos e dramáticos instantes, atingido pelas chamas de um incêndio (causas ignoradas), o petroleiro Amapá esteve a pique de ser totalmente destruído. No seu interior viajavam 120.000 barris de gasolina que quase provocam uma explosão de consequências imprevisíveis, (como é comum se dizer). Mas que todos sabem quais seriam. Mesmo assim o sinistro provocou pânico e a morte de dois marinheiros que não puderam escapar a tempo.



A PRIMEIRA SAUDADE

Seguiu a primeira correspondência destinada aos soldados brasileiros integrantes do Corpo Expedicionário da ONU. A Mala da Saudade (como foi logo designada), seguiu com mais de 300 cartas de pais, irmãos, esposas e amigos dos que partiram. A senhora do coronel Iracílio Pessoa (comandante do batalhão) foi a primeira a entregar sua carta, e ao depositá-la na urna, exclamou: «estou trêmula de emoção e mal posso conter as lágrimas. Meu marido ficará contente ao receber esta carta».



UM AUTOR À PROCURA DE PERSONAGENS

Escritor de méritos indiscutíveis (editou há pouco o «best seller» Montanha) Ciro dos Anjos é há muito tempo ligado à política. Já foi secretário do sr. Valadares, militante em Minas, andou sempre em dia com as coisas da política. Não foi surpresa portanto a sua nomeação para sub-chefe da Casa Civil do Catete. Surpresa terão os que lidarem com êle (políticos em geral) se dentro em pouco aparecerem como personagens do sr. Ciro, como aconteceu em Montanha. E foi isso mesmo que o sr. Vitor Nunes Leal frisou, ao empossá-lo no cargo.



MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA FEZ 16 ANOS

Em 1941 êle nascia. Tímido, hesitante, ainda de futuro incerto e duvidoso. Seu primeiro mentor foi o senador Salgado Filho, que lhe deu a direção e marcou sua organização. Hoje, o Ministério da Aeronáutica, cresceu, fêz-se homem, ficou independente e responsável pelos seus atos. Está com 16 anos, mas todos dizem que parece mais, tantos são os serviços que já prestou ao Brasil. É dirigido pelo ministro Fleiuss, um homem que gosta mais de realizar do que de falar. E assim foi comemorado o aniversário, em meio às manifestações a Santos Dumont, pelo cinquentenário de seu vôo com o mais pesado que o ar.



BAHIA É TERRA

Texto de CARLOS LEMOS

Reportagem fotográfica de YLLEN KERR

Janelas históricas, janelas modernas, ou simplesmente janelas. Não há quarto ou sala, até mesmo sótão, que, na Bahia, não tenha janela. Talvez os baianos sintam necessidade de receber na cara o vento que vem da barra, «o vento que balança as folhas do coqueiro». As janelas da Bahia ainda não haviam sido descobertas. A máquina de Yllen Kerr deixou de lado a Baixa do Sapateiro, o Mercado, a Praia de Itapoã, a Feira de Água de Meninos e as baianas tradicionais. Foi buscar, e trouxe para vocês, as janelas da Bahia.

Janela também serve para conversa de comadres.



E' uma janela triste, no sótão, no alto da casa.



QUANDO o navio passa pelo Forte de São Marcelo, na entrada da barra de Salvador (mais conhecida como Bahia mesmo) a cidade aparece como um presépio. Trepadas nos morros, correndo pelas ladeiras, as casas mostram, logo, suas janelas.

São as janelas da Bahia.

Desde as grandes, do tempo do império, até as mais modernas com vidros compridos.

Foi meu avô quem contou:

— «Uma vez, sua avó, que era muito míope, estava na janela. Perguntei se estava vendo, na janela, dona Candinha, sua amiga, que morava na casa em frente. Disse que sim e acenou, para dizer bom dia. Do outro lado, na janela, estava, apenas, uma moringa».

As moringas, na Bahia, vão para janela. A brisa, que sopra sempre, vinda do mar, refresca a água. Dispensam-se as geladeiras.

Mas não só para isso servem as janelas da Bahia. A vizinha da direita, bate papo com a vizinha da esquerda. São as «conversas de comadre», que botam muita orelha fervendo.

Os passarinhos vão para janela, dentro das gaiolas. O gato e o cachorro descansam.

O menino peralta, quando está de castigo, só tem uma saída: a janela. Pula, vai para fora, jogar o «baba» (a «pelada» carioca). E' da janela que, às vezes, empina sua «arraia».

Na janela se namora — e como é bom namorar na janela. Da janela se ouvem as serenatas — quase não existem mais. Na janela se estende a roupa para secar — quando a Prefeitura não multa.

Importante, também, são as cores das janelas. Cada casa tem uma cor. Cada janela outra. Quem passa de bonde, ou de «marinete» (ônibus), pode ver o colorido da Bahia. Alegria mais a cidade.

Da ladeira do Pelourinho à Barra, com vidro ou de vidraça partida, com ou sem sacada de ferro, pobres ou ricas, antigas ou modernas, com moringa ou com um menino de chupêta, são as janelas da Bahia.

DE MIL JANELAS

A AVÓ MÍOPE QUE CONFUNDIU A MORINGA — JANELA DISPENSA
GELADEIRA — MENINO DE CASTIGO PULA JANELA



Menino levado ganha castigo.
A solução é ir para a janela.

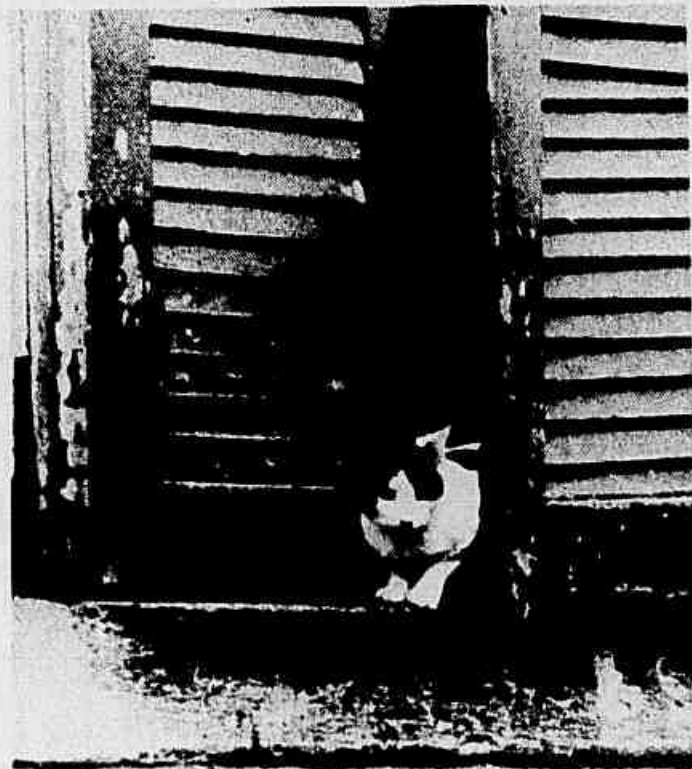


Foram meninos levados ou foi
apenas o tempo, quem destruiu
as vidraças das janelas da Bahia





Gato, menina, menino e cachorro. Na Bahia, tudo vai para janela.



**BAHIA É TERRA
DE MIL JANELAS**

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

CRÔNICA

GENI (MORENA) MARTINS

SOUBE QUERER

CANTOU OUTRO DIA, HOJE É
RAINHA ★ CARLOS HENRIQUE É
A PRIMEIRA CHANCE ★ A MAY-
RINK, A BOA AMIGA ★ UMA CO-
ROA QUE CUSTOU CARO ★ VA-
MOS CAMINHAR QUE A ESTRADA
É LONGA ★ SÍLVIO CALDAS SEU
CANTOR ★ BOM GOSTO



Geralmente a história das grandes «vedetes» do teatro começam da mesma forma: «certo dia faltou a estrela e eu fui obrigada a substituí-la e daí virei estrela também». Também as cantoras de rádio começam sempre cantando em teatros de amadores, festinhas familiares até o dia em que — geralmente ninguém conhece — resolveu apresentá-la ao Renato Murce ou ao César de Alencar, e vai daí que aos punhados viraram estrelas, ganharam coroas e se tornaram frequentadoras assíduas das páginas da «Revista do Rádio».

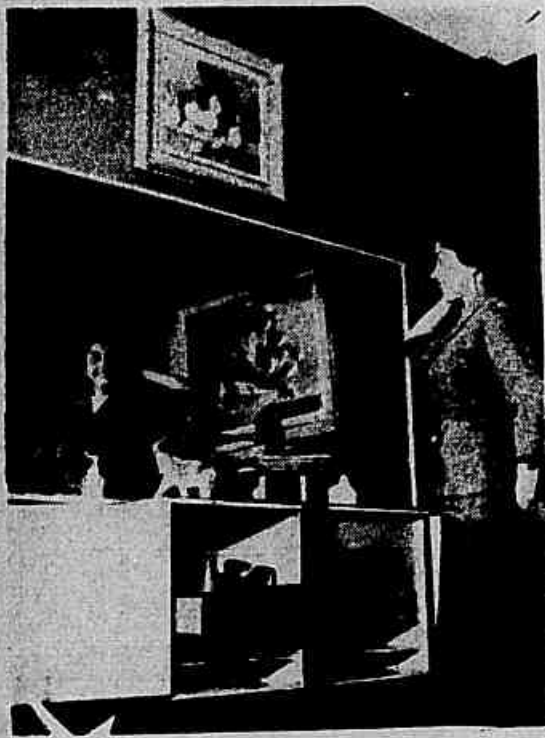
Geni Martins foi a moça que começou cantando logo para ganhar a vida e como o ingresso nas estações de rádio não é coisa fácil sem um bom cartão verde e amarelo, sem uns certos «requisitos necessários» para um bom começo de conversa, sem argumentos de chamar atenção a primeira vista achou que deveria começar a cantar onde surgisse a primeira oportunidade nem que essa fosse do tamanho de quase nada. Surgiu em vários lugares, em clubes, em festas, em «dançings», mas cantando sempre e de olhos abertos à espera de um chamado.

CARLOS HENRIQUE DEU A BOLA

É o chamado «voto». Carlos Henrique é aquele moço simpático, sem complexos, sem nervos, sem invejas nem ódiões e, vai daí que não fez a menor barreira para Geni Martins começar no seu programa que é um programa de público, popular e muito grato. Daí ela ganhou pé, e fez força para subir o que precisava. Foi nessa altura dos trabalhos que surgiu o concurso para a eleição da Rainha dos Músicos de 1956. Essa coisa de ser rainha — muito embora as coroas nada valham — é sempre bom para quem começa, pois a imprensa sempre sem assunto e já tão cheia de forjar reportagens sobre Angela Maria e Emilinha, encontram na gente nova assunto novo e entrega ao leitor novidade. Entrou no páreo de olhos fechados, sem cobertura de microfone, sem quem lhe garantisse nada. Era sózinha. Um grupo apareceu para avaliar a candidatura, mas depois o vento do tempo o afastou logo e já quando a moça estava na luta e não podia mais sair dela. Numa eleição complicada a moça Geni faturou 92 mil votos de corpos de luz nas suas concorrentes e quando ia enfiar a coroa na cabeça, a mesma estava enferrujada — segundo declarações da rainha anterior — Angela Maria. Angela não queria coroa, queria sim ser presença dentro do rádio, e representar a simpática e honesta classe dos profissionais da música. E isso ela conseguiu e uma vez com esta glória a sua disposição outra veio em hora precisa: um contrato da Rádio Mayrink Veiga — uma emissora que está trabalhando à base do calor e da bossa nova.

A ESTRADA

Agora, já é Geni Martins que nos conta que tudo parece mais fácil. Os compositores a procuram sabendo agora que ela vai gravar e, é uma felicidade ler o nome escrito na tabela de escalafões de ensaios e programas na sua Mayrink. Vai andando a morena cantora e daí a pouco será mais um nome incluído na lista das estrelas, se tiver cuidado no caminhar, se cuidar do repertório que só é arma forte se for todo brasileiro e nunca mesclado de tangos nacionais, nem desse mundo de boleros que tem sido por aí repetido como se samba fosse. Ela é fã de Sílvia Caldas e isso é um bom sinal e ótimo espelho. Só não mira nêles quem não quer!



VOLTA OU NÃO VOLTA?

O samba brasileiro está virando uma coisa engraçada. Já as revistas especializadas e já muitos cronistas não tomam conta dele há muito e deixam que os tangos nacionais e os boleros feitos em casa, tomem terreno ou só deixam vagas para as músicas estrangeiras mesmo. O sambista vai tropeçando, feito por quem sabe música, por quem não sabe música, por quem não sabe nada e dispõe apenas de um peito e uma coragem. Então saem coisas na praça que se derrama nas céras de gravações e são rodadas a mais de cem cruzeiros por vez, nas estações de rádio e há dinheiro na praça! É preciso ter uma certa paciência para ler sem conhecer a música, as variadas composições feitas para Momo, publicadas nas revistinhas do gênero. Foi olhando uma delas que descobri esse punhado de estribilhos, todos eles na tecla do «vai e volta ou volta e não vai». E eles aqui estão, alguns, é claro:

«Eu vou gritar...
Se meu amor não voltar
Foi no dia vinte e três, ai ai
Hoje está fazendo um mês.

Este canta desespero se ela não voltar. É o nosso Jorge Goulart. Mais adiante encontraremos Germano Mathias (?) que faz a sua declaração de volta de forma inteiramente diversa:

«Eu não volto mais pra casa
Enquanto aquela mulher
Aquela mulher ficou louca
Rasgou toda a minha roupa
E tentou me acabar...

Roberto Silva parece fazer uma verdadeira proposta a bem amada que foi embora. É inteiramente contrário a opinião do seu Germano e por isso canta com fé:

Volta que esta casa ainda é tua
Não fique aí pela rua
A perambular
Volta que é grande o meu afeto
Tu sabes que a felicidade
Ainda mora em nosso teto.

Angela Maria — a que prima por um absoluto mau gosto na escolha de seu repertório — escolheu este samba que a letra confusamente fala assim:

Aquela criatura
Que me abandonou
Fêz uma jura
De não voltar mas voltou
Aquela criatura, meu senhor
Vive chorando de dor.

Evidentemente que ela (a criatura) teria que chorar de dor e nunca de falta de dor ou alegria. Mas deixemos a moça mais fotografada de 56 e já vamos nos encontrar com Jackson do Pandeiro que é sem dúvida um ótimo cantor de cocos e baiões e nunca um sambista carnavalesco. Mas acontece que quando chega o Carnaval muita gente se sente mais ou menos obrigado a comparecer as cenas como se fosse eleição e o resultado é que nos encontramos com locutores, artistas, comédicos e outros cidadãos que durante o ano exercem determinadas funções, mas no Carnaval surgem como intérpretes. Vem então Jackson com a sua canção de volta:

«Meu Senhor,
Eu não vivo em paz,
Ela foi
E não voltou mais.

A quadra poderia ter o título de «composição infantil», feito pelo menino Jorginho (10 anos). E muitos e muitos outros estribilhos encontraremos nas nossas publicações de letra e música, e com paciência somamos uma assustadora dose de loucuras poéticas, sem nexos, sem forma nem sentido, mas que estão todas elas perpetuadas nas céras fáceis das nossas fábricas de gravações. Para encerrar, abolindo o tema de ida e volta essa homenagem ao nosso querido Brasil de rima permanente com céu de anil:

Brasil! Brasil! Brasil!
Fonte das musas és tu Brasil!
O sonho, a glória e a vida
Tesouro das artes reunidas.
Exaltemos nossos mestres brasileiros
Que até por outros mestres estrangeiros
Foram invejados
Com apoteoses laureados
Tiveram exaltados seu valor
Imitados no produto do seu labor.

QUATRO FOTOS SÃO NOTÍCIAS



JOSÉ LUCIANO — O moço veio do norte trazendo como armas das mais fortes, os dez dedos das mãos que ele manipula de forma maravilhosa no teclado de um piano. Chegou e foi notado. Andou brigando com a primeira fábrica de gravação — os nortistas são vivíssimos — e agora tudo bom e tudo legal para o seu lado. E' do rádio e da TV Tupi e em ambos já apresentado como autêntico e merecido cartaz.



GRUPO ONDE aparece um punhado de nomes do rádio. Da esquerda para a direita, como se costuma dizer: Bill Farr, que gravou um bonito samba (Sinho Desfeito) que também foi gravado pelo trombone de Raul, com o nome de «Pé Grande». Depois vem Paulo Gracindo que justifica a sua presença por ter feito parceria com Mirabeau, com a marcha «A Sempre Viva». Carmem Costa, pela ordem, e o propriamente dito Mirabeau.



JORGE GOULART — Não podemos afirmar se as constantes viagens de Jorge, semanalmente a São Paulo, o tem tirado um pouco da linha do vento carioca. A verdade é que o astro sempre foi um dos perigosos do Carnaval, mas este ano ainda não «apontou». Talvez tenha desprezado Nassara que lhe deu «A Balzaquiana» e aquele samba de Mangueira («aquê telhado de zinco que é Mangueira»). Jorge, toma tenência!



E MAIS UM GRUPO — O de óculos é o cronista de rádio Edel Ney, figura nortista e já com várias incursões na música brasileira como autor. Vem em seguida o artista Noel Carlos (danças e maracas), para depois chegarmos a Oscarito, que este ano não gravou para o Carnaval, o que foi uma ótima idéia. Francisco Carlos (Eta Portuguesa) combina bem com Oscarito: ambos ganham muito mas são de gastar quase nada.

Em matéria de discos

CARNAVAL

- ★ MARLENE — «Inda tem que rebolar» (Continental).
- ★ VENILTON SANTOS — Jogue a chave fora» (Odeon).
- ★ JORGE VEIGA — «Palhaço» (Copacabana).
- ★ BLACKOUT — «Inventor da Mulata» (Copacabana).
- ★ CÔRO E BATUCADA — «Maracangalha» (Odeon).

ESTRANGEIROS

- ★ «Le Rififi» — Lúcio e seu conjunto.
- ★ «My Little One» — Dick Jurgens.
- ★ «Rose of Washington Square» — Lúcio (Todos Colúmbia).

TRES L.Ps. de Kostelanetz:

- ★ «Contos dos Bosques de Viena» (Strauss).
- ★ «Pizzicato Polka» (Strauss).
- ★ «Marcha Militar, Op. 51, N° 1» (Schubert).



PERCY FAITH, considerado um dos melhores «band leaders» norte-americanos, cujas gravações conseguem um enorme êxito em todo o Brasil. Vale a pena ter na sua discoteca esta sua gravação em 78 rotações: «Petite» e «Ching Ching-A-Ling».

VALE A PENA LER DE NOVO

DO «DIÁRIO DA NOITE» (12 de janeiro de 1957 — do Serafim que é Everardo Guillon) — «Segundo escutei falar por boca do sr. Jurandir, que não queima mas Chamusca, pois, dizia eu, segundo escutei falar, aquela cantora baiana chamada Ellen Oleo de Lima, que se livra das piadas e dos maus olhados, foi dispensada da Mayrink ou não teve o seu contrato reformado. Segundo disseram ao sr. Chamusca e o sr. Chamusca me contou, a senhorinha Ellen Oleo de Lima se negou a ir a São Paulo alone (sòzinha em inglês) acompanhada do sr. Caribé da Rocha, que é muito vivo como qualquer imbecil dêste Rio de Janeiro já sabe! Ante a negativa o fato foi levado ao conhecimento da alta administração, que optou pelo velho tema: «La cuerda arre-benta de lo lado más fraco»...

DO «CORREIO DA MANHÃ» (13 de janeiro de 1957) — COISAS QUE DESAGRADAM NO RÁDIO — «Saber que a Nacional anunciou o corte de alguns artistas do seu «cast», que aborrecem quando cantam e até agora não vimos nada. Ouvir programas de gravações, sem que nêles sejam citados os nomes dos compositores. Com excessão da B-7 que o vem fazendo religiosamente. Encontrar, em todo canto da cidade, um cantor chamado Edson Gil, sendo calorosamente aplaudido e elogiado e os responsáveis pelos elencos das emissoras conhecendo-o não tomarem providências. Preferem enriquecer um punhado de desafinados».

O ESCANDALO INTERNACIONAL D



O quadro do Honved (tamosol) que afinal na
estréia não justificou a briga e o escândalo
internacional que provocou.

**O FLAMENGO DESAFIOU A C.B.D., A F.I.F.A. E ACABOU GANHANDO OS PRIMEIROS «ROUNDS»
★ MAS A LUTA APENAS COMEÇOU E NÃO SE SABE O QUE PODERÁ ACONTECER ★ NEM TODOS
OS HÚNGAROS DO HONVED VÃO PREFERIR A LIBERDADE... DIFÍCIL VAI SER A DEFESA EM
ZURICH: MAS OS ATAQUES PESSOAIS TÊM SIDO FÁCEIS NO BRASIL ★ UMA FLORIDA LISTA DE
ADESÕES À CAUSA RUBRONEGRA ★ O TRICAMPEÃO NÃO DEVIA TER FEITO O QUE FEZ, MAS
PRECISAVA ★ O HERÓI DA HISTÓRIA NASCEU NA ARMÊNIA E É NATURALIZADO FRANCÊS...**

Reportagem de ELMO LINS

ALDO FUTEBOL

Servindo de pasto à mais desenfreada demagogia, estourou o «caso» Honved, que começara simplesmente entre a delegação em excursão e a direção da entidade húngara. Na sequência, atraindo ambições e simpatias, surgiram acontecimentos que foram ampliando o raio de ação da luta entre clube e entidade, envolvendo FIFA, federações de vários países, órgãos políticos, embaixadas e governos. Hoje, se não é o principal assunto do noticiário telegráfico, forma entre os mais destacados e com promessa de continuar por esses meses de 1957. O fleumático — é sempre bonito chamar um inglês assim — presidente Arthur Dwyer, que dirige a FIFA, já precisou sair da toca para falar aos jornalistas sobre o problema, ameaçado que está de uma grande crise. O pobre do secretário Kurt Gasman, suíço, está acamado na sua Zurique, sem poder chegar à entidade para descobrir soluções nos regulamentos. O que ainda vem ajudando é o inverno, muito forte como sempre na Europa, justificando a demora das providências. Mas depois de 23 de março, na primavera, a FIFA terá mesmo de agir, se decididamente quiser continuar a ser o organismo dirigente do futebol mundial. Por muito louvável que tenha sido, em parte, a decisão do Flamengo, de apelar para indisciplina a fim de dar um campo ao Honved para jogar, a entidade internacional acabará atada à lei. E esta fala em punição, de acordo com o artigo 9º, que reza: nenhuma exibição, etc., poderá ter lugar sem autorização da federação nacional, etc., etcetera... Caso contrário, então entrará em ação o bloco soviético, (o que costuma gritar muito na ONU) e que não deixará de berrar na FIFA. Passaremos da guerra fria para a quente, o que inclusive combinará melhor com a mudança de estação no Velho Mundo. Terceira hipótese: os empresários que dominam o futebol na Europa, Ucrainski (armênio naturalizado francês), Agid (francês mesmo) e outros, tratarão de encontrar a solução para o problema, a fim de não estragar a boa fonte de renda das temporadas internacionais. Com cruzeiros, francos ou na versão oficial em dólares, tudo poderá chegar a bom termo.

O FLAMENGO LANÇA A SUA BOMBA

Errou o Flamengo? Perante os regulamentos internacionais, não só errou como continua cometendo enganos, em que pesem todos os argumentos simpáticos e também os raciocínios muito tolos dos que defendem a sua causa, defendendo-se principalmente para ganhar projeção. Arriscou-se, realmente, porque a FIFA, se quiser julgar o caso ao natural, não poderá deixar de aplicar severa penalidade ao clube carioca. Mas do ponto de vista da atual direção rubronegra, era o caminho a seguir. O Flamengo (não se ofendam com a verdade, pois é a história de quase todos os clubes brasileiros), está em dificuldades financeiras, acrescidas pela idéia muito bonita, porém deficitária, da temporada do clube sueco AIK. Não diríamos, por delicadeza, que estava com a corda no pescoço, a fim de não usar imagem muito batida, mas necessariamente precisava cuidar do futuro. A atual diretoria, apesar da força do mandato, está com o seu período para terminar e na hora da prestação de contas teria de falar em números que assustariam os membros do Conselho Deliberativo. Tomando por base o Brasil, nada demais haveria no grande deficit orçamentário dos rubronegros, se não fôsse o receio, justo, das críticas dos associados e do público em geral. Por ser «o mais querido», os dirigentes do clube temiam a repercussão do desastre, da briga entre as colunas do deve-e-haver. Precisavam de um milagre e este surgiu com a sugestão do jornalista Geraldo Romualdo da Silva, há um mês,

feita ao presidente José Alves de Moraes, para que convidasse o Honved. No terreno dos milagres, já que enveredamos pelas intervenções ditas do céu, apareceu o sr. Oswaldo Corcos, de uma empresa que cuida de temporadas esportivas, com uma carta de apresentação de



O presidente da CBD, doutor Silvio Pacheco, bateu o pé e disse NÃO ao Flamengo e SIM às ordens da FIFA. Dizem que ele estava com um olho na lei e outro na própria reeleição. Mas o também doutor Fadel Fadel diz que o doutor Silvio Pacheco agiu assim por exibicionismo e vaidade. Pura e simplesmente.



Atendendo aos desejos do governo, o deputado Geraldo Starling conseguiu alterar o pensamento de seus companheiros do Conselho Nacional de Desportos. Quem era contra os jogos ficou a favor, e não se fala mais nisso. Mas a CBD não se conformou com a história.

uma companhia aérea, a SAS. O clube húngaro, sob a direção de Emil Osterreicher, corria a Espanha, Bélgica e a Itália, e o Flamengo iniciou entendimentos. Daí em diante os fatos não se tornaram muito claros, apesar do respeito que se possa ter pela palavra dos interessados, havendo a conferência Osterreicher-vice-ministro Zuztav Sebes em Bruxelas, uma autorização anunciada mas que infelizmente não pode ser comprovada por escrito, a proibição da federação húngara, e finalmente a briga do Flamengo, com a C.B.D. e com a FIFA.

RESPEITO A PALAVRA, A FALTA DE DOCUMENTOS

O assunto, então, enveredou por caminhos lamentáveis, pois ninguém mais se entendeu na hora da arrumação dos argumentos. Alegando ter assinado um contrato com o Honved, que teria sido firmado em Amsterdam a 29 de dezembro último, o Flamengo exigiu da C.B.D. a licença para jogar, apesar da proibição da Federação Húngara. A entidade máxima, que dia 5 de janeiro autorizara a temporada, no dia 8 teve de cancelar a ordem, face ao recebimento do documento oficial da FIFA, comunicando a decisão da Federação Húngara. Quando o Flamengo foi à rua da Quitanda fazer o dramático apelo à C.B.D., não levava qualquer documento para reforçar o pedido. O contrato tinha sido enviado para a Europa e ainda não voltara, o



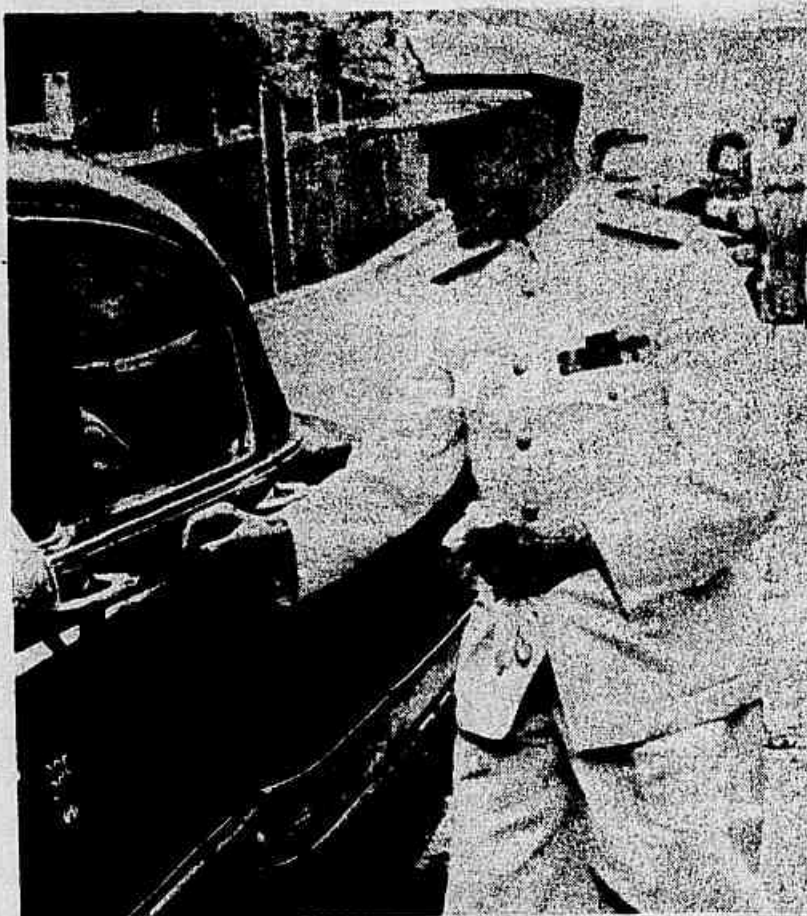
Alves de Moraes, presidente do Flamengo. Dentro do clube está naquele limite estreito em que se pode transformar em herói ou em vilão sem que ninguém se surpreenda.

ultimatum da companhia aérea, a KLM, fôra feito por intermédio da intermediária Real Pax, empresa a que serve o já citado Oswaldo Corcos. Em torno da existência ou não do compromisso escrito, os doutores debateram durante dias, até quando chegou a delegação do Honved. Mas a Federação Húngara, antes, avisara que o chefe Emil Osterreicher não tinha autorização para firmar contrato e que desde 22 de dezembro os jogadores, chefes e tudo deveriam ter regressado. Existia o contrato com data de 29 de dezembro? Não se pode, honestamente, deixar de aceitar a palavra do presidente José Alves de Moraes. Mas ele, que é advogado, esqueceu-se de pormenor importante: o de mandar que o compromisso fôsse registrado em cartório na Europa. O autor da legislação esportiva do Brasil, sr. João Lyra Filho, em entrevista a um jornal, dizendo-se a favor da causa do Flamengo, acentuou em defesa do rubronegro: «o contrato, se registrado, não pode ser derrubado por decisão ulterior ou polícia administrativa». Na entre vírgulas, como se vê, havia a necessidade do registro, providência esquecida lamentavelmente e que importará em falha perante a defesa a ser feita na FIFA. E' falho, também, o documento assinado com data de 8 de janeiro, pelo sr. Oswaldo Corcos, dando prazo ao Flamengo de 24 horas para decidir sobre a viagem sob pena do pagamento integral das passagens Milão-Rio-Milão, porque o citado intermediário nem ao menos é diretor da empresa e quando muito o Flamengo seria obrigado a pagar a primeira parte da viagem, já que o outro avião, o do retorno da delegação, não estaria bloqueado com tanta antecedência. Fazemos votos para que o advogado do Flamengo, na defesa junto a FIFA, tenha bons argumentos na hora do debate, já que os documentos em si não ajudarão muito. Muito melhor será explorar a tecla do caso especial dos jogadores do Honved perante a situação política de seu país, o que é outra história.

O ESCÂNDALO INTERNACIONAL DO ...

MAGNÍFICA COBERTURA

Como «avant-première» do que vai enfrentar na FIFA, o Flamengo não encontrou boa acolhida na C.B.D. para as suas pretensões. Vendendo-se perdido, movimentou os trunfos ocultos, jogando na mesa forças desconhecidas. A cobertura, faça-se justiça, foi magnífica, apesar dos que entraram de reboque, para aproveitar o assunto que projetava nomes. Reunidos numa mesma causa, o Presidente Juscelino Kubitschek, pela interposta pessoa do deputado Geraldo Starling, presidente do C.N.D., o jornalista-deputado Carlos Lacerda, o arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, d. Helder Câmara, o prefeito Negrão de Lima, o indefectível almirante Pena Botto e a sua Cruzada Anti-Comunista, as Pionei-



O almirante Pena Botto não perdeu essa chance para exibir a sua mediocridade, e distribuiu cartazes pela cidade com proclamações pretensamente anti-comunistas.

ras Sociais de d. Sarah Kubitschek, o imortal José Lins do Rêgo, atacando também os vivos por parábolas, alguns «nacionalistas» de importância, os indispensáveis «donos da enchente», enfim todos os que — com raras exceções — não deixaram fugir a chance para garantia de um lugar ao sol num assunto de repercussão mundial. O papel de bandido ficou para a C.B.D., com seus dirigentes ameaçados com o poste, pelos que andaram com lenço vermelho no pescoço, com algumas tiras pretas, para dar cor apropriada. De um dia para o outro, por força da influência direta do governo, três membros do C.N.D. — srs. Paula Ramos, Gastão Soares de Moura Filho e Milton de Mastro Menezes, que eram pelo respeito a lei, decidiram-se pela autorização da temporada, com a chegada do deputado Starling de Belo Horizonte e um telefonema apêlo de d. Sarah Kubitschek. O cerco foi sendo apertado, envolvendo mais o presidente Herbert Moses, que mandou um te-

legrama à FIFA fazendo um apêlo em nome da imprensa. Um secretário de jornal impôs mudança de orientação a um chefe de seção esportiva, um humorista, Everardo Guillon (o Super XX), agrediu o chefe de sua seção, Fernando Bruce, por culpa do «affaire» Honved. E por falar em agressão, o crê-ou-morre foi a palavra de ordem dos escribas que defendiam o Flamengo, gritando contra o totalitarismo do regime comunista de Janos Kadar, na Hungria e os seus asseclas da Federação Magiar. Houve gente — à frente os jornalistas Carlos Lacerda e Vargas Neto — que quase chegou ao extremo de declarar guerra ao bloco soviético, usando argumentos que não puderam deixar de causar riso, embora o risco de se ser apontado como comunista. E o almirante Pena Botto imprimiu cartazes e distribuiu-os por toda a cidade, ajudando de certo modo aos que gostam de aprender idiomas, com a inserção de frases em magiar.

O BOTAFOGO NA CAUSA DA HUNGRIA LIVRE

Mas se tudo estava ganho na batalha da viagem, na temporada que passava a ter caráter oficial de governo sem o indispensável aval das entidades esportivas, o Flamengo lutava ainda com a falta de adversários para o Honved. E foi quando houve a adesão do Botafogo, cuja diretoria não gosta dos atuais mentores da C.B.D. e aproveitou a ocasião para dar uma prova pública de desprezo. O pior é que, perante a FIFA, o Flamengo ainda poderá ter uma defesa, a que se baseia na história do contrato e dos prejuízos, etc. E o Botafogo? Sim, logo o Botafogo que não quis deixar o jogo Vasco x Olaria mudar de campo, com o campeonato de-

O jornalista Carlos Lacerda, aproveitando as férias parlamentares, invadiu o setor do esporte, no mais puro e elegante estilo Dom Quixote.



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



seu débito a perda do tetra, ganhou novo alento com a temporada dos húngaros. A Federação Húngara estará defendendo o pagamento dos passes de seus craques, que tiverem manifestado desejo de ingressar em clubes de outros países. No Rio o Carnaval terá passado, pois está marcado para os primeiros dias de março. Cada qual, de acôrdo com o seu ponto de vista, estará sentindo a sua quarta-feira de cinza com ressaca mais ou menos forte. Os que gostam de demagogia, terão descoberto um novo filão, os que entraram sinceramente na luta (muitos não há dúvida) ficarão apreensivos com as consequências da grande travessura, os que se despediram do caso, vão fazer filosofia, talvez mesmo acusando de precipitados os que meteram a cabeça demais na confusão. Rico, (e o mais feliz de todos), será Julius Ucraynski, nascido na Armênia, e como o seu colega de profissão Boghossian, naturalizado francês, que promoveu realmente a temporada do Honved fora da Hungria. Um empresário cheio de sucessos logo no primeiro mês do ano; que importa que outros tenham pago as consequências? O que é Flamengo? O que é C.B.D.? O que é Honved? O que são craques húngaros?...

finido, a fim de não infringir a lei. Depois, o Olaria brigado com a FIFA que andava exigindo a indenização por falta de cumprimento de um contrato na Bélgica, agora com a cobrança feita pelo Consulado da Bélgica, também aderiu a causa da Hungria Livre. Húngaros que preferiram a liberdade? Acharmos melhor esperar um pouco, pois já vários deles não fizeram segredo da intenção de regressar à terra natal, à frente o deputado Bozsik. As espôsas de alguns, entre elas a do citado deputado e do atacante Kocsis, já estão em Budapeste, depois da temporada de recreio em Ospidaleta, na Itália. O chefe Emil Osterreicher, o capitão Puskas, o ponteiro esquerdo Czibor, o arqueiro Grocics, pelas suas atitudes, duvidamos que realmente

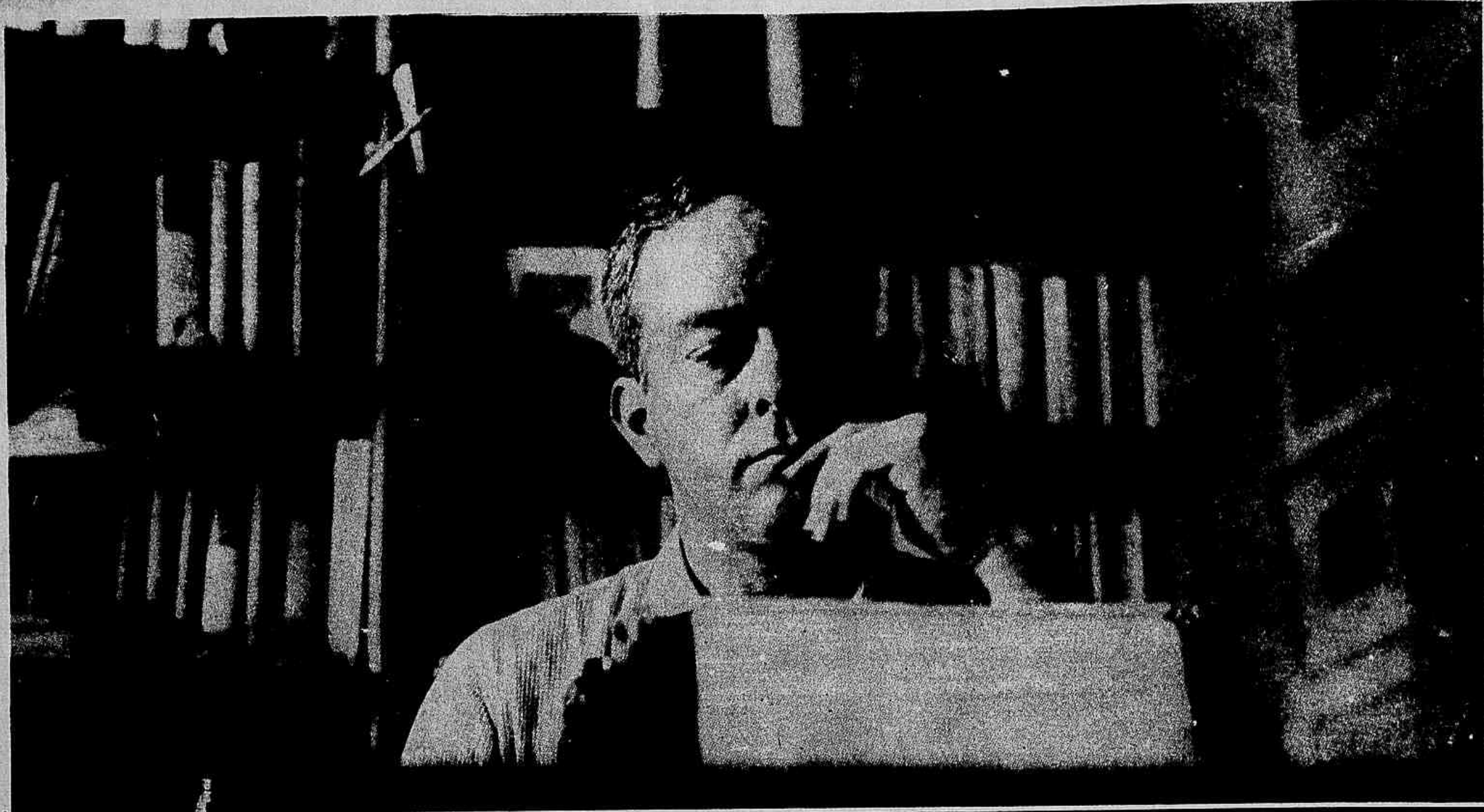
tenham em retomar, pois a Gestapo local providenciará para que sejam colocados diante de um pelotão de fuzilamento ou para que sigam para invernar na Sibéria. Os outros, os que não são famosos, dificilmente poderão viver de sua profissão fora da Hungria.

QUANDO A PRIMAVERA CHEGAR...

Assim, quando a primavera chegar na Europa, o holandês Lotsy, o inglês Dwrey, o suíço Gassman, o chileno Bianchi, o italiano Barassi e outros irão a Zurique para examinar o chamado «caso» Honved. No Brasil já terá havido renovação de diretoria no Flamengo, onde o atual presidente Alves de Moraes, que tinha a

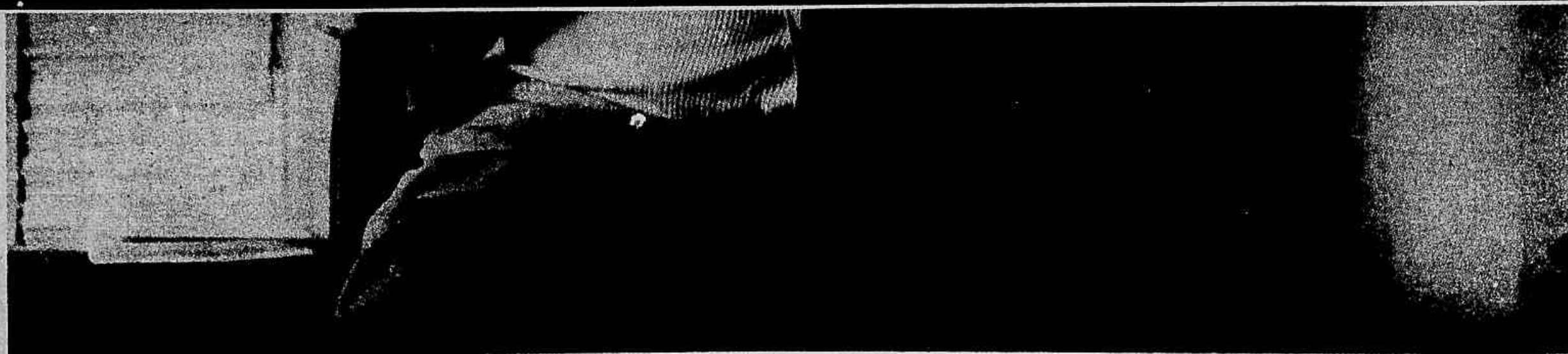


**NAS BOAS CASAS E NOS
SALÕES DE BELEZA E PLÁSTICA
DE
Mme. CAMPOS**
A melhor limpeza de pele do Rio:
Assembléia, 115 - 1º - Tel. 22-1184
RIO



VINÍCIUS DE MORAES

(numa entrevista a JOEL SILVEIRA) perde a calma:



O CINEMA BRASILEIRO ESTÁ COM 30 ANOS DE ATRASO ★ E OS «PICARETAS» E OS «TUBARÕES» FAZEM TUDO PARA ENTRAVAR O SEU PROGRESSO ★ REMOVER A PORCARIA E CONSTRUIR EM BASES SÓLIDAS E RESISTENTES ★ OS OBJETIVOS E OS PROPÓSITOS DA COMISSÃO FEDERAL DE CINEMA, RECENTEMENTE CRIADA

OBJETIVOS IMEDIATOS DA COMISSÃO FEDERAL DE CINEMA

- 1 — Apressar a criação do Instituto Nacional de Cinema.
- 2 — Estabelecer, através do Instituto, condições de financiamento para os produtores nacionais.
- 3 — Criar (no Instituto) uma escola de documentaristas, cuja função, como aconteceu na Inglaterra e no Canadá, pode ser decisiva para a formação de uma cinematografia nacional de interesse internacional.



Vinícius de Moraes, poeta, jornalista, diplomata, homem de capacidade indiscutível, um dos maiores conhecedores de cinema do Brasil, quase foi desconhecido pelo sr. Moniz Viana, crítico de cinema do «Correio da Manhã». Mas Vinícius promete dar uma varrida no cinema nacional e colocá-lo no caminho da recuperação. 30 anos (pelo menos) nos separam dos grandes países produtores.

Numa crítica (violentíssima) estampada na sua coluna do "Correio da Manhã", Moniz Viana, comentarista de cinema, atacou frontalmente a Comissão Federal de Cinema. Não só a Comissão em si, cuja utilidade não reconhece, mas cada um

cônsul em Los Angeles, em 1946, fez em Hollywood os cursos de cenário e direção, estudando praticamente cinema nos estúdios sob a orientação de seus amigos Orson Welles e o grande "cameraman" Gregg Toland, já falecido. Enquanto no posto,

"É PRECISO ACABAR COM OS LULUS-DA-POMERÂNIA DO CINEMA NACIONAL"

dos seus membros — aos quais acusou de amadores, charlatões e cripto-comunistas. Vinícius de Moraes, um dos componentes da CFC, mereceu de Moniz Viana adjetivo menos contundente — é, na crítica, tratado apenas de "poeta". Poeta, Vinícius o é, e dos maiores da atual literatura brasileira. Mas o "poeta", na crítica de Moniz Viana, não queria dizer isto. Queria dizer que Vinícius era apenas poeta, nada entendendo de cinema.

O fato, porém, é que o "currículo" cinematográfico de Vinícius de Moraes é grande. Vejamos. Ele se interessa por cinema desde menino, tendo sido mesmo, quando ainda estudante de Direito, um dos fundadores (juntamente com Otávio de Faria, Amir Castro e outros) do primeiro Chaplin Club da América do Sul. De volta da Europa, em 1940, foi convidado para fazer a crônica de cinema no jornal "A Manhã", exercendo-a durante dois anos. Data dessa época o debate que manteve com Ribeiro Couto sobre cinema silencioso e cinema sonoro, e que arrastou a maioria dos escritores e cientistas brasileiros, provocando pronunciamentos de todo o país. Compelido a deixar o jornal, por pressão das companhias cinematográficas, retomou suas atividades de crítico em 1945, no "Diário Carioca". Nomeado

lançou com Alex Viany a revista "Film", cujos números aparecidos tiveram a maior aceitação, colaborando também na conhecida revista de cultura cinematográfica "Hollywood Quarterly". Em 1951, de volta ao Brasil, retomou suas atividades de crítico em "Última Hora". Designado, em 1952, delegado do Brasil ao Festival de Punta del Este, teve, com Jorge Guinle, a idéia do I Festival Internacional de Cinema do Brasil, cujas bases lançou oficialmente, partindo a seguir para a Europa, a fim de estudar a organização dos Festivais europeus de cinema. Viu, nessa capacidade, os Festivais de Cannes, Berlim, Locarno e Veneza, havendo, no primeiro, participado da Primeira Conferência de Autores de Filmes. Ainda em 1951, convidado por seu amigo Alberto Cavalcanti, participou da equipe que redigiu o ante-projeto do Instituto Nacional de Cinema, após o estudo acurado de toda a legislação cinematográfica vigente. Em 1955, achando-se em posto em Paris, conheceu o grande produtor francês Sacha Gordine, que se interessou por sua peça "Orfeu da Conceição", adquirindo-lhe os direitos de filmagem. O roteiro apresentado agradou ao produtor, e o filme acha-se em estágio de planejamento em Paris. Em vésperas de regressar ao posto, recentemente, depois do lançamento de "Orfeu da Conceição" em teatro, foi surpreendido com a sua

"É PRECISO ACABAR COM OS LULUS- DA-POMERÂNIA DO CINEMA NACIONAL"



designação, pelo Presidente da República, para integrar a Comissão Federal de Cinema, na qual se acha atualmente trabalhando.

OS LULUS-DA-POMERÂNIA DO CINEMA NACIONAL

O poeta Vinícius de Moraes é homem manso, de trato ameno, mas vez por outra perde a calma, particularmente quando tem de se referir aos "picaretas" do cinema nacional. Então, explode:

— Quem é que está contra o programa da Comissão Federal de Cinema? Dois ou três lulus-da-pomerânia da imprensa local, que servem (com seus latidos) aos grupos externos e internos de pressão. Sobre estes o melhor é não falar, pois seu papel é de tal modo aviltante que chega a dar náuseas de estômago. A esses comedores de strogonoff e colecionadores de envoltórios de balas com retrato de artista de Hollywood, — a esses a minha mais completa falta de estima e consideração.

Desabafado, o poeta volta ao seu uísque.

REMOVER A PORCARIA SUBJACENTE NO CINEMA NACIONAL

— Mas você acha exequível o plano da CFC? V. não acha que as forças contrárias são muito mais poderosas do que qualquer programa mais honesto visando dar qualidade ao cinema brasileiro?

Vinícius de Moraes inflama-se novamente:

— Se a coisa não fôr adiante, o primeiro enganado será o próprio Presidente da República. Pois estou certo de que é indutível a boa fé do Presidente na questão. Designando uma comissão de 17 membros, na qual estão representados todos os setores da indústria e da arte cinematográficas, e recomendando a essa Comissão que propusesse medidas orgânicas práticas, dentro do menor prazo possível, capazes de tirar a indústria desse impasse, deu o Presidente prova de estar não só alheio à porcaria subjacente (que urge remover) no cinema nacional, como de querer enfrentar de face os graves problemas que a franca exposição dessa necrose apresenta. Sua palavra, transmitida à Comissão pelo ministro da Educação, que vem a ser seu presidente, não deixa margem a nenhuma dúvida. O Presidente da República quer saber o que há, e está aparentemente disposto a arregaçar as mangas para tentar salvar o que resta de uma atividade cujo atraso, com relação aos países

grandes-produtores é de cerca de 30 anos. Isto mesmo — 30 anos!

"Quanto à Comissão em si, visa ela não só propor um substitutivo prático ao ante-projeto do Instituto Nacional de Cinema, ora em tramitação no Senado Federal (ante-projeto do qual fui um dos redatores), substitutivo esse que funcione dialéticamente, em consideração aos nossos problemas de país de economia reflexa, — como uma série de outras medidas eminentemente práticas e de caráter urgente, visando desafogar o cinema nacional da canga que o submete e lhe mantém a cabeça baixa. Dentro da Comissão foram criados vários grupos de trabalho, que estudam separada e detalhadamente todas as questões relativas ao cinema brasileiro. Todas as leis estão sendo revistas, para efeito de sua atualização e codificação rápidas. E posso garantir que depois do ajuste de todos os relógios, em duas ou três sessões plenárias, a Comissão Federal de Cinema falará praticamente como um só homem.

A COMISSÃO FEDERAL DE CINEMA QUER ACABAR COM OS "TUBARÕES" E OS "PICARETAS"

Vinícius de Moraes mastiga um pedaço de queijo (no apartamento de Rubem Braga), explica o que é e o que pretende a Comissão Federal de Cinema:

— A Comissão Federal de Cinema é a resposta do governo a um apêlo desesperado que foi dirigido ao Presidente da República pelo Sindicato dos Produtores Cinematográficos. Considerando catastrófica a atual situação do nosso cinema, resolveu o Sindicato tentar um último gesto, no sentido de salvar a nossa incipiente indústria do filme. E a verdade é que somente uma grande dose de espírito pública e, sobretudo, coragem por parte dos dirigentes do país, pode tirar o cinema nacional da fossa em que se encontra, resultado da ingerência corrente de interesses alienígenas; da inexplicável burla à lei, que ocorre francamente, em franco desprestígio da produção nacional; da reserva de capital, proveniente da má qualidade do filme brasileiro usual, feito com um puro espírito de lucro extraordinário imediatista, e da falta de organismo bem estruturado e capaz, pela sua organização, de coibir esses abusos e estimular a produção cinematográfica nacional — mesmo contra a ganância dos aventureiros e "picaretas" que gozam de situação privilegiada junto aos açambarcadores e "tubarões" da indústria.

FALANDO AO LEITOR

O senhor J. Vasconcelos, se confessando assíduo leitor da «Revista da Semana», escreve para dizer: «é enorme a minha satisfação com a fase dinâmica em que entrou a revista. Gostei principalmente das reportagens, «Fracassou o Primeiro Ministério Juscelino» e «Consumou-se a Imoralidade». «A continuar nesta linha estou certo de que a «Revista da Semana» prestará valiosos serviços ao Brasil». E' esse o nosso objetivo, sr. Vasconcelos. Não desistiremos e a repercussão que estamos obtendo nos animam a continuar nesse caminho que parece realmente agradar aos leitores de todo o Brasil.

Os srs. Adolfo Marques, Gildásio Campos e Roberto Bandeira, escrevem para dizer a mesma coisa: que o sr. Chateaubriand não é elegante. E' um ponto de vista. Mas temos recebido tantos telefonemas e tantos elogios pela inclusão do senador na lista dos mais elegantes, que estamos inteiramente convencidos da justeza da escolha. Gratos e desculpe pela discordância.

O sr. Milton Nunes quer saber se o sr. Winston Churchill poderá voltar ao governo da Inglaterra. Só em caso de guerra, sr. Milton. Então seria evidentemente formado um governo de coalizão e a experiência e o saber do velho estadista seriam requisitados. De outra maneira, não.

O sr. Wilton Landes Rocha, pede que publiquemos semanalmente o preço dos automóveis. A revista PN já o faz, sr. Rocha, com excelentes informações e consultando realmente as oscilações do mercado.

Estamos preparando uma série de reportagens com fotos de Yllen Kerr e texto de Carlos Lemos, sobre as moças que se transformaram em notícias. As moças mais bonitas que circulam pelo Rio serão retratadas nessas reportagens. Aguardem.

Dentro em pouco publicaremos uma série de reportagens «bomba» sobre o ensino no Distrito Federal. A extorsão praticada pelos donos de colégios; a exploração dos professores; as boites (colégios onde todo mundo é aprovado); os p.p. (pagou passou) e toda a gama de irregularidades de que se compõe o ensino carioca, serão mostradas ao público. Com essa série de reportagens estreará na «Revista da Semana» o excelente repórter Antônio Rocha. Uma das nossas boas aquisições.

O sr. Marcos Jorge Fialho pergunta como vai o duelo Cotrim Neto x Pereira Braga. A espera de terminar o prazo fatal. Quando chegar a hora, muita sujeira dêsse negócio da água será contada pelo vereador do Distrito.

Cyngegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

Ha quasi
UM SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**B É L -
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00



SEJA ESPECIALISTA DE AERONÁUTICA

Rapazes de 15 a 22 anos Não precisa ter ginásio
Ordenado inicial mínimo Cr\$ 9.700,00

Curso preparatório por correspondência em seis meses.
Para melhores esclarecimentos preencha o cupom abaixo e envie-o à

ACADEMIA PAULISTA DE CULTURA
Caixa Postal 6583 S. Paulo

NOME
RUA Nº
BAIRRO CAIXA POSTAL
CIDADE ESTADO

MANDE CR\$ 5,00 DE SELOS PARA DESPESAS

O PRÍNCIPE SE DIVERTE — Esta foto expressiva é do príncipe de Limbourg, noivo da princesa Helena da França, que se vê à direita. O príncipe é entusiasta do ballet e do Rock'n Roll e está dando uma demonstração de seus conhecimentos: move os braços para cima e para baixo e acompanha esse movimento com um revirar de olhos impressionante. O auditório parece bastante interessado na dança do jovem príncipe.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

O príncipe é adepto do ballet e do «rock'n roll» — O noivo de Helena da França é alegre e sem sombra de máscara — O irmão de Ali Khan conquista o seu primeiro triunfo na carreira de «play-boy» internacional — Pablo Picasso e Ilia Ehremburgo se desentendem com os maiores do comunismo — Picasso é acusado de excessivo «individualismo» e Ilia não quis subscrever a violenta resposta a Sartre — O príncipe Charles (filho da Rainha da Inglaterra) pela segunda vez é expulso de um campo de futebol — Levou um pontapé, revidou, acabou sem participar do resto do jogo — O Duque de Edimburgo e a Rainha Elizabeth foram notificados do procedimento anti-esportivo do príncipe.



O NÚMERO TRES

A atriz norte-americana Elizabeth Taylor, ora empenhada em conseguir o seu segundo divórcio, foi vista numa festa de Hollywood com um homem geralmente apontado como o possível terceiro marido. Trata-se de Mike Todd, produtor cinematográfico, famoso sobretudo por haver tentado, em vão, realizar nos Estados Unidos o filme «Guerra e Paz». O mais recente filme de Todd é «Volta ao Mundo em 80 Dias». Liz, como é sabido, gozou durante alguns anos de aparente felicidade conjugal com o ator inglês Michael Wilding. A atriz conta, no momento, 24 anos.



AGA KHAN INQUIETO

Sadrudin Khan, irmão mais jovem de Ali, considerado o filho modelo, sério e estudioso, a ponto de se falar que é ele o sucessor natural de Aga Khan, começou, com a sua última atitude, a inquietar o velho pai. Eis aqui o príncipe, de vinte cinco anos, fotografado no aeroporto de Londres, na companhia da ex-moço Nina Dyer, esposa do barão Von Thyssen.



PICASSO E EHREMBURGO NO OSTRACISMO

Pablo Picasso e Ilia Ehremburgo. Por causa da sua já famosa carta, o pintor espanhol está sendo acusado de «individualista». Por sua vez, o escritor soviético não assinou a formalística resposta a J.P. Sartre publicada pelos seus colegas na «Gazeta Literária» de Moscou.

**POR ESSE
MUNDO...**



O príncipe fulmina com um pelotão na direção da área do adversário. Mas o «tiro» não foi feliz, o que o faz voltar correndo para defender o seu campo. Observe-se que esta é a primeira partida de que participa o príncipe inglês.



Três flagrantes do príncipe Charles durante o encontro. À esquerda: cobrando uma penalidade. Ao centro: o príncipe se congratula com um dos companheiros que assinalou um gol. À direita: violento sôco dado num adversário por causa do seu jogo bruto. Aí se originou a expulsão de ambos.

O PRÍNCIPE CHARLES JOGA FUTEBOL E É EXPULSO DE CAMPO

O Príncipe Charles da Inglaterra, que completou recentemente 8 anos, participou de sua primeira partida de futebol. Doze meninos (todos da mesma idade) entraram em campo e depois de alguns chutes experimentais, disputaram um jogo, seis contra seis. O príncipe Charles jogava de centro-médio, mas não se pode dizer que as regras foram respeitadas. Houve um pontapé violento de um dos garotos, que atingiu o príncipe. Este revidou também com certa energia, e para que o incidente não tomasse proporções maiores, o juiz retirou os dois elementos de campo. O príncipe não queria sair, mas o capitão do quadro contrário exigiu que as ordens do juiz fossem cumpridas. O que acabou acontecendo. Quanto à parte técnica, não se pode dizer que tenha transcorrido também com muito brilho. Os jogadores (naturalmente bisonhos), corriam agrupados, sem sentido de marcação, provocando uma certa confusão em campo. Todos queriam ir ao mesmo tempo na bola. O príncipe jogou apenas 36 minutos. Saiu de campo, entrou no automóvel que o esperava e se dirigiu ao Palácio, onde se mostrou muito satisfeito com a experiência. Por enquanto não se pode fazer uma análise segura sobre o seu futuro como jogador de futebol. Mas de qualquer maneira o certo é que se ele precisasse do futebol para viver teria que melhorar muito a sua maneira de correr, os driblings e a forma de bater na bola.



Verificado o incidente o juiz determina a expulsão de campo, do príncipe e seu adversário. O príncipe não quer sair. O capitão do quadro adversário intervém (foto) e exige que as ordens do juiz sejam cumpridas. O que finalmente aconteceu.



O príncipe Charles encontra-se ao centro. É claro que os jogadores não respeitaram as regras mais comecinhas. Todos, agrupados, correm atrás da pelota. Aos 8 anos de idade, o importante não é o estilo ou a classe, mas correr e se divertir. E a corrida de Charles atrás da bola durou 35 min.

Literatura e arte

por ROBERTO TRAVASSOS

GABRIELA



O MUNDO fica mais triste, quando morre um poeta. Se então quem morre é um poeta da estatura de uma Gabriela Mistral, a professora chilena que chegou a ganhar o Prêmio Nobel — único americano do sul a consegui-lo, até hoje — graças à pureza de seus versos, pode-se dizer que tudo fica mais feio, a vida mais difícil de ser suportada, o próprio ar mais denso, mais pesado, penosamente respirável.

Morreu Gabriela Mistral. Morreu após terrível moléstia, após dores físicas quase insuportáveis — ela, que durante sessenta e oito anos suportou estóicamente grandes dores morais. Seu nome verdadeiro — se verdadeiro diz-se do nome que aparece nas certidões e nas carteiras de identidade, e não daquele sob o qual se torna conhecida e amada uma pessoa — era Lucila Godoy. Moça ainda, foi professora em vários departamentos andinos, e depois, diretora de liceu em Punta Arenas, Temuco e Santiago. Convidada para reorganizar, no México, o sistema educacional local, naquele país se demora até 1922, época, aliás, que vê, também, o aparecimento de «Desolación», seu primeiro livro. Os críticos saúdam com entusiasmo o livro, no qual reconhecem a mão de um legítimo poeta. Gabriela, cujo único amor, durante toda a vida, acabara de se suicidar, em plena juventude, é um poeta infeliz, de acentuada amargura. E toda essa amargura traduzir-se-á nos livros seguintes, nos «Sonetos de la Muerte», em «Interrogaciones», em «El Ruego».

Gabriela residiu muito tempo no Brasil, onde se tornou amiga de Cecília Meirelles e de outros poetas brasileiros, tendo sido porém Cecília sua principal confidente, durante todo o tempo em que aqui se demorou. Quando recebeu o Prêmio Nobel, ainda residia entre nós, tendo partido do Rio de Janeiro, com a finalidade de buscá-lo nas mãos do Rei da Suécia.

Agora, a morte a colheu num hospital norte-americano. Todos sabem como foi penosa a agonia, não iremos insistir sobre detalhes que, de certa maneira, não de prolongar a dor do grande poeta. Gabriela morreu. Ao povo do Chile deixou a medalha e o diploma do Prêmio Nobel; à Universidade de Santiago, a biblioteca; às crianças pobres de sua cidade natal, seus bens; a uma amiga, direitos autorais sobre alguns volumes recém-publicados e outros inéditos; às pessoas de sensibilidade do mundo inteiro, seus versos de insuperável beleza, versos que não de durar, porque feitos com aquela matéria-prima que faz com que cada um deles, deixando a condição de meras frases, quase aspirem à categoria de organismos vivos — vivos, portanto sofredores.

O FATO LITERÁRIO

O «HAMLET» E CERTO SENHOR ELIOT

DE TODAS as peças de Shakespeare, certamente nenhuma alcançou a repercussão de «Hamlet», que nos conta a história do infeliz príncipe dinamarquês que, para vingar o assassinato materno, finge-se de louco, e termina por causar tremendo morticínio no velho castelo de Elsinore. Louvada sem restrições por um sem número de escritores, celebrada como uma das obras-primas da literatura dramática de todos os tempos, apenas comparável às mais bem realizadas tragédias gregas da grande época de Sófocles, Esquilo e Eurípides, «Hamlet» exerceu, em todas as literaturas, importante influência literária, influência que bem longe está de se deixar de exercer, nos dias atuais. Na nossa — e citaremos, como exemplo de tal influência, apenas o conhecido soneto de Francisco Otaviano, que termina com o verso «Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe?», na literatura portuguesa — olhem só esse verso de um soneto de Antônio Nobre: «Morreu. Vai a dormir, vai a sonhar... Deixá-la!», em tantas outras, essa influência, marcante, nunca deixou de existir. «Hamlet» é uma força viva, uma fonte literária de primeira grandeza. Seria inútil continuar insistindo, a respeito.

No círculo entusiástico dos admiradores hamletianos, porém, vez por outra se faz ouvir uma voz em dissidência, voz não raramente tão poderosa, que chega a ameaçar a harmonia da lou, quase transformando-a numa desenfreada canção de escárnio — dessas que o próprio Shakespeare coleceu, em mais de uma ocasião, na boca de seus bêbedos marinheiros e soldades. É o caso, por exemplo, da já hoje célebre crítica feita pelo poeta T. S. Eliot àquela que passa por ser a obra-prima shakespeariana, e que o conhecido poeta inglês (1) afirma não ser mais que uma obra falhada, indigna de ser sequer comparada a «Antony and Cleopatra» ou a «Coriolanus», a seu ver as pontas mais elevadas da imensa produção do genial dramaturgo, insuperáveis, ambas, como concepção, e como execução (2).

Tão penosa impressão deve ter causado ao autor de «Murder in the Cathedral» o «Hamlet», que, para ele, a peça só se justificaria, até certo ponto, caso tivesse sido escrita em meio a profunda crise espiritual de seu autor, às voltas com problemas que hoje não mais poderão ser identificados.

Qual, porém, a restrição feita por Eliot à peça famosa? Apenas essa: que em «Hamlet», há desequilíbrio entre a fonte de todas as emoções e sentimentos do protagonista — o incesto materno — e a intensidade de tais sentimentos e emoções. Há, em suma, desnível entre o motivo determinante das hesitações hamletianas e a sua exteriorização: «Hamlet (the man) is dominated by an emotion which is inexpressive, because it is in excess of the facts as they appear» (3).

E como explica Eliot — cuja autoridade intelectual não pode nem por um instante sofrer impugnações, sendo ele, como é, dos maiores escritores contemporâneos, homem de sensibilidade e de pensamento, erudito e poeta que recorda, no dizer de Curtius, os velhos poetas alexandrinos e romanos (4), cujas obras entremesclavam poesia e ciência, mitologia e filosofia? ... — como explica Eliot, perguntávamos, a grande, imensa popularidade alcançada por «Hamlet»?

É que, segundo Eliot, «Hamlet» é uma espécie de «Mona Lisa» da literatura dramática, mais admirada do que apreciada, mais representada que lida, envolta em uma legenda de encanto que tem o dom de lhe encobrir as deficiências. E, em obra de arte — é ainda Eliot quem afirma — somente a própria obra deve interessar, tudo o mais não passando de complementação, útil talvez para explicar um detalhe ou aclarar alguma passagem pouco inteligível, mas, em todos os casos, mera complementação. Por isso, reprocha a Goethe o ter feito de Hamlet um Werther, e a Coleridge o ter transformado o príncipe dinamarquês em um ... Coleridge ...

Mas, tenha ou não razão Eliot em sua crítica desapiedada ao «Hamlet» — e sua argumentação lucidíssima é realmente impressionante, bem como fora de dúvidas a filiação da obra a peças mais antigas, do dramaturgo Thomas Kyd (5) —, o certo é que não será por isso que «Hamlet» deixará de ser encenado e apreciado em todos os países, como vem acontecendo até agora, enquanto o mundo for mundo, e enquanto restar sobre ele um só homem que sentir, em si mesmo, a inquietação e a angústia do pobre Hamlet, às voltas com as excelências do Não Ser, sobre o Ser ...

(1) Em realidade, T. S. Eliot é norte-americano. Porém, na Inglaterra reside há vários anos, dela apenas saindo para uma viagem anual aos Estados Unidos.

(2) «So, far from being Shakespeare's masterpiece, the play is most certainly an artistic failure ...» («Hamlet», por T. S. Eliot, in «Selected Essays», Faber and Faber, London, 1953, página 143. O ensaio em causa data de 1919, mas de então para cá Eliot não modificou seus pontos de vista.

(3) Idem, ibidem, página 145.

(4) «Il fait donc exactement ce que faisaient les Alexandrins et les Romains, à ceci qu'il indique tout de suite en note ses références. E. R. Curtius, «Essais sur la littérature européenne», Grasset, 1954, página 249, excelente estudo sobre Eliot.

(5) Segundo Eliot, no ensaio já tantas vezes citado, Shakespeare, em alguns momentos do «Hamlet», apenas reviu um trabalho anterior, de autoria de Kyd. E há outros trechos da obra, aparentemente desconexos com o todo, que são meras repetições de interpolações efetuadas no trabalho de Kyd, por Chapman. Tais as cenas desenroladas entre Polônio e Laerte, e entre Polônio e Reinoldo. Cita, a respeito, o ensaio dos professores Robertson e Stoll, da Universidade de Minnesota.

NOTAS E INFORMAÇÕES

POESIA

CELSE BRANT, que é o mesmo homenzinho que hoje escreve sobre a música de Bach, amanhã sobre a vida de Dürer, depois de amanhã um ensaio sobre a poesia entre os selvagens do Norte de Borné e depois de depois de amanhã uma memória sobre a filosofia budista, agora nos promete um livro de contos: «Bicho do Pé». Se todos os contos forem semelhantes a um que foi publicado no suplemento literário do «Jornal do Brasil», e que tratava de um professor às voltas com a felicidade, bom seria, para a nossa literaturinha, que o bicho do pé fosse extirpado o quanto antes.

ARMINDO PEREIRA, autor de dois romances que mereceram encômios da crítica especializada, «Flagelo» e «Aço-

te», está escrevendo novo livro, ainda sem nome.

DOIS POEMINHAS de Sandra Neves de Andrade, poetisa-mirim de somente quatro anos, futura rival de Eduarda Duvivier e outros meninos-prodígios: «Eu conheço uma péra/que não é uma péra/é uma maçã». E: «Eu vi uma cama/Tôda manchada de paixão/Essa não!». Sandra improvisa seus poeminhos a pedido, declamando-os ela mesma, com grandes gestos à la Margarida Lopes de Almeida.

JOEL SILVEIRA, roubado à literatura pelo jornalismo, parece que de tempos para cá reatou seu longo amor com as letras, amor que dura vinte anos, e que já presenciou o nascimento feliz de inúmeras obras em prosa e verso. Depois de «O Marinheiro e a Noiva», livro de poemas ilustrado por Darel, e da excelente «Desaparecimento da Aurora», Joel já tem escritas mais de cem páginas de uma nova novela, ainda sem título.

APÓS DEIXAR a direção de «Manchete», e tendo publicado seu livro de contos «Bêca do Inferno», Otto Lara Rezende parte para Bruxelas, onde dará um curso sobre literatura brasileira na Universidade local.

NAS LIVRARIAS cariocas, já à venda o romance «Les Adieux», com o qual François Régis-Bastide conquistou, não faz muito, o «Prix Femina». «Les Adieux», quinto romance de François, narra a história, algo fantástica, de um príncipe russo, Alexis Vassiliévitch Stelkyowsky e de uma filóloga sueca, Cholarita Brichs, que, a despeito de 30 anos de vida em Paris, continuam sem se integrar na comunidade que escolheram para segunda pátria.



PRIMEIRO SONETO DA MORTE

*Do nicho lóbrego onde os homens te puseram
Te levarei à terra humilde ensolarada.
Nela hei de adormecer — os homens não souberam
E havemos de dormir sobre a mesma almofada.*

*Te deitarei na terra humilde, te envolvendo
No amor da mãe para o seu filho adormecido.
E a terra há de fazer-se um berço recebendo
Teu corpo de menino exausto e dolorido.*

*Poderei descansar, sabendo que descansas
No pó que levantei azulado e lunar
Em que presos serão os teus leves destroços.*

*Partirei a cantar minhas belas vinganças,
Pois nenhuma mulher me há de vir disputar
A este fundo recesso o teu punhado de ossos.*

GABRIELA MISTRAL
(tradição: Manuel Bandeira)

ARTES

ALGUMAS NOTAS

NO NÚMERO 6 de «Prisme des Arts», bela revista francesa de artes visuais, é estampada uma entrevista com o célebre pintor André Derain, realizada em 31 de janeiro de 1948. O artista aí expõe inúmeras considerações sobre a Arte e os Artistas, sempre de maneira aguda. Eis por exemplo o que diz de Gide: «C'est bête, c'est admirablement écrit mais c'est bête. C'est de l'éloquence de prédicateur, c'est magnifique, ça fait trembler la cathédrale, mais il n'y a rien dedans». De Picasso: «Il a quelquefois étalé de la couleur sur ses graphismes, mais ce n'est pas un peintre». De André Lhote: «Il sait écrire mais il ne sait pas lire, il n'a pas rien lu, il n'a pas de culture». De onde se vê que Derain, além de ter sido o magnífico pintor que todos reconhecem, foi igualmente um tesoura de primeira ordem...

INAUGURADO o quinto ano de atividades do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com uma grande Exposição das várias obras do acervo. Na mesma ocasião, o ex-presidente Café Filho, e seu ex-prefeito municipal Alim Pedro, um e outro colaboradores do Museu em sua época mais dramática, foram agraciados com títulos de sócios beneméritos.

A REVISTA italiana «Epoca», uma das maiores da Europa, principiou a publicação em cores magníficas,

de uma série de dezito documentários sobre el Maestri della Pittura Italiana. O primeiro deles versa sobre Cimabue e Duccio, e é de autoria de Cesare Brandi; o segundo, sobre Giotto, de Cesare Gaudi. Entre os autores das monografias estão nomes ilustres, como os de Enzo Carli, Giulio Carlo Argan, Lionello Venturi, etc. etc.

GRANDE ARTIGO de Michel Seuphor, conhecido crítico e historiador, sobre o Movimento Internacional Dadaísta, de suas origens ao seu crepúsculo, no número natalino de «L'Oeil», a grande revista francesa de arte. Valiosas fotografias enriquecem sobremaneira o texto.

EM PARIS, uma das maiores exposições individuais realizadas em fins do ano passado foi a de Hans Hartung, o alemão que vive, desde 1935, em França, e que se naturalizou mesmo francês, em 1946. A última grande mostra desse pintor abstrato se dera em Paris, na sala Lydia Conti, em 1947. Hartung nasceu em Leipzig em 1904, filho de um conhecido químico.

O COLONISTA recebeu, por intermédio do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, carta do grande historiador de arte português Armando Vieira Santos, autor, entre outros ensaios, de «As Tentações de Santo Antônio», profundo estudo sobre essa obra de Bosch, conservada em Lisboa. A missiva diz respeito ao recente livro por nós publicado sobre aquele grande pintor holandês.

LETRAS

MUNDIAIS

NO PROGRAMA de televisão «Lascia o radop-pia», milanês, apresentou-se há tempos um carpinteiro, capaz de responder a absolutamente todas as perguntas que lhe fizessem sobre Charles Baudelaire, sua vida e obra. O homem ganhou uma fortuna, no certame. Porém, ao regressar às suas funções quotidianas, numa oficina de Milão, teve o dissabor de saber, pela boca do patrão, que fôra despedido. Explicação do «bobo» ao atônito carpinteiro: «Preciso de um verdadeiro carpinteiro e não de um tipo capaz de recitar poemas de Baudelaire»...

PARA AS VAGAS de Louis Madelin e de almirante Lacaze na Academia Francesa, foram há pouco eleitos Robert Kemp e Jacques Chastenet. Kemp derrotou o seu competidor, Henri Massis, por 24 votos contra 7; Chastenet não teve concorrente a enfrentar. Louis Madelin sabemos quem foi; mas quem terá sido o almirante Lacaze? E, cá entre nós: quem são os escritores recém-imortalizados?

PELA EDITORA «Mercure de France» foi publicada nova edição das «Oeuvres», de Rimbaud — bela edição, aliás, contendo: «Poésies», «Les Deserts de l'Amour», «Une Saison en enfer», «Ebauches», «Éliminations», «Première Prose» e «Trois Lettres». O livro já pode ser encontrado no Rio de Janeiro, e a preço acessível.



"OH, DOUTOR!": COMÉDIA INGLÊSA COM "SEX-APPEAL" FRANCÊS

Fotos (Ektacolor) de Cornel Lucas e Yan Jeayes

A comédia «Doctor in the House», inédita no Brasil, foi sucesso em toda parte. Em consequência, o diretor Ralph Thomas e a produtora Betty Box convocaram Dirk Bogarde para repetir o personagem do jovem médico em mais dois filmes: «Doctor at Sea» (Oh, Doutor!) e «Doctor at Large». Não satisfeitos com a aceitação mundial do senso de humor britânico, acrescentaram novo ingrediente: o **sex-appeal** de Brigitte Bardot, ou B.B. — como é chamada por seu jeitinho de «bebê-vamp».

Em «Oh, Doutor!», em «Vista-Vision», agora nos cinemas cariocas, o dr. Dirk Bogarde (o galã mais ator da Inglaterra) escapa de uma clínica monótona e das manobras matrimoniais da filha do sócio, embarcando como médico de bordo «Lotus», cargueiro de viagem aos trópicos. A cantora Hélène Colbert, B.B., entra em cena quando Dirk visita uma «boite» sul-americana e, como bom marinheiro, termina a noite entre as grades. A libertação é providenciada por Brigitte que, como passageira excepcional na viagem de volta à Inglaterra, tem tempo de sobra para aprisioná-lo com deliciosas armas femininas.

Outros personagens importantes: o capitão do «Lotus» (James Robertson Justice), solteiro convicto; e a filha do presidente da companhia de navegação — único motivo das presenças femininas a bordo — solteirona simpática e tagarela (Brenda de Banzie) que sente uma afeição maternal pelo capitão.

«BEBÊ» NO SAMBA

Brigitte canta um samba (ou o que os ingleses entendem por samba) de Hubert Gregg «Je ne sais pas»:

Do you love me?
Je ne sais pas
Darling I don't know.
Je ne sais pas
But I'm hoping that you do.

Do you want me?
Je ne sais pas
But your loving eyes
Seems to tell me
That you want me to be true.

There is a magic
Je ne sais quoi
In the air tonight
Je ne sais pas
Why my heart is so gay.
There are many things I don't know
But I do know this
That I love you, love you, love you
Je le sais.



UMA NOVA MARTINE

Embora digam que seu talento só pode ser avaliado em centímetros (90-49-89), Brigitte já tem aos 22 anos um cartaz que às vezes ofusca Martine Carol. (Na França, bem entendido, porque a exportação de seus filmes está muito atrasada). Uma nova Martine? As notícias de Paris dão a impressão de que a «bebê-vamp» não pretende ficar sob nenhum ponto de vista atrás da **Caroline Chérie**:

(1) Percorre todo o itinerário da autopublicidade — desde visita (com fotógrafo) a Picasso até a apresentação à Rainha Elizabeth.

(2) Trabalha sem cessar. Quase sem intervalo filma «Cette Sacré Gamine», «En Efeuillant la Marguerite», «La Mariée est Trop Belle», «Et Dieu Créa la Femme».

(3) Casa com um diretor, Roger Vadim.

(4) Sob as ordens do marido, em côres e «Cinemascope», tira tudo — exceto o batom — em «Et Dieu Créa la Femme». «Uma maravilha de sensualidade e terno erotismo», diz «Cinéma-monde».

(5) Separa-se de Roger Vadim.

(6) Os colunistas assinalam sua assiduidade ao lado de Jean-Louis Trintignant, um dos intérpretes de seu último filme, galã cine-teatral em ascensão.

(7) Após vários meses de crises temperamentais, declara-se arrependida e faz as pazes com a imprensa. Com isso, só lhe faltam duas coisas para igualar Martine Carol: contratar um filme com Hollywood e mudar o nome para Martine Carol.



Brigitte Bardot conhecida como B.B. por causa de sua carinha de anjo.

CINEMA

(ELY AZEREDO)



Brigitte num «pegnor» em algodão brilhante de Joan Ellacott, figurinista inglesa.

"OH, DOUTOR!".



Prêso por não ter pago a nota do jantar, Dirk Bogarde vê com prazer a visita de Brigitte Bardot.

A «bebê-vamp» de Paris e o melhor galã do cinema inglês em «Oh, Doutor!»: Brigitte Bardot e Dirk Bogarde.

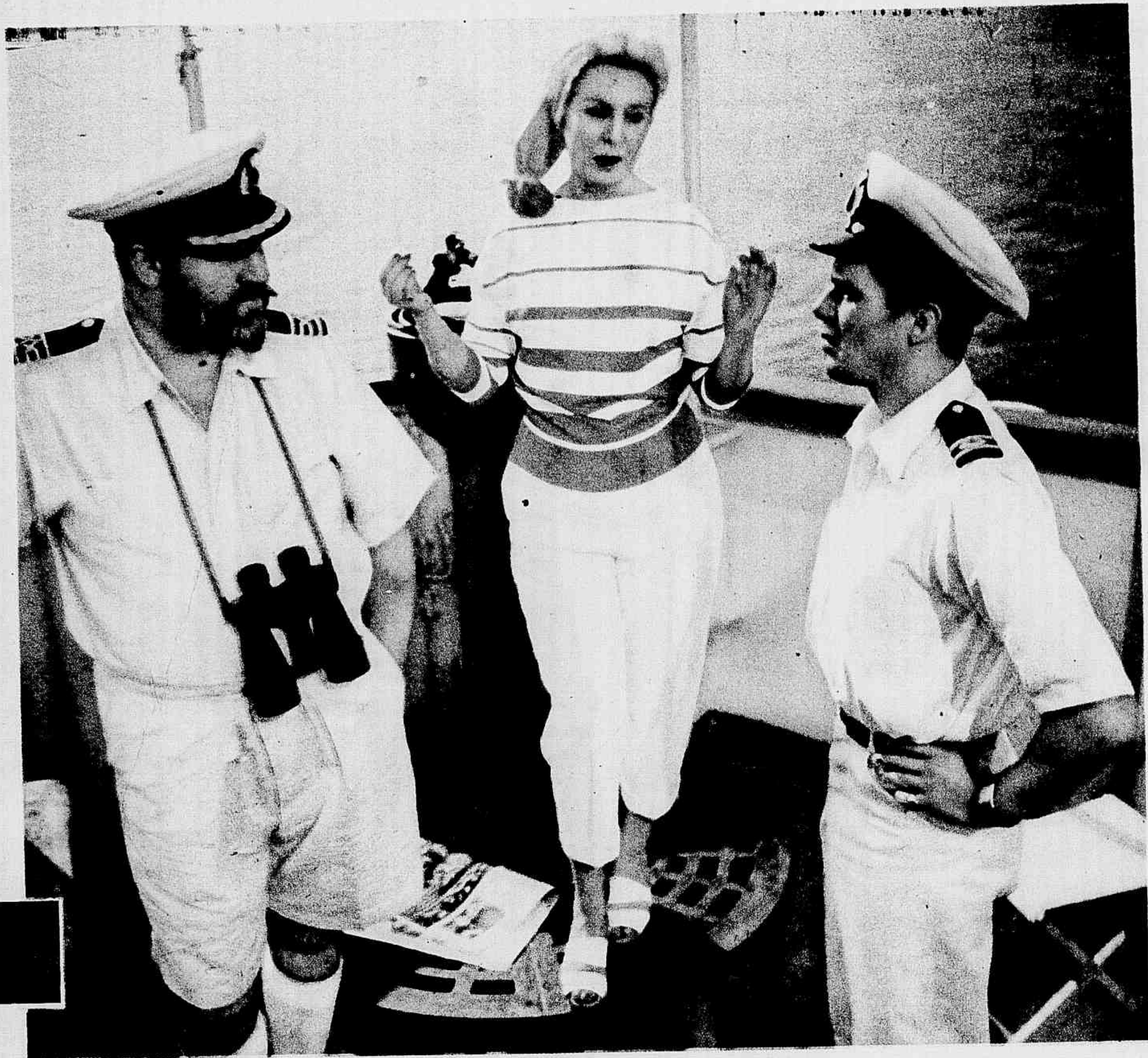
O médico de bordo (Dirk Bogarde) conhece a cantora francesa (B.B.) em uma «boite» sul-americana.



B.B. num costume criado por
Joan Ellacott para «Oh, Dou-
tor!», comédia em «Vista-Vision».

Bo-
ardot.





O capitão (James Robertson Justice), a solteirona (Brenda de Banzie) e o doutor (Bogarde) na comédia de Ralph Thomas.

Maurice Denham, que não é marinheiro de primeira viagem, tem uma «señorita» à sua espera no porto.

CIDADE NUA

Por SÉRGIO ROBERTO

O sr. Antônio Balbino não acredita na candidatura Vieira de Melo. E já declarou a amigos íntimos: «se ele tiver, na convenção do PSD, 5% dos votos dos convencionais, será meu candidato».

★

Juraci, mansamente, como quem não quer nada, prepara sua candidatura ao governo da Bahia. Tendo obtido senão o apoio, pelo menos a neutralidade do sr. Simões Filho já deu um grande passo para conseguir seus objetivos.

★

D. Helder é hoje um dos homens mais populares no Distrito Federal.

★

Loureiro da Silva e Leonel Brizola são candidatos de brincadeira, no Rio Grande do Sul. Pois o verdadeiro candidato do PTB, será o sr. João Goulart.

★

O sr. Hildon Rocha está com os dias contados no Serviço de Censura. Está se virando por todos os lados, procurando apoio, mas não conseguirá nada. Aliás, já foi uma surpresa que tivesse sido nomeado para um cargo tão importante.

★

3 grandes falências serão anunciadas nos próximos dias. Procura-se guardar o máximo sigilo, com receio que haja descrédito público para outras firmas que agem no mesmo ramo.

★

Cabala-se furiosamente para derrubar o veto ao projeto de importação de automóveis pelos deputados. A votação do veto será um teste para a apregoada moralidade da UDN. Pois se ela quiser, o veto será mantido por larga margem.

★

Etelvino Lins, Cordeiro de Farias e Apolônio Sales disputam os 2 lugares que se vagarão em 1958: o governo de Pernambuco e a Senadoria, atualmente ocupada pelo próprio sr. Apolônio. Como são 3 e os cargos apenas 2, vai haver briga e confusão.

★

O programa da Livraria José Olímpio para 1957 é maior que qualquer das Casas Editôras do mundo todo.

★

Candidatos (em potencial) ao lugar de prefeito do Distrito Federal em 1958: Mendes de Moraes, Carlos Lacerda, Alim Pedro, Lutero Vargas, Rubens Berardo, Gilberto Marinho, Ademar de Barros, Levi Neves, Celso Lisboa. Há também um movimento visando fazer o sr. Francisco Negrão de Lima ou D. Helder Câmara, candidato único numa chapa de salvação para o Distrito.

★

No Estado do Rio o candidato do PTB ao governo, está entre os srs. Roberto Silveira e Augusto De Gregório. O segundo tem mais possibilidades de conseguir apoio de outros partidos.

★

O movimento das boites cariocas tem caído barbaramente nos últimos dois meses. Os «experts» do assunto dizem que o calor não foi a causa da queda do movimento.

★

Lucas Lopes e José Maria Alkmim estão de relações cortadas. O que explica, inclusive, o último discurso do sr. Lucas Lopes criticando a economia financeira do governo de seu grande amigo Juscelino Kubitschek.

EU SEI TUDO

DE JANEIRO

★ AGORA, A BARREIRA DO CALOR
(INIMIGO DAS GRANDES VELOCIDADES) ★ ESTES SE TORNARAM
REIS... POR QUE NÃO O LEITOR?
★ FORRANDO A CASA COM PELE
HUMANA ★ NÃO BASTA O CANAL
DO PANAMA ★ FOGUETES ATÔMI-
COS DISPENSARÃO AS DIVISÕES
BLINDADAS? ★ OS MARAVILHOSOS
E INQUIETANTES «ULTRA SONS»
★ O PRIMEIRO PASSO PARA A LUA
★ OS DENTES NÃO SÃO CULPADOS
★ COM A PALAVRA OS INVENTO-
RES (COISAS QUE NÃO TEMOS
MAS GOSTARIAMOS DE TER) ★ A
ÚLCERA DO ESTÔMAGO, MOLESTIA
BENIGNA

EU SEI TUDO

PREÇO Cr\$ 10,00

EM TODO O BRASIL

REDACÇÃO: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACEUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50 — Por Vale Postal Cr\$ 113,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SAO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo,
Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa,
Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Rits». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 160,00 — Caixa
Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo

CANDIDATOS (EM POTENCIAL) EM

Há anos que os políticos do Distrito lutam pela autonomia ★ Embora muita gente se desgoste, a verdade é que a população da capital ainda não tomou conhecimento do assunto ★ Os políticos é que por evidentes e indisfarçáveis motivos, não se descuram de agitá-lo. ★ A autonomia foi concedida pelo Congresso, mas a data da eleição ainda não foi marcada ★ Mas antes de ser marcado o dia da eleição já existem pelo menos uns 15 candidatos. Vejamos, então, quais são:

HELDER CÂMARA



Há um movimento para fazê-lo candidato único. D. Helder diz que não, desconfia, mas sem luta, talvez se resolvesse a tentar a aventura. É um homem realmente dinâmico, realizador, mas falta-lhe experiência para lidar com a política do Distrito. Com 6 meses de Prefeitura talvez pedisse a Deus para enviar-lhe um substituto com urgência. O Distrito não merece um homem como d. Helder.

SEGADAS VIANA

O ex-ministro do Trabalho é candidato do Amarelinho e adjacências. Principalmente adjacências. Se fôsse candidato, não conseguiria nem os votos dos parentes. Entrou nesta lista porque alguns malucos do PTB tentam agitar sua candidatura. Não teve votos sequer para se eleger deputado, apesar de todo o farol e do falso prestígio que arrosta no Amarelinho.

NEGRÃO DE LIMA

Diz que seria o último dos castigos, disputar a eleição de prefeito. Estamos convencidos que não quer mesmo o cargo. Mas na hora vai receber tanta solicitação para se candidatar, que talvez amoleça. Apesar dos pesares seu prestígio e sua popularidade continuam intactos. Se mudar de idéia vai ser um osso duro de roer para qualquer adversário.



MOZART LAGO

Judeu errante da política do Distrito. Candidato de si mesmo e do bate papo das tardes chuvosas no seu cartório. Não conseguiu se re-eleger senador. Não tem eleitorado. Confia no prestígio do sr. Ademar de Barros. Mas este (se não fôr candidato) preferirá apoiar um homem de farda (que poderá servi-lo numa emergência) a quebrar lanças por um homem inexpressivo, como é o insignificante (até fisicamente) Mozart Lago.

CARLOS LACERDA



Individualmente é a maior força eleitoral do Distrito. E embora alguns bobos digam o contrário, está com seu prestígio intacto. Se quiser, será o candidato da UDN. Mas tem uma vantagem: sua candidatura provocará uma união completa de todas as forças do outro lado. Se lhe entregarem (livres) rádio, jornal, televisão e praça pública, vai ser difícil ganhar dele. Pois domina com maravilhosa facilidade todas as forças de expressão. Seria ótimo que a eleição fôsse apenas entre Carlos Lacerda e Mendes de Moraes. Pois então, o ex-prefeito seria definitivamente eliminado da política do Distrito e acabariam todas as suas gabolices. O sr. Carlos Lacerda é um dos únicos que já tem sua candidatura assegurada. Pois tendo prestígio próprio, não precisa esperar convenções, acordos, alianças ou seja o que fôr. É só dizer: sou candidato e começar a campanha.

OLÍMPIO DE MELO

O padre é um dos maiores manobristas políticos do Distrito. Mas como eleição se ganha na urna (principalmente depois da adoção do voto secreto), não tem nenhuma chance. Apesar da força que por ele faz o melhor cronista político carioca que é o sutilíssimo Abelardo Romero.

À PREFEITURA DO DISTRITO

58



ADEMAR DE BARROS

É curioso o destino do doutor Ademar. Está sempre oscilando entre a cadeia e um cargo público. Não há disputa eleitoral por esse Brasil a fora em que seu nome não surja. Senador pelo Maranhão, prefeito de S. Paulo, Presidência da República, senador pelo Pará, prefeito da capital, etc. Mas seu lugar mesmo é na rua Frei Caneca, com um pijama listrado, e um número bem visível no peito.

RUBEM BERARDO

Eleito deputado por uma estação de rádio, quer se eleger prefeito pela televisão. E convencido que descobriu uma fórmula genial, trata de executá-la. Foi 3 vezes aos EE.UU. em 56, e dizem que antes da eleição, a TV-Continental será uma realidade. Mas mesmo que a sua estação fôsse em cores, eletrônica e supersônica, não fabricaria os votos necessários à eleição do simpático sr. Rubem Berardo para prefeito. Provavelmente nem deputado ele se reelegerá. Embora não acredite.

GILBERTO MARINHO

O coronel dos pampas fincou definitivamente sua tenda no Distrito. Sua candidatura é objeto de conversas. Mas dependerá dos acontecimentos. Do PSD é um dos poucos que conseguiria simpatia para um acordo com outros grêmios. Consegue ser amigo de Carlos Lacerda, Dutra, Negrão, Jango e mais uma porção de gente. Tem pouca penetração nos subúrbios.

MENDES DE MORAIS

Deixou na Prefeitura uma tradição de imoralidade e uma legenda de corrupção. Mas inexplicavelmente tem bom nome eleitoral. Seria o pior prefeito para o Distrito. Diz que não tem partido, que não cogita de sua candidatura, nem quer o posto. Mas já está trabalhando ativamente. É preferível uma ditadura a um regime democrático com homens como o general Mendes de Moraes.

LEVI NEVES

Acordou cedo. Cuida de sua candidatura há muito tempo. Os postes e as paredes já gritam as virtudes de Levi Neves. Mas apesar de ser um político hábil, não conseguirá nada. É um homem sem partido, e isso em política, tem liquidado muita gente. Mas temos a impressão que o dr. Levi está visando um alvo bem alto para atingir um outro mais modesto.

AUGUSTO DO AMARAL PEIXOTO

O irmão do embaixador, atual presidente da Caixa Econômica e do PSD do Distrito é um nome para ser cogitado com muita probabilidade. Domina o seu partido, tem boa ramificação nos outros, e, excluído o sr. Negrão de Lima, é o único que poderia contar com a simpatia integral do Presidente Juscelino, por quem lutou de peito aberto. Já teve boa penetração na zona rural, é um nome bom para a zona sul, e tem excelente imprensa. Candidato bastante forte, e capaz de surgir amparado. Depende das articulações.

CELSO LISBOA

Surgiu de repente. Fêz uma devassa na Câmara Municipal e se aproveitará da repercussão que obteve. Mas como é muito moço pode esperar outra eleição.



TENÓRIO CAVALCANTE

Eleitoralmente o deputado da «Lurdinha» é uma força que não pode ser desprezada. Mas não conseguirá legenda para disputar o páreo. Além do mais, sendo amigo do sr. Carlos Lacerda não se lançará contra ele. Mas de qualquer maneira vai ajudar um candidato. E será uma ajuda bastante razoável.

vista-se bem e ganhe
dinheiro estudando

CORTE COSTURA

por correspondência

em suas horas de folga no

INSTITUTO MONITOR

— pelo nosso moderno e prático curso de **CORTE E COSTURA**, a senhora poderá aprender, **sem sair de sua casa, e sem prejuízo de seus afazeres**, a fazer roupinhas de bebê, vestidos para moças, crianças e senhoras para casa, passeio ou festa, esporte, praia ou campo, vestidos de noiva, camisas para homens e mil outras utilidades.

Tôdas as lições são acompanhadas de desenhos, riscos, figurinos e moldes da última moda. **Assistência permanente e consultas grátis por competentes professoras.** Duração mínima do curso: 5 meses, mensalidades suaves — **moldes em tamanho natural e figurinos grátis!**

— mande-nos
hoje mesmo
o cupom
preenchido

PUBL. MONITOR A-5-56

INSTITUTO MONITOR

RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1.795 - SÃO PAULO
Sr. Diretor: Solicito enviar-me grátis, o folheto sobre o CURSO PRÁTICO DE CORTE E COSTURA.

57-1

NOME:

RUA:

N.º

CIDADE:

ESTADO:

E.F.:



Grand Monde internacional

Pequenos Flashes



João Neder, estreando novo «date» am um «night-club».



O casal paulista José Henrique Turner na recepção do «Casamento Real» no Esplanada, em São Paulo.

Lorice Maluf é a jovem mais elegante que conheço no «high-society» paulista. O colunista Tavares de Miranda deve observar bem a elegância da bonita Lorice.

★

João Neder (um dos mais elegantes do Brasil) em um «night-club» com a bonita morena, srta. Bia Cavalcanti. Eles formam um par realmente «suspense».

★

Comentada a beleza da jovem Maria Teresa Paiva, na noite de sábado em um «night-club». Ela está atualmente sem «date».

★

A grega Clio Politis tem um novo romance. Trata-se do sr. Carlos Eduardo Ribeiro Junqueira. Fala-se num possível noivado.

★

Numa noite realmente feliz, o sr. Eduardo Tapajós, no Sacha's. Localizado na parte «snob» da boite, o sr. Tapajós estava em um grupo realmente «suspense».

★

Solange Haouche, «Rainha das Rosas» surge com seu primeiro «date».

★

Determinada paulista que recentemente esteve no Rio, continua prestes a figurar na PRATELEIRA. Quem é ela?



Gary Cooper, está prestes a se divorciar.

GOSSIPS

Determinado modelo parisiense que recebeu recentemente a visita da cegonha, alega que essa visita se deve principalmente ao Marquês de Portago, que por outro lado ainda não se divorciou de sua bonita Marquesa.

Continuam os rumores de que o jovem Rei Hussein, da Jordânia, vai se separar de sua bonita esposa, a Rainha-Dina, que se encontra atualmente no Cairo.

Em Biarritz, a brasileira mais internacional, Aimée Lopez, continua em dúvida quanto ao seu divórcio com Roddie Heeren. A famosa Aimée, é cônsul do Brasil em Biarritz.

MUITO VERAÕ. Estou neste momento localizado aqui na piscina do Glória, com banhos diurnos e noturnos. Freqüentadora mais assídua da piscina: a jovem beldade Mary Spitzman Jordan. O nosso conhecido João Neder também aparece para uns mergulhos. Os banhos de piscina do Hotel Glória estão ficando cada vez mais animados. Detesto praia, prefiro piscina que é mais «snob».

★

Eleita a nova diretoria do moderno Clube Comercial. Escolhidos: Manoel Moraes de Barros Neto para presidente, e o jovem banqueiro Alvaro Cardoso Feio para diretor geral. Foram duas escolhas magníficas.

★

O presidente do Banco do Brasil e a senhora Sebastião Paes de Almeida, estão atualmente residindo no Rio, num apartamento no anexo do Copa. O simpático casal paulista tem sido devidamente homenageado pelo «high-society» carioca.



O novo presidente do Clube Comercial, senhor Manoel Moraes de Barros Neto e o diretor social, Alvaro Cardoso Feio.

O sr. e sra. Leônio Ramos de Carvalho, decolaram no último «week-end» para Petrópolis onde passarão o verão. Muitos casais já começaram a fugir para a montanha.

★

O fenômeno Murilinho de Almeida, quando cantava na outra noite no Sacha's, deixou (sem motivos) determinado colunista enciumado. Por que?

★

O conhecido industrial fluminense, Mário Tamborindéguy com sua bonita Alice, freqüentando com assiduidade os jantares-dançantes da piscina do Copa.

★

Estou «decolando» para Guarujá, onde vou fazer uma reportagem realmente «suspense» sobre essa bonita cidade de veraneio. Na reportagem focalizarei o estado-maior do «high-society» paulista, que lá se encontra.

Até a próxima.

O GÉLOT continua em cima.

ANDRÉA MORONI

BELEZA INTERNACIONAL DOMINOU O BRASIL



Jeff Thomas numa conversa muito internacional com a senhora Andréa Moroni.



Andréa Moroni num «close-up» realmente «suspense»

TODOS já conhecem a bonita sra. Andréa Moroni. Sua beleza internacional em pouco tempo dominou o Brasil. Depois de viajar o mundo todo, de fazer escalas pelos EE.UU. e pela Europa, a bela sra. Moroni veio ao Brasil e (pode-se dizer, com um certo atraso em relação a Pedro Álvares Cabral), descobriu-o de novo. Foi ela a grande sensação da última temporada. Sua beleza realmente suspense, atraiu, encantou e dominou completamente. Húngara de nascimento (descendente de nobres), casada com o simpático industrial italiano George Moroni, mora atualmente em Montevideú. Adora viajar, e acha que agora vai ser muito difícil não passar algum tempo no Rio, pelo menos uma boa temporada anual. Seus grandes amigos aqui: os casais Carlos Eduardo de Souza Campos, Ari de Castro, Monteiro de Carvalho, Modesto Leal, Alvaro Catão, etc. Foi quase que diariamente citada por todos os colunistas, o que demonstra que seu sucesso foi extraordinário, sabendo-se que hoje, existe uma verdadeira guerra entre colunistas, e quando um casal é citado por um deles logo cai no «index» de alguns outros. Usou bonitos modelos de Givenchy, foi convidada para todos os

grandes jantares que aconteceram nos últimos tempos, e tendo viajado, deixou saudades reais e inesquecíveis. Quando estas notas estiverem sendo lidas, o casal Moroni estará voando para Caracas e Nova York. Boa viagem e regresso breve são os votos desta coluna e de toda a sociedade brasileira.



A beldade Andréa Moroni sorridente e feliz nesse «flash».



Andréa Moroni com um conjunto esporte italiano

HUNGRIA:

Por MATTEO MATTEOTTI

A «REVISTA DA SEMANA» publica, com exclusividade, este artigo do jornalista italiano Matteo Matteotti, sobre as razões que levaram a Hungria ao seu terrível drama. Um dos mais bem informados e lúcidos jornalistas europeus, Matteotti viveu na Hungria em plena crise (lá estivera antes muitas vezes) e pôde fazer esta análise serena e desapassionada, do que ele chama «as razões da crise». «O comunismo devorou a si mesmo num quadro de acusações e de processos», diz Matteotti, acrescentando que isso acontece com os partidos comunistas de todo o mundo.

BUDAPESTE:

CAUSA UMA TRAGÉDIA

GEORG LUKASC, um dos principais dirigentes do Partido dos Trabalhadores (Comunistas) Húngaros, ministro da Cultura Popular, dizia a um jornalista italiano no primeiro dia da rebelião: «A presente situação do comunismo húngaro é muito pior do que a dos tempos de Horthy».

É um fato significativo que pode trazer em si um juízo de ordem histórica. Em 1919, a tentativa comunista de Bela Kun foi obstaculada pela reação «horthyana». Nas jornadas de outubro e novembro, tropas soviéticas, chamadas pelo governo comunista, afogaram em sangue a revolta popular contra o regime de opressão e de sofrimentos. Está explícito, pois, o juízo sobre o caráter do regime que vem reinando na Hungria desde 1949. E para encontrar-se a raiz profunda e última da presente ebulição social faz-se necessário analisar a situação econômica e política do país a partir da segunda guerra mundial.

Em 1945, foi constituído um governo de coalisão democrática que assinou o tratado de paz com Moscou, e instalou-se em Debrecen, no dia 13 de abril. Esse governo iniciou a reorganização da vida estatal, baseada em novas concessões de ordem social. Abolida a velha legislação antidemocrática, levaram a efeito uma reforma agrária, destruindo-se o latifúndio e limitando-se a propriedade privada. Em seguida, modificou-se a legislação social em matéria de trabalho.

Um amplo processo de socialização teve início em princípios de 1946. Na eleição de 3 de novembro de 1945, os socialistas-democráticos obtiveram 17,4% dos votos, e os comunistas 16,9%. Na coalisão, os socialistas preponderaram, pois, além de contarem com o Presidente do Conselho, tinham quatro ministros.

De 1946 a 1947 foram nacionalizados os bancos, as companhias de seguro, e grande parte da indústria; o comércio externo passou a ser feito através de um organismo estatal. As atividades privadas ficaram praticamente reduzidas à agricultura.

Durante os anos em que os comunistas colaboraram com os outros partidos, os progressos verificados foram graduais, porém, sólidos. Mas em fins de 1946, o Partido Comunista iniciou uma ação tendente a preparar as bases de uma ditadura. Em 1947, obtiveram



RAZÕES DE UM DRAMA

1.113.000 votos contra 744.000 dos socialistas, 770.000 dos pequenos proprietários, 820.000 do Partido Popular Democrático, 670.000 dos independentes, e 415.000 do Partido Agrário Nacional. O Partido Comunista Húngaro, representando uma minoria, empreendeu a liquidação dos socialistas através de um processo de infiltração e de fusão. O Partido Social Democrático resistiu por muito tempo, não obstante a crescente pressão soviética. Finalmente, em um congresso irregular, 11 dos 21 membros do Comitê Executivo e 35 dos 67 parlamentares, foram expulsos do grupo favorável à fusão com o Partido Comunista. Seguiu-se um expurgo de cerca de 40.000 militantes; muitos desses foram presos, inclusive Gyula Kálmán, ministro da Indústria.

Um ano e meio após o pleito eleitoral de 1947, aniquilados os socialistas, assim como os outros partidos, os comunistas realizaram uma nova eleição com a fórmula da Frente Popular, assegurando 5.000.000 de votos contra apenas 154.000.

Essa minoria de dogmáticos consegue, com o apoio soviético, o controle absoluto do poder, e inicia a experiência de uma política econômica baseada na nacionalização total e no progresso imediato e forçado da coletivização dos campos.

Em 1948, assistimos ao Golpe de Estado em Praga e vemos principiar a guerra fria. A economia húngara se desenvolve segundo os quadros da experiência soviética, vive sujeita à «filosofia da indústria pesada» e às exigências do autoritarismo da esfera soviética; a indústria deve produzir no âmbito de uma economia de preparação guerreira.

Todos os países do oriente europeu se submetem a idêntica deformação. É o momento em que Tito, enfrentando a ameaça soviética, num grande rasgo de coragem pessoal em que nada mais vê que os interesses nacionais, rompe com o Cominforme, evitando, assim, que a Iugoslávia siga o mesmo negro destino do país vizinho. A filosofia da indústria pesada implica imensos investimentos e custos elevadíssimos. Uma grande usina siderúrgica ergue-se em Stalinvaros, hoje denominada Dunapentele. O abastecimento de matéria prima impõe o recurso aos minérios soviéticos, principalmente ao ferro, cujo teor de 55% contra 28% do húngaro indica as vantagens da importação. O complexo industrial conta, dentro de poucos anos, com mais de 12.000 operários. Dunapentele participou da revolta de novembro, e foi palco de uma luta sangrenta entre os operários insurretos e os carros blindados soviéticos.

No relatório do Comitê Central do Partido dos Trabalhadores (Comunistas) Húngaros, de 18-21 de julho de 1956, lê-se o seguinte: «O custo de produção é geralmente mais alto do que o que se verifica nos países pouco desenvolvidos».

Os fatores antieconômicos do plano siderúrgico e a falta de preparo dos dirigentes determinaram o aparecimento gradual de arestas no fornecimento de matéria prima, o que descontrola o ritmo da produção. Como havia ocorrido em 1955, no dia 1º de outubro de 1956, falta carvão, e mais de 600 trens ficam paralisados nas ferrovias húngaras. Dunapentele entra em colapso, assim permanecendo por mais de três semanas; e durante esse tempo, os operários não recebem seus salários. No dia 3 de outubro evidenciam-se os primeiros sintomas de uma grave agitação nos meios trabalhadores. Igualmente nos outros setores, a industrialização em ritmo forçado acarreta erros tremendos, frutos da improvisação e da incapacidade. As pesquisas e a exploração das minas de urânio prosseguem sem que os dirigentes governamentais levem em conta o elevadíssimo custo da produção. No discurso pronunciado no dia 6 de novembro de 1956, János Kádár afirma que o urânio fornecido pela Hungria à União Soviética será futuramente vendido pelo preço do mercado, confirmando, assim, que o precioso minério era, anteriormente, vendido por preço inferior. No campo da mineração em geral, ocorria idêntico fenômeno. A produção de petróleo atinge, em 1955, a ordem de ... 1.500.000 toneladas, mas o seu preço é astronômico.

Os processos técnicos de exploração e extração são ainda primitivos. Muitos poços não produzem mais que 18 ou 20 toneladas por dia. Os erros se multiplicaram, e sobreveio a paralisia da produção, sobretudo na zona de Sala.

Mesmo na indústria de refinação, que dispõe de sete grandes unidades, a produção é de qualidade inferior: um tipo de gasolina etil de 62 octanas e um outro de 70. Alguns técnicos húngaros, que

foram à Itália recentemente a fim de examinar a possibilidade de uma troca de informações sobre a refinação de grau superior, afirmaram, ao voltar à sua pátria, que ficaram encantados com o que viram na Itália em matéria de refinação de petróleo.

A confirmação de que a «filosofia da indústria pesada» concentrou toda a atividade do governo comunista húngaro, pode ser verificada a partir do início do segundo plano quinquenal. O programa de 1956-1961, preparado pelo governo Hegedus, previa uma massa de investimentos, com um aumento na indústria pesada de 47% com relação a 1946, contra 19% na indústria leve.

A qualidade dos produtos era medíocre. Em muitas fábricas houve, em 1956, uma rejeição de 10%; e na indústria leve, essa rejeição chegou a 15%. Parte da produção ficou abandonada nos armazéns.

A incapacidade, a improvisação, a insuficiência, o controle burocrático e policial, os baixos salários, a condição desumana de trabalho, provocaram uma crise permanente do complexo econômico e desencadeou um surdo e crescente descontentamento popular. Muitos funcionários honestos que criticavam e apontavam os erros eram logo acusados de sabotagem.

Os índices relativos da produção industrial de 1950 a 1954, registraram a seguinte diminuição: a produção de carvão sofreu uma redução de 112 para 103; o aço, de 121 para 97; motocicletas, de 126 para 103; cimento, de 144 para 89; sapatos, de 147 para 124.

Do mesmo modo, a verificação dos níveis salariais, quer seja baseada em dados oficiais, quer em testemunhos diretos, é ainda mais impressionante.

O relatório do Partido Comunista, datado de 18 de julho, assinala que «o salário real por unidade não foi suficientemente aumentado». O mesmo relatório afirma que o salário básico estava fixado no nível mínimo de 650 florins por ocasião do início da revolta. Comparando-se esse salário básico com os custos de roupa e de alimentação, constataremos a sua gritante insuficiência.

No setor agrícola, o quadro é ainda mais negro. No relatório de 18 de julho lê-se o seguinte: «É verdade que a produção agrícola aumentou durante o plano quinquenal; contudo, seu nível permanece quase igual ao do período pré-bélico». Acontece, porém, que considerando-se o aumento de população no período que vai de 1940 a 1956, verifica-se que a renda agrícola «per capita» diminuiu nos últimos 16 anos. Foi a falência completa da política agrícola.

A lei de coletivização estabeleceu que a propriedade privada da terra fosse limitada a 12 hectares. O setor privado representava, em 1954, cerca de 53%. O resto estava organizado corporativamente. Cerca de 85% da produção era vendida por preço abaixo do custo, e o restante era entregue aos camponeses, para a alimentação e novo plantio. Organizou-se, então, um Ministério a fim de controlar o sistema. Entretanto, tais medidas determinaram uma mais sensível diminuição da produção e um desinteresse total dos camponeses sócios da cooperativa.

Este quadro da política econômica comunista não estaria completo se não se apontasse o último e mais sério motivo do colapso econômico da Hungria: a política de «integração» no mundo soviético. Através de sociedades mistas a que pertenciam organizações soviéticas, os acordos econômicos para a aquisição de uma alta porcentagem da produção húngara a «preços internacionais» inferiores ao custo interno mais elevado e a aquisição de outra porcentagem a preços inferiores ao custo, como a de alumínio, por exemplo, assistiu-se a uma espetacular drenagem da economia húngara em favor da União Soviética. Desse modo, a economia húngara alimentava fartamente a economia russa.

Foi por isso, que se iniciou o processo cismático no seio do Partido Comunista Húngaro. Entretanto a «integração econômica», que muito contribuiu para a falência do plano quinquenal, um grupo de comunistas assumiu uma posição dissidente, visando a pôr fim à política de sujeição à União Soviética, em prol de uma política de autonomia nacional. O grupo pro-sovietização continuou a sua política de subordinação e recorreu à repressão, que atingiu a muitos líderes comunistas, como Rajk, Kádár, Nagy, Marosán, Horváth, Loronsky, numerosos outros dirigentes, e mais 16 mil militantes, dos quais 3 mil em Budapeste.

O drama da Hungria é explicado magnificamente nesta reportagem de Matteo Matteotti. O povo húngaro não se conforma em ter perdido a liberdade. Lutou até o último instante. Foi derrotado. Preferiu então abandonar o país (como se vê na foto) a viver subjugado pelos russos.



O comunismo devorou a si mesmo num quadro terrível de acusações e de processos. Uma minoria monopolística e corrupta chefiada por Geroe, Rakosci, Munich e Piroc, serve-se do Estado e da Polícia Política, a A.V.H., para levar a efeito o processo de revisionismo. Os oficiais da A.V.H. gastam dez vezes mais do que qualquer operário, e são recrutados segundo o critério do clientelismo e da corrupção. Sua função específica é controlar os membros do Partido.

Os métodos policialescos envolvem o próprio Partido Comunista. A corrupção, a espionagem e o favoritismo do grupo Rakosci semeiam o terror e o ódio. Rakosci nomeia amigos seus para a direção de estabelecimentos industriais. E muitos diretores têm autorização para fazer negócios com clientes estrangeiros sem o controle do Tecnoimpecs, órgão de coordenação do comércio exterior. O apadrinhamento e os privilégios tornaram-se rotina.

A burocratização favorece o arbítrio. Em 1956, existiam 86 entidades estatais, das quais 18 com atribuições para realizar o comércio externo. O governo tinha 22 ministros de Estado e 46 sub-secretários. Mas as críticas ao sistema são logo denunciadas como sabotagem. Depois do XX Congresso do P.C.U.S., procura-se modificar alguma coisa. Porém, a desburocratização vai de encontro aos interesses cristalizados de certos grupos e da clientela privilegiada. O Partido Comunista corre o risco de ruir automaticamente. Então, promove-se a reabilitação de 474 dirigentes comunistas. Sobrevém a destituição de Rakosci, a expulsão de Farkas, e a perseguição de vários elementos do grupo titoísta. Porém é tarde demais; o organismo encontra-se em estado de putrefação.

Por ocasião da apresentação da proposta de modificação do plano quinquenal, os sindicatos e as organizações fabris pedem a instalação de 22 conjuntos industriais. Seguem-se centenas de outros pedidos. Em pouco tempo, mais de 50.000 propostas são apresentadas; mas todas elas permanecem engavetadas e são logo esquecidas. As emendas ao plano não podem ser aceitas. O sistema burocrático sofre uma paralisia. O capitalismo de Estado se baseia nos princípios leninistas e marxistas.

O Partido Comunista não tem mais energia moral nem crédito para debelar a luta interna. A massa operária faz críticas ferrenhas a todos os setores da atividade partidária. O descontentamento invade as fábricas e universidades.

Foi debaixo dessa tensão que se iniciou o dramático mês de outubro, que é o pródio da tragédia. Sob a pressão popular que agita o país, Nagy é reintegrado no seio do Partido a 13 de outubro. Mas, na tarde do dia 23, milhares de estudantes saem às ruas. Em frente ao monumento de Páefi o povo exterioriza as reivindicações de uma política total: Governo Nagy, independência nacional, democratização, liberdade de imprensa, neutralidade da Hungria e revisão dos acordos comerciais com União Soviética. Os professores estão à frente do movimento e no dia 21 de outubro, em Sopron, na fronteira com a Áustria, a Universidade celebra a memória de Kossuth.

A multidão em Budapeste se movimenta da Praça Petöfi ao monumento do general Bem, em sinal de simpatia para com a Polónia e o novo regime de Zomulka. Depois, na Praça Stalin, cerca de 200.000 estudantes, operários, comerciários, jovens das organizações esportivas entregam-se a manifestações extremadas, abatendo o colosso de 18 metros de altura símbolo do terror e da opressão: a estátua de Joseph Stalin.

O governo e o secretário do Partido Comunista, Geroe, impotentes para compreender o sentido do movimento popular, procuram estigmatizar os revoltados. Os membros do Comité Central do Partido se reúnem e discutem acaloradamente o problema no Palácio do Rádio. Os estudantes se dirigem ao palácio, que é a sede do Comité Central, e pedem que não dêem o sentido falso às suas manifestações. Mas depois, Geroe, falando pelo rádio, denuncia uma provocação fascista e reacionária. Uma delegação de estudantes protesta e pede para que seja lido no mesmo microfone o documento dos 14 pontos. A A.V.H. intervém e assassina 26 estudantes.

Ante os cadáveres de estudantes mortos, a multidão enlouquece, mas a A.V.H. prossegue o assaete. Os estudantes enviam mensagens às casernas anunciando o assaete. Os oficiais permitem que os soldados empunhem armas; multidões uniram-se aos revoltosos. Naquela noite os operários de Szepelel, ligados, chegam com um caminhão carregado de armas que distribuem ao povo. Os jovens das organizações comunistas estão à frente do movimento. É a síntese suprema da revolução, que de manifestação pacífica revocada, se transforma em revolta. É a re-

volução nacional contra a opressão de uma pequena minoria que faz um dramático apelo às tropas soviéticas. Assistimos então a jornada da tragédia e do heroísmo, que todo o mundo já conhece.

Frente aos acontecimentos húngaros, três perguntas exigem respostas: que fatos políticos ocorreram em Budapeste entre os dias 2 e 4 de novembro? Por que intervieram as tropas soviéticas? E, finalmente, qual é o significado e a perspectiva da revolução húngara? Sob a pressão do movimento popular, os dirigentes comunistas se viram forçados a colocar no poder o único homem que tinha autoridade moral para representar uma vontade de renovação: Nagy. Este formou um governo composto exclusivamente de elementos comunistas, mas manifestou o desejo de empreender uma modificação geral da política, ao mesmo tempo que fez um apelo às outras forças políticas para que colaborassem com o seu governo.

Do primeiro governo Nagy participaram Lukasc, Munich, Babits, Erdey, Guenes, Horvath, Tildy, membro proeminente do Partido dos Pequenos Agricultores, aceitou o cargo de ministro; Bela Kovac teve um cargo de relévo; enquanto, os sociais-democratas pediam que o governo não fosse formado por uma maioria comunista, e sobretudo que não contasse com elementos do grupo de Rakosci, ainda no controle de importantes posições no aparelho estatal.

O programa do governo Nagy baseava-se na exigência da retirada (que já havia sido prometida por uma declaração do governo russo datada de 30 de outubro), na independência, neutralidade, eleições livres em janeiro, implantação de uma democracia política, e revisão dos acordos econômicos com a União Soviética. Sem discutir o problema da estrutura econômica do Estado, os sociais-democratas e os outros grupos partidários exigiram a demissão de alguns ministros stalinianos e propuseram a formação de um governo de ampla frente política, sempre presidido por Nagy. Então, procurou-se formar o governo com 4 elementos comunistas, 3 sociais democratas, 3 pequenos proprietários, dois membros do Partido Nacional dos Agricultores, e 1 independente, o coronel Maleter, ex-comunista e chefe das forças insurrecionais. Do segundo governo Nagy faziam parte os comunistas Janos Kadar e Lozonski. O grupo de Rakosci e de Geroe e os militares soviéticos viam nisto o perigo de uma liquidação total do Partido nas próximas eleições, e logo mudaram o nome do partido para o de Partido Socialista Operário Húngaro. Por outro lado, os stalinistas temiam que o país se passasse para a órbita ocidental. Por isso, Geroe chamou o exército russo para reprimir a revolta. O segundo governo Nagy prometeu que a intervenção não se repetiria; enquanto isso, os russos achavam que o único fato da presença de suas tropas no território húngaro bastava para conter os revoltosos. Mas o governo procurava interpretar com justiça os desejos do povo em suas reivindicações fundamentais. Para sufocar a revolta, o comando soviético entrou em negociações com os representantes do governo. Kalemán, Kovac, Maleter e outros foram convidados pelo comando soviético para discutir a formação de um comité húngaro-soviético a fim de acertar os pontos para a retirada das tropas soviéticas. Essas conversações terminaram com a prisão dos plenipotenciários, do estado-maior político e militar. Finalmente, quis a ironia da história que o 39º aniversário da revolução bolchevista fosse celebrada durante a mais sangrenta repressão anti-popular dos últimos decênios.

A revolta húngara pode ser enquadrada no processo de desestalinização da União Soviética, que não podia deixar de se estender aos países do oriente europeu. A gigantesca dificuldade interna de tais processos é evidente. Trata-se de desmantelar uma política rígida, provocada pela guerra fria, de liquidar o aparelho que engendra essa burocracia cristalizada, e de estabelecer uma relação entre o Estado e o povo. O caminho é longo e penoso para os dirigentes soviéticos, que enfrentam, no momento, uma terrível crise interna. Luta-se, presentemente, para conservar a estrutura do aparelho do Estado; mas essa conservação é temporária, pois que uma série de leis econômicas, sociais e morais encontram-se em fermentação. O movimento popular na Hungria representa uma dura lição para o grupo dirigente soviético. A Polónia sofreu modificações sob muitos aspectos. A fermentação existe na Alemanha Oriental e nos países do este europeu. Tito declarou que a causa da crise está no sistema.

A União Soviética está prestes a perder o seu império, as suas colónias, porque os povos espoliados não mais toleram o domínio econômico e político. Os valores da democracia e do socialismo irrompem sob o tecto burocrático e militar do mundo comunista. Milhões de homens estão abandonando os partidos comunistas ocidentais, após o massacre dos jovens e dos operários húngaros. Esta é a vitória do povo húngaro sobre o comunismo. Enquanto isto milhares de estudantes, agricultores e intelectuais dos países dominados pela Rússia lutam pela mudança da estrutura e dos métodos de governo.



A MOÇA DA SEMANA

LUANA, o monumento folclórico da «boite» Night and Day, aparecendo nos «shows» «Rio... de Janeiro a Janeiro» e «Hip, hip, Carnaval». Mulatice que só se vende. Hurrah!

O SINTOMA REVELADOR

A fauna que habita as madrugadas tem sido bastas vezes mal compreendida, quando não impiedosamente atacada. Erram, porém, os que, entre uma dose de uísque e um número de «jazz», entre o falso Dior de Madame e o topete cosmeticado do «play-boy», vêem somente um mundo de trivialidades e nada mais que trivialidade. Engano d'alma, ledão e cego. Muita coisa pode escapar à vã filosofia de vós outros, mas não porá em cheque a notória perspicácia do Augusto Mister. Das figurinhas mais simpáticas desse discutido «café-society», se há uma que o Necessário Mister admira, e o faz sinceramente, é o sr. Jorge Guinle — Jorginho para íntimos e estranhos. E essa admiração mais valor ganha pela distância que sempre separou o escriba de «Noite Vadia» deste que é, sem favor, um dos mais «acontecidos» personagens dos colunistas sociais. O Sóbrio Mister conhece o sr. Jorginho Guinle exclusivamente de vista e através o noticiário dos «parties», dos «petits-comités», das «jam-sessions», que Mister Eco lê até as histórias taradas e com moela do Nelson Rodrigues. Sempre o julgou, antes de tudo um «bon vivant», no que faz muitíssimo bem, que, para tanto, lhe sobram pecúnia e «non far niente». O sr. Jorginho Guinle, porém, não é somente um grã-fino em perenes badalações internacionais. É também um estudioso dos problemas que agitam os povos, dos seus ideais, dos seus anseios, das suas reivindicações. Agora mesmo — e aqui está a primeira página do «Diário da Noite» que não deixaria o Mister mentir, se ele fosse

dessas coisas — o sr. Jorginho Guinle faz uma declaração sensacional. Sensacional e oportuna, pondo as nossas almas aflitas e preocupadas em merecido sossego. Depois de uma breve estada em Paris, o sr. Jorginho desembarca e declara ao citado jornal: «Não há crise na Europa!» Aos espíritos menos esclarecidos, poderia parecer até leviana a declaração do sr. Jorginho. O sr. Jorginho, entretanto, esteve na Europa, penetrou a fundo na questão, estudou com afinco as divergências internacionais e concluiu sábia mente: «Não há crise na Europa!» Como o sr. Jorginho não é nenhum irresponsável para fazer tal afirmativa sem base segura, sem conhecimento de causa, o sr. Jorginho aponta logo adiante o sintoma revelador de tudo em terras européias é um mar de rosas: que aquele trucidamento de patriotas em Budapeste não existiu; que aquelas fotos m cabras do «Paris-Match» distribuídas por Jean Manzon não passam de truque de um excelente fotógrafo; que as agências telegráficas são umas exageradas; que os refugiados x-giares chegando por aí são apenas turistas que vieram ver o nosso Carnaval — o mor do mundo! — atraídos pela eficiente propaganda do dr. Nelsinho Batista, patati e patatá. E assim o sr. Jorginho explica onde encontrou os dados necessários para a sua conclusão assaz lógica: — «No «reve»» (o sr. Jorginho esteve em Paris), todos os lugares estavam lotados e a animação era grande. Isto é um bom sinal...»

Como vêdes, o sinal pode ser bommas menino bom, bom mesmo, é o sr. Jorinho.

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

«Hip, hip, Carnaval», «show» que está sendo apresentado nas vespertais, agora diárias, da Night and Day, a preços reduzidos, é bem ruizinho. Mister Eco não compreende como quem produziu espetáculo tão bonito como «Rio... de Janeiro a Janeiro», tenha cometido semelhante chifrineira, além do malogrado «Wonder Bar». Hurrah!

«Hip, hip, Carnaval» tem can-can, tem mambo, tem fox e tem quadro

francês. Sim, tem quadro francês. Marina Marcel continua cantando em inglês e continua a ser uma ótima bailarina. Hurrah!

O ritmo do «rock'n roll» é o que a saudosa «grandmother» costumava chamar de ardilamento. Ardilamento puro. Água fria na moçada!

A «boite» Casablanca vai ser cedida ao Colégio Brasileiro de Cirurgias. JK prometeu interceder.

Rafael Mendez, trumpetista de fama mundial, brevemente nestas plagas, devendo atuar em rádio, televisão e «boite».

Novamente com o sr. Eduardo Tapajós a «boite» Bèguin. Os prejuízos vultuosos dos ex-arrendatários forçaram a rescisão de contrato. O resto é lirismo.

Nanai vai ser galã do cinema mexicano, ao lado da reboante Nilton Sevilla. Enquanto o contrato não vem, Nanai deixa crescer cabelos, bigodes e costeletas, como manda o figurino.

Para fins de abril o repeteço de Edith Piaf no Copacabana Palace, — a melhor atração internacional de 56.

O prêmio para a Rainha do Baile das Atrizes este ano será na base da comissão. 20% sobre o montante dos votos angariados pela vencedora...

Tanto cartaz — mesmo negativo — estão dando ao menino Jean Pouchard, que ele vai acabar Ibrahim Sued. É só esperar.

Do «Key-Bar» para o «Drink», a «crooner» Glorinha Magalhães, uma

das noivas que nunca foram de Cauby Peixoto. Nem podia ser.

Agradecimentos à revista «Club dos Artistas» por ter escolhido o Augusto Mister como o melhor cronista do mês. Conquanto reconhecendo os bons propositos da direção da citada revista, vamos convir que Mister Eco não merece tanta lantejoularia, com sói dizer a insigne senhora Ary de Almeida. Hurrah!



NANAI
Galã mexicana.



LUZIA VITÓRIA
Can-can no Carnaval.



LEON ELIACHAR — Cercado pelos 7 lados — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

«MAIS ENGRAÇADO DO QUE EU E O JÂNIO QUADROS, ELE FALA SÉRIO E TODO MUNDO RI.»

Pão — É verdade que você concorreu sozinho aos prêmios de humorismo de Bordighera?

QUEIJO — Ganhei os dois primeiros prêmios concorrendo com 16 nações; mas foi como se tivesse concorrido sozinho.

Pão — Arthur Miller sabe das suas verdadeiras intenções com a Marilyn Monroe?

QUEIJO — Acho que não; mas o que deve preocupá-lo são as intenções dela para comigo.

Pão — Quanto «custou» e quanto «vale» a sua discoteca?

QUEIJO — «Custou» 4.228 estrelinhas na «Penúltima Hora» e «vale» quanto pesa.

Pão — Que são cronistas «rotação 78» a que você tanto se refere?

QUEIJO — São cronistas que vivem rondando em volta dos donos das fábricas de discos, mas acabam sempre na prateleira.

Pão — Agora que você tem telefone, a Cia. Telefônica foi vencida pela Cia. do humorismo?

QUEIJO — Para informações, Augusto Mister, ligue para «Zero Dois».

Pão — Se Jean Pouchard «fêz» o seu casamento, Jean Pouchard é mesmo «divino» como acha o Antônio Maria?

QUEIJO — Quem é Jean Pouchard?

Pão — Como você se arranja com a falta d'água?

QUEIJO — Tomo uísque puro.

Pão — Quem é mais engraçado do que você?

QUEIJO — O Jânio Quadros. Ele fala sério e todo mundo ri.

Pão — Suas secretárias são positivamente HI-FI?

QUEIJO — São. Na hora do trabalho, são agudas; na hora do descanso, tornam-se graves.

Pão — Já que o assunto de estatística dos jornais está em pauta, qual a tiragem exata de «Penúltima Hora»?

QUEIJO — Segundo o «Ibopes», estou com cerca de 3 milhões de leitores diários; pelo «O Globo», estou apenas em 2º lugar.

Pão — Qual a coluna social de sua preferência?

QUEIJO — A Lista Telefônica: cita milhares de nomes, sem dizer um só disparate. Ainda por cima, dá os telefones.

Pão — O cinema brasileiro ainda continua fazendo «fita»?

QUEIJO — Fita não. Papelão.

Pão — Se você tivesse que usar óculos, como se arranjaria com esses olhos tridimensionais?

QUEIJO — Seguiria o conselho de Bené Nunes: usaria «soutiens» de vidro.

Pão — Das nossas «show-girls», quais as que você escolheria para uma viagem a Marte?

QUEIJO — Convidaria só o Carlos Machado: ele se encarregaria de levar tôdas.

Pão — O «La Gondola» é uma filial da Academia de Letras?

QUEIJO — De certo modo, é a matriz. Quase todos os seus frequentadores assinam «letras»...

Pão — Você teria coragem de abrir uma «boite»?

QUEIJO — Teria. Mas garanto que seria fechada pelos «amigos do peito».

Pão — Para finalizar, qual a melhor piada de 56?

QUEIJO — O Salário Mínimo. Foi aumentado em cinquenta por cento e, logo em seguida, tudo subiu mais setenta.

A ARARA TOPOU



... os dez anos de nobilitantes atividades de «Os Artistas Unidos» em prol do teatro brasileiro. Sempre ao lado das boas causas, a Arara congratula-se com todos os diretores e artistas dessa organização modelo, agora fortalecida com a campanha dos sócios proprietários, merecedora do apoio dos amigos do bom teatro.

A ARARA CHUTOU



Bichinha de bons princípios, que resistiu heróicamente a aprender aquelas palavras horríveis que Hélio Colonna lhe ensinava nos camarins da Night and Day, a Arara chutou a pornografia que campeia na revista «Mão na Toca», capaz de ruborizar até o Barreto Pinto. Se aquilo é espírito deve ser de porco...

ENQUÊTINHA

COMO VOCÊ SE SENTE COMO COLEGA DE IMPRENSA DE CARLOS MACHADO?

DE PRISCAS ERAS...



Fernando Lôbo, que por muito tempo fez uma excelente seção de vida noturna nesta «Revista» e hoje escreve «Astros e Estrêlas do Rádio», também estendendo as suas atividades a uma seção diária na «Tribuna da Imprensa», assim respondeu:

— Eu já era colega de Carlos Machado há muitos anos; só que ele assinava com outros nomes em vários jornais...

DE AUTORIA MISTERIOSA



Nestor de Holanda, cronista do «Telhado de Vidro» do «Shopping News» e de «Manchete», levou a mão ao peito e confessou:

— E' de minha livre e espontânea vontade que recebo o sr. Carlos Machado como colega jornalista. Dizem que é o Brício de Abreu quem está escrevendo para ele assinar. E' mentira. Quem conhece o Brício, sabe que ele não faz isso nem por ele mesmo...

DE AFIADO GUME



Sérgio Pôrto, cronista dos melhores e pai espiritual de Stanislaw Ponte Preta, o vivo e feroz Ponte Preta terror dos picadinho-relations, foi sucinto e preciso, entre as suas atividades divididas com «Manchete» e «Última Hora»:

— E' mais um machado a serviço das letras pátrias...

DE CRUEL DESTINO



Joel Silveira, o melhor repórter do Brasil e cronista do «Diário de Notícias», pensou e concluiu:

— Você sabe o que é uma pessoa fazer jornalismo há vinte anos e acabar confrade do sr. Machado? Em compensação, o sr. Machado vai ser confrade do sr. Sued. Como você vê, o crime não compensa.



CLAUDIO SILVEIRA — No Country, Cláudio é o dono, movendo-se nas suas dependências com a mais absoluta naturalidade. Se houvesse ali, um concurso para escolher o rapaz mais simpático e agradável, Cláudio ganharia facilmente. Está sempre de excelente bom humor, bebe com mais velocidade (e em mais quantidade) do que a sua própria capacidade pode agüentar, é considerado o «public-relations» n° 1 do Rio e o mais resistente dos boêmios. Trabalha muito, tem às vezes (até na voz) um tom de indizível tristeza, mas procura se libertar e demonstrar o máximo de alegria. É queridíssimo, e as referências feitas a ele (principalmente quando está ausente) são todas repassadas com um tom de carinho e de ternura realmente comoventes. Incapaz de querer mal a alguém, Cláudio Silveira faz parte de uma geração, que vai lentamente desaparecendo da circulação. Mas ele continua, impávido, tranqüilo, querendo bem e sendo querido. O que é o máximo que alguém pode almejar, fora dos valores convencionais e frios em que se estrutura (e se baseia) a pobre coletividade humana.

**MAURO BRAGA APRESENTA
MAIS ALGUNS**

PERSONAGENS DA VIDA BRASILEIRA

O «BLUFF» **DAVID NASSER** — O EXCELENTE **FERNANDO PESOA DE QUEIROZ** — **GILDA LERAUD**, «BRÔTA» ENCANTADORA QUE SERÁ MULHER EXCEPCIONAL — **IRENE ALENCASTRO VON DELINGSHAUSEN** E SEUS NAMORADOS SECCIONAIS — A OUTRORA DONA DO «SOCIETY», **IRENE GUINLE** — **ELIZINHA MOREIRA SALES**: UMA DAS MULHERES MAIS BEM VESTIDAS DO MUNDO, NÃO FREQUENTA AS LISTAS DE ELEGÂNCIA DOS COLUNISTAS BRASILEIROS — **SACHA**, O SÓCIO DE **CARLOS MACHADO** NOS PREJUÍZOS.



DAVID NASSER — O maior «bluff» de todos os tempos do jornalismo brasileiro. Conseguiu fazer cartaz às custas de Jean Manzon que durante anos carregou-o nas costas. Depois, Manzon cansou-se, desfez a dupla e David Nasser desapareceu. Ou melhor, passou a aparecer apenas nas notas que ele mesmo escreve e envia para os jornais (naturalmente da cadeia dos Associados), contando aventuras que nunca viveu e proezas que jamais executou. Antes de entregar uma reportagem, escreve no mínimo uma lauda sobre si mesmo, e sempre arranja jeito de conversar o paginador ou o secretário e encaixar mais fotografias suas do que do próprio acontecimento. É o repórter mais «comemorado» do Brasil, pois está sempre promovendo homenagens em que ele mesmo entra como herói. Naturalmente herói grotesco. Na 2ª Guerra Mundial foi praticamente o único repórter que esteve longe das operações. Na recente escaramuça Exito x Inglaterra, custou o mais possível a embarcar. Quando viu que não haveria mesmo guerra, embarcou. Chegou a Paris, e quando a situação ficou novamente tensa, não conversou, voltou para o Brasil e escreveu uma série de reportagens dando a impressão de que tinha estado em Suez. Sem escrúpulos, sem lei, sem fé e sem coerência, faz o chamado jornalismo comercial, isto é, o jornalismo que vive mais com o olho na bilheteria do que no interesse público. Esse é David Nasser, o repórter que há longos anos engana o público, engana seus patrões e provavelmente a esta altura, já terá conseguido enganar até a si mesmo.

Dentro em pouco a satisfação de Hilde Garavaglia e João Batista Amaral (foto), se vestirá com outras cores: Hilde estará toda de branco, de véu e grinalda e ele, mais nervoso e compenetrado. Então, serão sr. e sra. Amaral Filho e a alegria dominará o ambiente.





ELIZINHA MOREIRA SALES — A sra. Walter Moreira Sales é responsável pela maior «gaffe» já cometida pelos colunistas sociais brasileiros: não incluída por eles na lista das mais elegantes do Brasil foi considerada nos EE.UU. como a mulher mais bem vestida do mundo. Quer dizer: a sra. Elizinha é elegante no mundo mas não o é no Brasil. O que provocaria gargalhadas, não conhecêssemos os métodos (e as intervenções indiretas) que costumam ditar e influenciar essas escolhas. Linda, elegante, personalíssima, Elizinha vai caminhando rapidamente para ser uma das «marechalias» da sociedade brasileira. Simples, atável, carinhosa, terna, clássica e senhorial, com essa qualidade rara que é a de fascinar pela presença e «pairar no ar» quando ausente. Ri pouco, não é dada a grandes expansões, e se fosse feita uma seleção para escolher as 10 mulheres de mais categoria da sociedade internacional, ela fatalmente estaria entre as escolhidas. Honra que receberia sem alteração, com satisfação (é claro), mas sem se deixar dominar por ela. Pois não transforma a elegância e o brilho social, em armas para agredir ou ofuscar ninguém. Adora sua casa, seu marido, seu filho. Mas quando «circula», o faz com «charme» e «aplomb» verdadeiramente irresistíveis.

SACHA — O sócio (nos prejuízos) do sr. Carlos Machado é um sujeito interessante. Sua calma e sua placidez enganam muita gente. Mas atrás daquela máscara tranqüila e indestrutível se esconde um sujeito extraordinário, que já fez o que muita gente persegue há anos inutilmente: viver. Manso, discreto, bem humorado já fez tanta coisa que seria impossível resumir nos limites destas notas. Mas provavelmente a experiência que lhe deixou melhores recordações foi a do Vogue. Ali, sentado 12 horas seguidas ao piano, teve um ponto estratégico admirável para ver (e entender) o Brasil e a sua fama elegante. Conhece todo mundo, já foi cumprimentado pelas pessoas mais importantes da sociedade carioca, mas não tem sombra de convencimento. Veste-se bem, bebe com incrível disposição, tem admiração por Antonio Maria e Rubem Braga e seu nome hoje é um dos mais conhecidos da zona sul (pelo menos). Pois de sete as setes, um letrado luminoso com o seu nome anuncia que ele domina inapelavelmente na fortaleza de bom gosto em que se converteu a sua casa.

MAURO BRAGA APRESENTA MAIS ALGUNS PERSONAGENS DA VIDA BRASILEIRA

GILDA LERAUD — Na excepcional (pelo menos em beleza) geração que começa a surgir na sociedade brasileira, Gilda Leraud tem um lugar destacado. Com tôdas as qualidades e defeitos de muitas (vaidade, sede de atenções, exibicionismo, beleza, simpatia, quase inteligência, etc.) possuindo ainda em alta dose o que pou-



cas podem exhibir: sofisticação no grau e na medida exata, sem ultrapassar um milímetro o limite em que a sofisticação deixa de ser categoria para se transformar em vulgaridade. Das moças que circulam no momento pelo chamado «jovem-society» é a que apresenta melhores condições para desabrochar como grande mulher, quando tiver mais idade, principalmente depois do casamento. É esguia, muito elegante, falsa (principalmente consigo mesma) de temperamento contraditório, gostando simultaneamente de dominar e ser dominada. Em outras palavras: poderia namorar ao mesmo tempo Ricardinho Fasanelo e Marlon Brando, que são os dois extremos da admiração feminina. Aos 19 anos está doidinha para se casar, o que não tardará a fazê-lo, embora no momento não tenha predileção acentuada por ninguém. Tem um alto aprêço por si mesma, se diverte em colecionar antipatias e até mesmo em provocá-las. Das moças de sua idade, poucas gostam dela, sentimento que retribui com a maior tranqüilidade. Tem uma excelente formação, mas em categoria humana perde longe para sua irmã Denize. Mas isso já é outra história, que contaremos num dos próximos capítulos.



IRENE GUINLE — Foi dona e senhora da sociedade carioca e hoje não é recebida por ninguém. Assim, em poucas palavras, estaria resumido o verdadeiro drama da sra. Irene Guinle. Drama que é menos seu, do que de todas as coletividades, em que os sentimentos humanos, (amor, ódio, vaidade, ambição, inveja, etc.), dominam inexoravelmente. Casada com o falecido (e saudoso) Carlinhos Guinle, uma das pessoas mais queridas do ferocíssimo «society» carioca. Quando estava no auge do poder das festas que marcaram realmente uma época do Rio de Janeiro. Uma das mulheres mais requintadas do mundo, com categoria social para dar e vender. Sabia receber com classe, com excepcional bom gosto, exibindo nesse setor dificílimo toda a sua enorme «canha» internacional. Convidou e «barrou» quem quis e nunca ninguém se atreveu a recusar ou a faltar a um convite seu. Brigou com Dolores Guinle e efus-

cou-a completamente. Inteligente (até certo ponto) cometeu o gravíssimo erro de se deixar embriagar pelo sucesso, sem procurar investigar se ele se assentava em bases sólidas e irremovíveis. Quando Carlinhos morreu, começou a sua odisséia. Cometeu os maiores disparates, acumulou erros e desacertos. Um ano antes da morte de seu marido (já desenganado pelos médicos), Irene perguntou a uma das mais importantes figuras do Rio: «o que vai ser de mim quando Carlinhos morrer?» A resposta está aí, amarga e cruel: não é recebida por ninguém, foi verdadeiramente banida da sociedade carioca. E quando (por piedade) foi convidada para uma grande festa (em fins de dezembro) provocou mal-estar, aborrecimentos, e várias senhoras presentes proibiram seus maridos de sequer conversar com ela. Teve que sair antes da festa acabar, sósinha, bastante diferente da Irene Guinle de 3 anos atrás.



IRENE VON DELINGSHAUSEN — Uma das «brôtas» que mais rapidamente se transformaram em notícia. Personagem diária de José Alvaro e Jean Pouchard. Namora o Oxêrinho (pra que?) de manhã, o Camacho na hora do almoço e o Homero Lopes ao cair da tarde. Apelido: Sabrina. O melhor auditório para humoristas, pois começa a rir na hora que acorda e só pára quando vai dormir. É graciosa, sem ser bonita, embora em fotografias dê a impressão de ser ao mesmo tempo sedutora e terna. O que não corresponde a realidade. Ainda não tem 18 anos (parece mais), diz que gosta de Daudet

e Musset, mas provavelmente não leu nenhum dos dois. Em entrevista a José Alvaro, disse que a mulher mais bonita que já viu chama-se Martine Carol, o que coloca seu gosto entre o sorriso e o péssimo. Acha Baby Vignoli e Lourdes Catão elegantíssimas, o que se é uma verdade indiscutível no segundo caso, vem a ser uma opinião arriscadíssima no primeiro. Não vai a boites, gosta de praia (fica melhor com maiô de duas peças), tem um jeito gozado de falar, e uma capacidade bastante grande de se abstrair do ambiente e se recolher a si mesma. Mas talvez nem ela perceba isso.



FERNANDO PESSOA DE QUEIROZ — Na nova geração masculina do «society» brasileiro destacam-se Cesário Melo Franco Sena e Fernando Pessoa Queiroz. Ambos com o mesmo traço e a mesma semelhança: o físico excessivamente «bem acabado» prejudicando o julgamento intelectual. De Cesário falaremos proximamente. Nosso personagem de hoje é Fernandinho, como é carinhosamente tratado. Excelente rapaz, de personalidade, sabendo o que quer (e como conseguiu-lo) não deixando de maneira alguma a riqueza e a projeção da família influir ou se imiscuir nos seus projetos pessoais. É ambicioso (até onde a ambição é qualidade), com uma noção de valores hu-

manos realmente surpreendente num rapaz de sua idade, e com as facilidades e as tentações que o seu meio social e econômico lhe possibilita. Ao contrário de seu amigo André Jordan vai ganhando em cordialidade e solidariedade, à medida que se impõe os seus indiscutíveis dotes de liderança. É exuberante, bom amigo, veste-se bem e as moças com quem costuma sair, dizem com evidente satisfação que ele é alinhadíssimo. Seu sorriso é um verdadeiro hino de amor à vida, e conserva um ar de menino ingênuo que ainda lhe valerá grandes conquistas. No plano feminino e no econômico.



Bulganin, Kruchev e Gomulka (foto) provavelmente não gostarão de uma união na Europa. Mas essa união hoje deixou de ser apenas política, econômica e administrativa: ganhou a rua e a discussão do homem comum.

EUROPA, ANO ZERO

A UNIÃO EUROPEIA E A PAZ — A EURATOM, O «POOL» DO AÇO E DO CARVÃO E O MERCADO COMUM — A UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA E AS PERSPECTIVAS PARA O MUNDO INTEIRO.

Por HERMANO NOBRE ALVES

QUINZE dias antes do início da revolução húngara, o «Jornal Literário» (Irodalmi Ujság) de Budapeste publicou uma «Ode à Europa», da autoria do jovem poeta Tamas Aczel. Nesse jornal em que os intelectuais comunistas manifestavam o seu descontentamento com o regime, Aczel afirmava, em seu poema, que os povos da Europa têm um «destino comum».

A idéia da união dos povos europeus numa federação está amadurecendo mais depressa do que se pensava, ao calor dos últimos acontecimentos. A união europeia se impõe como uma solução de equilíbrio num mundo dividido em dois grandes blocos. Enquanto aumentam os sintomas de que os Estados Unidos e a União Soviética buscarão um entendimento, dividindo o mundo em esferas de influência, com um Tratado (Atômico) de Tordesilhas, as velhas nações da Europa se aproximam. A idéia da união está se tornando popular, dentro e fora da Cortina de Ferro.

Até recentemente, a união da Europa era discutida, apenas, nos meios políticos, econômicos e administrativos. Não havia, ainda, saído à rua e convencido o povo. Agora, porém, como uma rajada de ar fresco, essa idéia voltou à Europa Ocidental, vinda dos países que estão atrás da Cortina de Ferro. As revoluções da Polónia — que ainda está em processo — e da Hungria — que os russos interromperam com um banho de sangue — tiveram um caráter verdadeiramente europeu. São muitas as provas disso, que podem ser buscadas nas publicações polonesas e húngaras e nas afirmativas de Wladislaw Gomulka e Imre Nagy.

Quando os russos começaram a sangrenta repressão à revolução na Hungria, o grupo francês de «Gauche Européenne», formado por socialistas, fez um apelo à juventude e à classe operária de toda a Europa para que se organizasse, «passando por cima das fronteiras arbitrárias», para:

1 — Apoiar, com armas e voluntários, todas as revoltas populares contra a ditadura.

2 — Retomar a iniciativa, no Leste europeu, na Espanha «e em todos os lugares onde a liberdade estiver em perigo».

A intervenção russa na Hungria provocou grande indignação na Europa e uma tomada de posição de grande parte da classe operária que ainda tinha ilusões com o comunismo. Os trabalhadores de países como a França — que está num bico sem saída no que se refere a soluções de cúpula — acostumaram-se, muitas vezes, a deixar-se levar pelos comunistas, na defesa das suas reivindicações. É notório que a grande maioria dos eleitores comunistas divergia do Partido em questões fundamentais. O voto, muitas vezes, era dado em sinal de protesto — elegendo comunistas.

Abrem-se as perspectivas, agora, para uma nova internacional, de tendência social-democrática, baseada na classe operária — fruto da reaproximação de intelectuais e trabalhadores. Esta esperança surgiu dos movimentos sociais ocorridos atrás da Cortina de Ferro. O abandono em massa do Partido Comunista, nos países da Europa Ocidental, é um fato, por grandes contingentes operários, como ocorreu na Itália, onde mais de 500 mil comunistas deixaram o Par-

tido. A mesma coisa aconteceu na Austria, na França e na Alemanha Ocidental.

Um dos grandes obstáculos à união europeia é a divisão da Alemanha. O chanceler Konrad Adenauer, em plena campanha eleitoral, está fazendo uma revisão das suas posições anteriores, procurando se aproximar das teses socialistas, chegando, inclusive, a aceitar a idéia de uma Alemanha unida e neutra.

Os dirigentes da Alemanha Oriental, burocratas comunistas, serão obrigados, naturalmente, a aceitar o desafio. Em caso contrário, correrão o risco de uma insurreição popular à maneira húngara. Se os socialistas vencerem Adenauer, a situação para os líderes comunistas se agravará consideravelmente.

Adenauer, muitas vezes, tem manifestado incompreensão do problema europeu, no que se refere aos países atrás da Cortina de Ferro. Uma das características do movimento polonês, que conduziu Gomulka ao poder, foi o seu sentido europeu. Nessa ocasião, porém, Adenauer cometeu uma «gaffe» dessas que só John Foster Dulles costuma praticar. Disse que era preciso aproveitar a situação para fazer uma revisão das fronteiras com a Polónia, com o abandono da linha Oder-Neiss.

Mas, quanto à união com os países da Europa Ocidental, Adenauer tem agido com certa inteligência, embora insista em reivindicações nacionalistas na questão da Euratom — a organização central europeia de energia atômica, que se planeja. Os governos franceses, porém, têm feito finca-pé em questões semelhantes no que se refere ao Mercado Comum. A miopia não é monopólio de ninguém.

A união europeia não é muito do agrado dos grupos dirigentes da União Soviética e dos Estados Unidos. É uma idéia muito revolucionária, que os reacionários de Moscou e de Washington não vêem com bons olhos. Nas manifestações operárias, na Alemanha Oriental, em junho de 1953, foi evidente o desejo das massas em favor da unificação do país. Esse movimento, que foi espontâneo e apoiado pelos socialistas, sofreu a repressão dos tanques russos. Na ocasião, o comando norte-americano das tropas estacionadas em Berlim ficou muito inquieto, não somente por causa do perigo da guerra mas, também, por causa do caráter social do movimento. Ernest Reuther — o prefeito socialista de Berlim, já falecido — estava em Viena, na ocasião, e pediu aos americanos que lhe cedessem um avião para o seu regresso imediato à Alemanha. O pedido foi recusado e Reuther sofreu uma decepção tão grande que, segundo seus amigos, ficou com a saúde abalada.

Os interesses europeus — mesmo quando são remanescentes do colonialismo — colidem, muitas vezes, com os da União Soviética e dos Estados Unidos. É o caso da Inglaterra e da França no Oriente Médio e na África do Norte. O petróleo do Irã, que estava sob o controle britânico foi disputado pelos russos, que manejavam Mossadegh. Quando Mossadegh foi derrotado, os ingleses viram-se forçados a dar participação aos interesses petrolíferos norte-americanos.

A penetração norte-americana no Oriente Médio — agora codificada pela chamada Doutrina Eisenhower — não visa apenas impedir o avan-

ço da Rússia mas apressar a liquidação do Império Britânico. É o «France-Observateur», agora, quem assinala, por trás da ação nacionalista do Iêmen contra a Inglaterra, uma estranha aliança do Partido Comunista com os interesses petrolíferos americanos.

A questão de Suez reaproximou a França e a Inglaterra. O malôgro comum manteve a aliança e abalou as relações desses países com os Estados Unidos. Harold Macmillan, primeiro ministro que substituiu Anthony Eden, é partidário do Mercado Europeu Comum e acha que a Inglaterra participará, sem divergências, da aliança que a França, a Alemanha, a Áustria, o Luxemburgo, a Holanda e a Bélgica planejam.

A Alemanha e a França conseguiram, por meio de um plebiscito, solucionar a questão do Sarre. O povo escolheu a nacionalidade alemã. Isso abriu caminho para uma maior aproximação, apesar das reclamações do general De Gaulle, cujas idéias sobre a Europa continuam no mesmo plano das que tinha quando da Segunda Guerra Mundial. Hoje, é o general Speidel, que foi do Estado Maior de Rommel, quem comanda as tropas de terra do Tratado do Atlântico Norte. Até pouco tempo, tal coisa era considerada impossível.

Guy Mollet, o primeiro ministro francês, depois de visitar a Inglaterra, escreveu:

— «O governo e a opinião pública britânica manifestam efetivamente, um crescente interesse pela Europa».

O socialista alemão Carlos Schmid, em discurso perante o Congresso Pan-Europeu, em Viena, perguntou se os europeus devem se resignar com o declínio do Ocidente, profetizado por Oswald Spengler. Milovan Djilas, comunista iugoslavo que divergiu de Stalin e, depois, de Tito, demonstrou que a revolução húngara reabria a questão da união europeia. O conservador Richard Butler — o grande economista «tory» — é defensor do «pool» do aço e do carvão, do Mercado Europeu Comum e da Euratom. O velho Winston Churchill há muito tempo que defende a tese dos Estados Unidos da Europa. Paul-Henri Spaak, socialista belga, é considerado, hoje, o estadista da união europeia. E o papa Pio XII várias vezes se tem manifestado a favor dessa tese.

A Europa, hoje, está em efervescência. Há um reagrupamento socialista na Itália enquanto os católicos recebem a promessa de que o movimento não terá caráter anti-clerical. Há agitações anti-russas nos países bálticos. Os russos foram forçados a fazer um expurgo na România e na Bulgária. Na Espanha, a ditadura de Franco está desmoralizada enquanto se agitam os trabalhadores, os estudantes, os intelectuais.

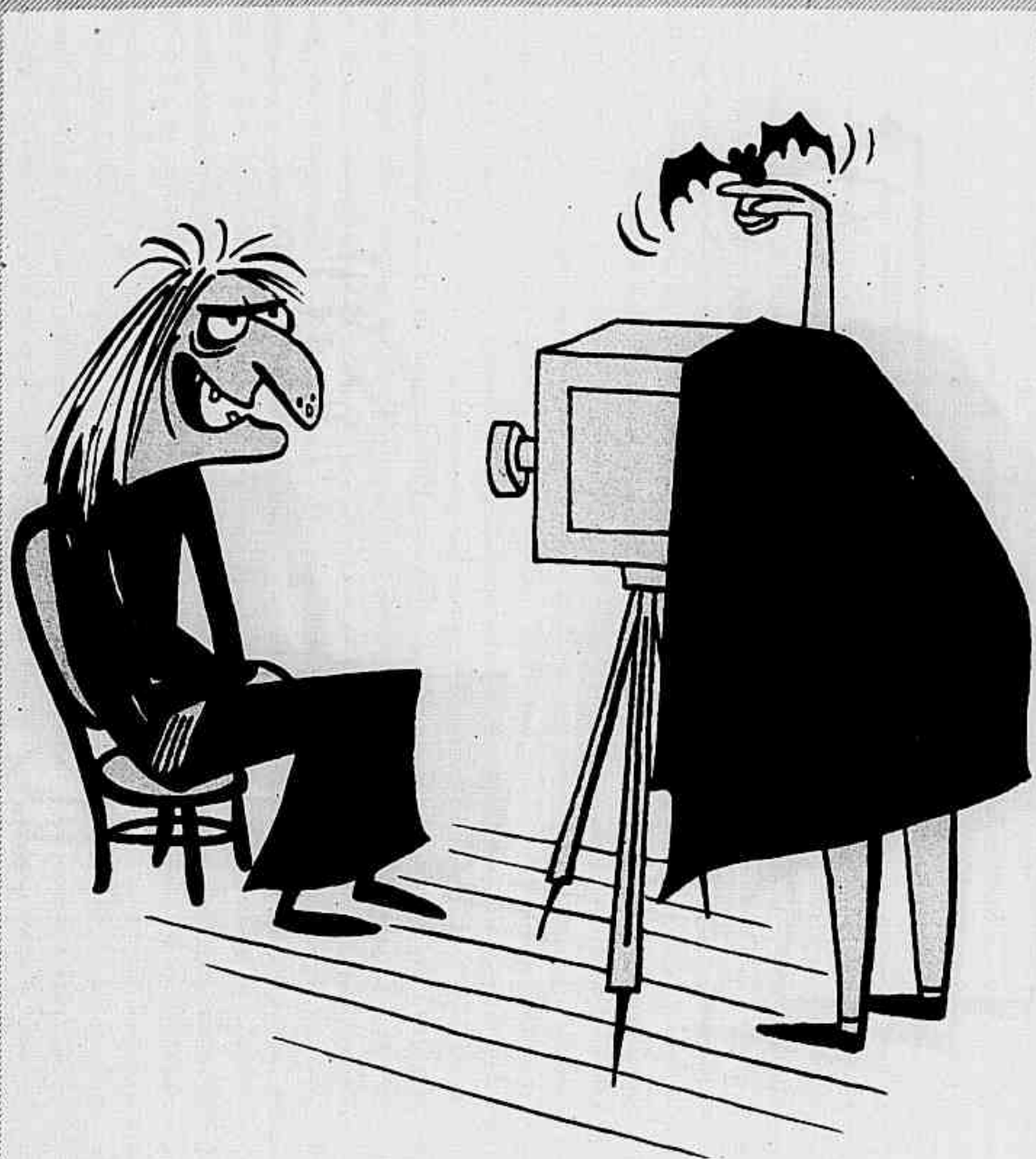
Em todos os pontos, a idéia da união é levantada. Se isso se conseguir — e 1957 é um ano decisivo — a paz estará garantida, no mundo.

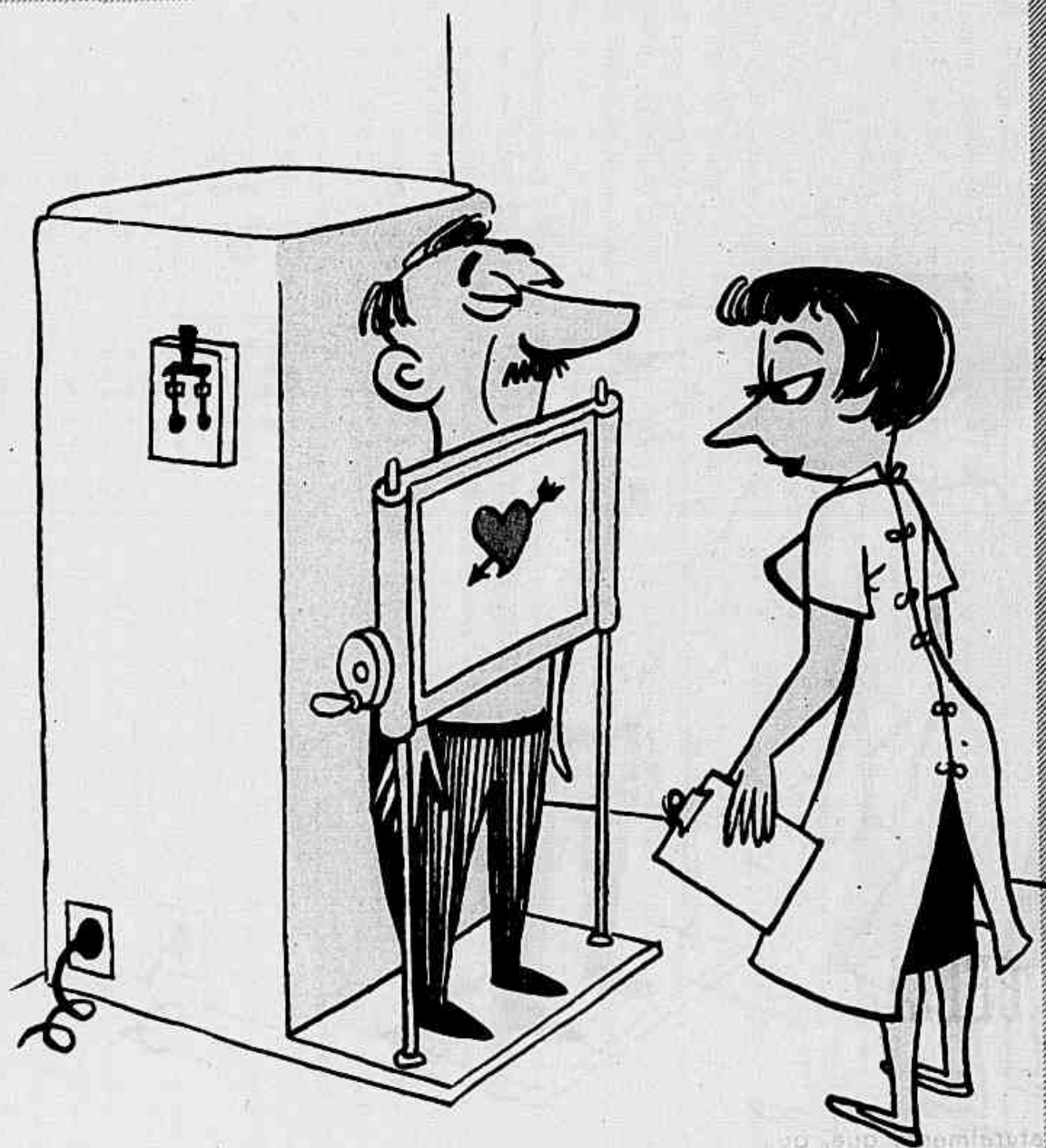
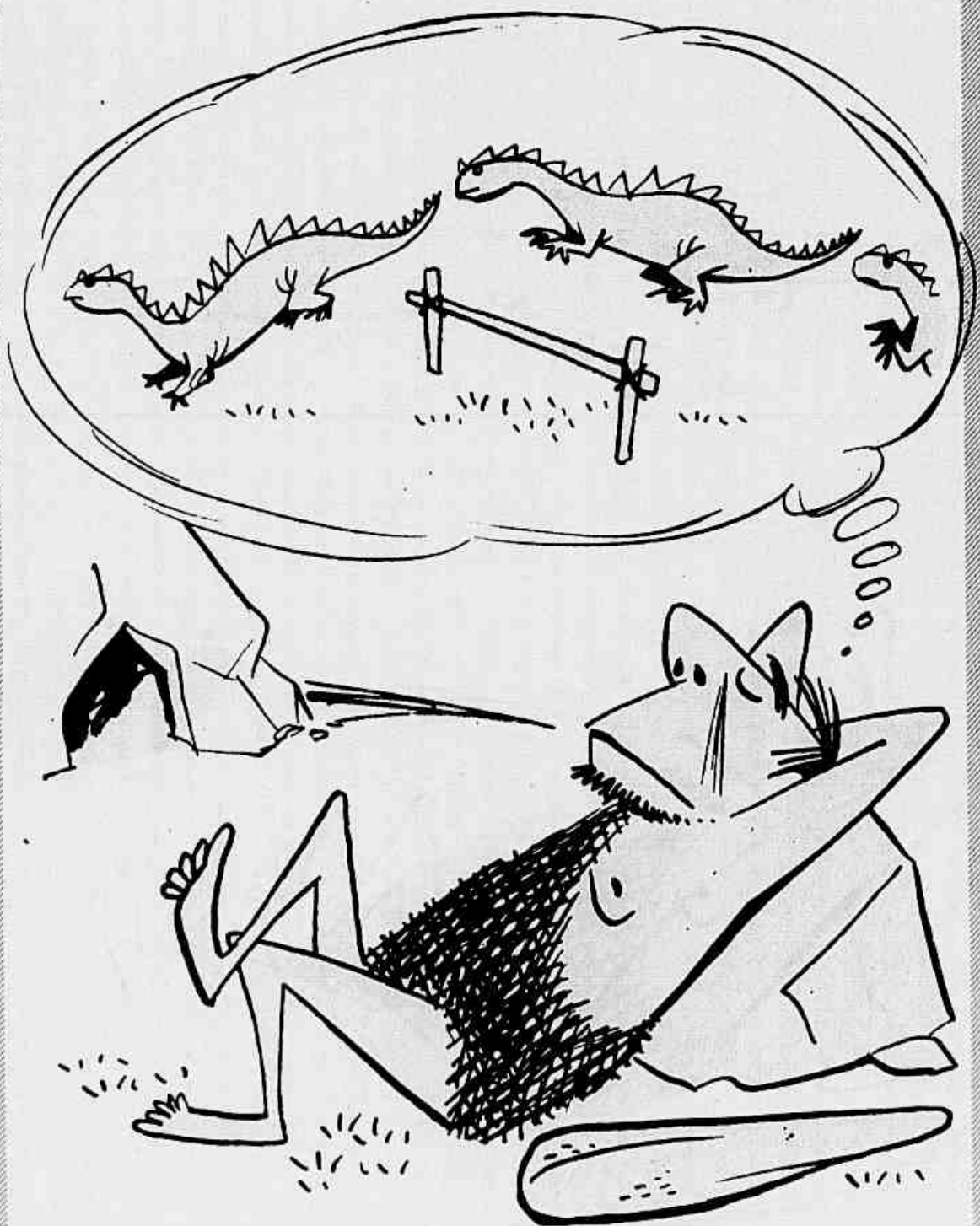
Para os países desenvolvidos da América do Sul e para as nações afro-asiáticas de Bandoeng, a perspectiva de uma Europa unida, entre a Rússia e os Estados Unidos, é muito animadora, desde que desapareçam os últimos resquícios do colonialismo.

A formação de um bloco de nações altamente industrializadas e civilizadas que empreguem a sua experiência a serviço da liberdade e do desenvolvimento do mundo. — eis o velho sonho de muitos europeus, que hoje parece possível, mais depressa do que se pensa.

FORTUNA (mudo e quedo) APRESENTA

SEM PALAVRAS





Revista da Semana
—



Num concurso entre as datilógrafas de Montmartre, em Paris, foi eleita como «a mais bela datilógrafa», a srta. Annie Jacouze, que, além de pesar 53 quilos, ter de altura 1.68 e de cintura 56 centímetros, também é uma ótima datilógrafa, vencendo outras candidatas igualmente belas e bem proporcionadas pela sua rapidez na máquina de escrever.

A CEGONHA ATRASOU E...

... e o médico foi quem teve o prejuízo. O caso se passou assim: Em Berlim, a sra. Lúcia Monika esperava um bebê, que, segundo as previsões de seu médico especializado, devia nascer num determinado dia. Um dia antes a senhora Lúcia foi para o hospital. Esperou... esperou... e nada de cegonha. Esta chegou com um atraso de 36 dias. A Instituição Social que devia pagar as despesas do parto da sra. Monika protestou judicialmente contra a pouca precisão do facultativo, que teve de reembolsá-la em quase quatro mil cruzeiros.

O fato é que nem sempre é fácil a um ginecólogo dizer com exatidão a data de um nascimento. Mas os alemães são por temperamento muito pontuais, e não admitem que alguém chegue atrasado.

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

OS 10 MANDAMENTOS DA BELEZA EM VIAGEM.

Naturalmente que, quando se está em viagem, não se pode dispor das mesmas comodidades que em casa para a tualete e a maquilagem; por isso mesmo — no avião, no trem, ou no automóvel — procure simplificar os seus cuidados de beleza, porém, de maneira nenhuma deixe de tratar de seu rosto, seus cabelos, sua aparência.

Resumimos em 10 itens alguns conselhos que lhe poderão ser úteis quando viajar:

1 — Escolha uma roupa apropriada. Confortável, simples que não se amasse demais. Costume, saia e blusa, em certos casos calças compridas, são as mais aconselhadas.

2 — Proteja os olhos da poeira, do vento e da claridade, com óculos escuros.

3 — Proteja os cabelos com um lenço ou um turbante — que combinem com o seu traje. Se quiser, ao chegar ao destino fique com a cabeça descoberta, retirando o lenço ou turbante, e retocando o penteado. Em alguns casos, ponha um chapéu antes de chegar.

4 — Se estiver cansada, se o calor e a poeira foram muito, molhe uma toalha em água fria e passe-a no corpo e pelo rosto. Friccione o corpo com água de colônia. Você se sentirá descansada e limpa, e terá uma expressão feliz ao chegar ao destino.

5 — De qualquer forma, de 3 em 3 horas retoque o pó de arroz ou mesmo toda a maquilagem, se for preciso. Para isso, leve o necessário em uma bolsa de viagem.

6 — Não use rouges muito gordurosos quando estiver viajando. Prefira o rouge em pó, mais fácil de aplicar e retocar.

7 — Use um pó de arroz mais claro do que habitualmente, que lhe dará melhor aparência. Antes de desembarcar, porém, pode aplicar pó um pouco mais escuro (na sua tonalidade habitual) se quiser. O pó de arroz mais claro conserva-se bonito por mais tempo.

8 — Não use máscara, nem rímel. Este último, além de ser pouco esportivo, está ainda sujeito a escorregar, principalmente no verão, com o calor.

9 — Leve em sua bolsa um pouco de água boricada a 2%, ou de água de rosas, para banhar os olhos de vez em quando, a fim de descansá-los e torná-los mais belos.

10 — Prefira uma água de Colônia suave, em vez de perfume forte, que é de mau gosto em viagem, e pode incomodar os que lhe estão perto.

Notinhas Úteis

PARA QUE AS FLORES DUREM MAIS — Ponha uma colher, das de chá, de açúcar na água da jarra. As flores ficarão viçosas e bonitas por muito mais dias.

AS MANCHAS DE SUJO NOS MOVEIS LAQUEADOS — Os quartos de crianças ficam muito bonitos e alegres quando os móveis são laqueados de claro. Porém o inconveniente é que sujam com muita facilidade. As manchas saíam facilmente, porém, se forem limpas com água e algumas gotas de amoníaco. Esfregue delicadamente com um pano macio.

PARA QUE O PRESUNTO FIQUE MAIS SABOROSO AINDA — experimente fazer o seguinte: unte-o de manteiga, embrulhe num pedaço de papel impermeável e leve-o assim ao forno, por meia hora. Se o presunto for cortado em um pedaço muito grosso, ou se for um presunto inteiro, deixe-o "uma" hora no forno.

SE A MAIONESE DESANDOU — Coloque numa tigela um pouco de suco de limão. Vá pondo a maionese aos poucos, batendo sempre, com um garfo. A maionese voltará ao seu aspecto normal.

PARA CONSERVAR POR MUITOS DIAS AS ESPONJAS DE METAL ou palha de metal, que usa para limpar as panelas, lave-as muito bem com água morna e espuma de sabão, depois de usadas. De dois em dois dias, lave-as com água e vinagre, e deixe-as secar ao calor.



MODERNAS prateleiras presas ao ferro por barras de metal laqueadas.



UMA ESTANTE embutida, tendo na parte inferior gavetas e estantes para as mais diversas finalidades.

SUGESTÃO PARA O LAR

Um lugar para os livros é indispensável no lar de qualquer pessoa medianamente culta. Desde os livros técnicos, necessários para o aperfeiçoamento profissional, até os romances e livros de versos, cuja finalidade é a distração. Duas sugestões apresentamos hoje — nenhuma delas ocupará mais que meia parede de um aposento.

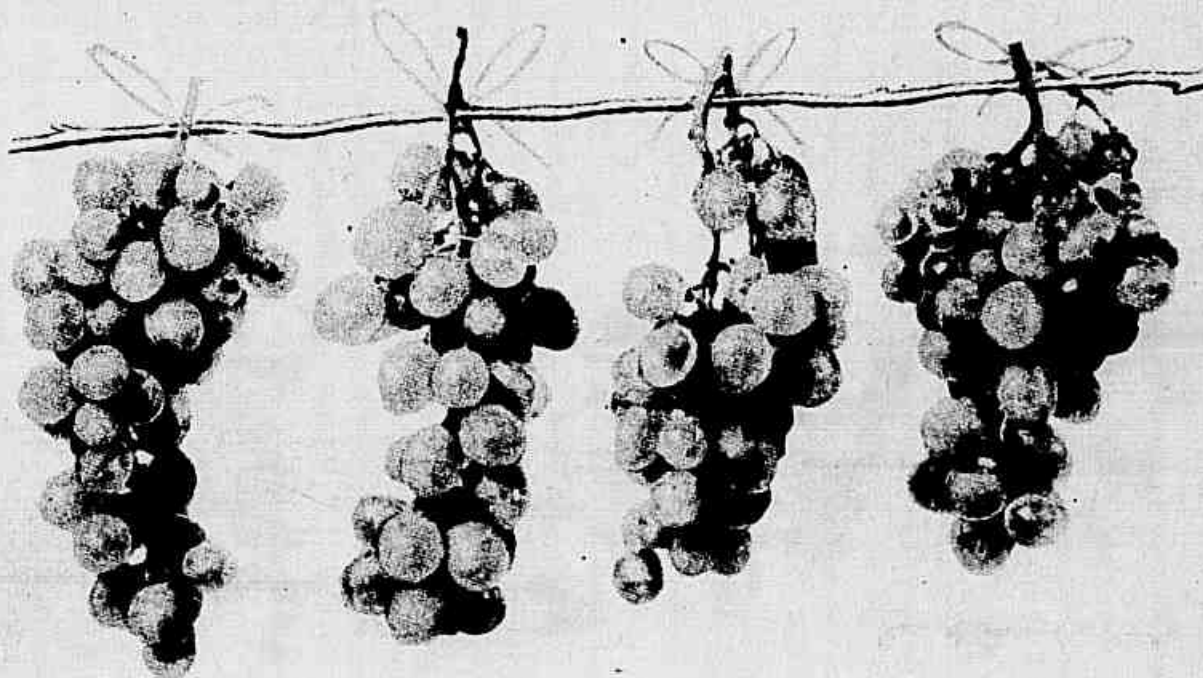
WEEK END NA COZINHA

Aproveitemos que as uvas estão nos chegando este ano a muito bom preço de São Paulo e do Rio Grande do Sul, para preparar uma boa quantidade de "geléia de uva" — que é uma delícia e se conserva bem quando guardada em vidros, herméticamente fechados em banho-maria.

1 — Tome alguns quilos de uvas — preferivelmente brancas — lave-as cuidadosamente, despencando-as, e ponha num recipiente que não seja de alumínio. (panela de aço serve), sobre o fogo. Deixe ferver por 10 minutos.

2 — Passe as uvas numa peneira de taquara (de metal não serve) com o auxílio de uma colher de pau. Devem ficar na peneira apenas as sementes e as cascas, bem limpinhas.

3 — O suco obtido deve ser pôsto outra vez no fogo — desta vez fogo lento — e deixado cerca de 3 horas, mexendo-se frequentemente com uma colher de pau, para que não pegue no fundo. Atenção para não cozinhar demais, o que daria à geléia um gosto desagradável de queimado. O ponto justo é quando, jogando-se algumas gotas de geléia num prato estas conservarem sua forma por algum tempo.



4 — Tire a geléia do fogo, deixe-a esfriar um pouco e ponha nos vidros. Coloque os vidros em banho-maria e feche-os ainda quentes.

Esta geléia de uvas não contém açúcar, por isso é indicada para os que sofrem de diabetes; mas é apreciada por todos com pão ou bolachas, na hora do café.

BENTINHA MODESTO

Bentinha Modesto atravessava a Praça Vinte pisando leve e ligeiro. Usava os cabelos levantados sobre a nuca. As suas orelhas sempre livres eram perfeitas. — Belas orelhas, exclamava minha avó, quando encontrava Bentinha. E aconselhava: nunca deixe furar, minha filha. Use brincos modernos de pressão, ou não use brinco nenhum porque jóias mesmo são as suas orelhas. . .

Minha atenção primeira foi despertada por êsse elogio parcial feito a Bentinha, o elogio às suas orelhas. Para ser franco, não me feria a atenção de maneira particular a forma, a qualidade, o modelado das orelhas. Achava eu que Bentinha era de um todo agradável, atraente, da cabeça aos pés. Até o riso era algo de belo, de amável. Ria-se com sinceridade e não à capucha. O riso saía-lhe dos olhos primeiro, depois encaixoeirava-se na sua boca polpuda, molhava-lhe os dentes claros embora não muito regulares. — E' um gosto ver essa menina rir, dizia ainda minha avó.

Bentinha Modesto era filha do dr. Modesto — alto funcionário do Senado, do velho Senado do tempo do Pinheiro, do Rui Barbosa e outros grandes. Nunca ninguém viu o dr. Modesto rir-se. Vestia-se com exemplar compostura. Sempre de fraque e gravata escura. Não era nenhum casmurão mas homem de natureza grave, aplicado, e pontual. Tomava, todos os dias, o mesmo bonde. Não largava, chovesse ou fizesse sol o guarda-chuva de cabo de ouro, que lhe fôra oferecido, segundo informação da filha, pelos colegas de trabalho quando completou vinte e cinco anos de funcionário. A presunção era de que o sr. Modesto ficara viúvo, cedo, e que se dedicara à filha única com extremos de cuidado. Mas, minha tia Isolina, que gostava de apurar as coisas ouviu uma história esquisita, de que Modesto fôra infeliz no casamento, que a mulher o deixara para ir morar com outro, etc. Nunca procurou ninguém de minha casa apurar a vida de Modesto, excelente vizinho, homem modelar, comovente mesmo na dedicação à filha. — Ele ainda é moço e deve ter contrabando, insinuava tia Isolina. — Que nos importa a nós, respondia minha avó à irmã. Fôssem todos os vizinhos assim. O Vilela, por exemplo, com filhos homens recebe uma amante em casa todas as quintas-feiras. Modesto não recebia ninguém — a não ser um irmão, oficial superior do Exército.

Bentinha era um encanto realmente. Fecho os olhos para lembrá-la. Além de mimosa,

bem feita de corpo, era gentil e muito **dada**, como antigamente se dizia. Circulava ligeiro pela rua, freqüentava o colégio diàriamente, e esperava o pai à tardinha quando êle voltava do Senado, encostada ao poste. Duas vezes por semana dava lição de piano. — Feliz do homem que se casar com uma rapariga assim, afirmava minha avó. — Pena é que ela **coce**, Chica, respondia-lhe minha tia Isolina referindo-se ao moreno um pouco fechado de Bentinha e seu pai. Êsse moreno, ligeiro café com leite, com muito leite e uns pingos de café, acrescentava a Bentinha uma graça toda especial, um encanto indefinível, um ar macio e lépido ao mesmo tempo. Lembro-me — e agora só é que vem chegando essa lembrança — dos olhos de Bentinha. Olhos claros, cinzentos e que pareciam sempre molhados, olhos rasgados e que se assemelhavam a duas janelas abertas sobre uma fresca e quase noturna paisagem. Olhos de Bentinha Modesto — que davam vontade de sonhar, que inspiravam idéias delicadas.

— Aos quinze anos parece uma senhora, pela compenetração com que trata da casa, pela vida exemplar que leva, pelo carinho que dedica ao pai, comentava minha avó constantemente.

A verdade é que tudo em torno dos Modesto, pai e filha, se caracterizava pelo equilíbrio, pela harmonia, pelo diapasão de regularidade. Eram êles discretos; não se ocupavam da vida dos outros, não se negavam a prestar pequenos serviços de vizinhança cordial, embora jamais incomodassem ninguém, fôsse lá para o que fôsse. Mantinham até mesmo uma pequena farmácia, bem fornida, de emergência, com que não raro socorriam os moradores da rua e conhecidos.

Nunca pensei em namorar Bentinha. Essa idéia jamais me atravessou sequer a cabeça; ela era mais velha do que eu dois anos, muito mais amadurecida e sensata. Eu não passava de uma criança distraída, atarantada, opressivamente habitada por cismas e melancolias, embora exuberante e facilmente expansiva. Nunca me despertara Bentinha outro sentimento senão o de afeto, de admiração, de carinho. Eu não sabia ainda como era o amor, não sabia de nada. Era uma criança, ignorava até minhas próprias reações diante de namoradas, pois não as tivera a não ser de brinquedo e à distância. Gostava de Bentinha despreocupadamente e sem bulha; achava-a encantadora e nada mais. Entre nós dois, reinava a amizade e o sossêgo, até

que um dia aconteceu o inesperado, a grande e angustiosa surpresa. O caso é meio esquisito, pelo menos o foi para mim que passei pela estranha experiência de ver alterar-se um estado de coisas tranqüilo e feliz, e de repente me encontrar metido num sofrimento atroz, sem que a razão me explicasse coisa alguma. Tudo veio de ter eu me afastado do círculo de minha existência rotineira e me aventurado a um passeio mais longe. O que me levou até a Bôca do Mato não o sei mais hoje, quarenta anos passados, mas o que deparei nesse passeio, o encontro que tive numa estrada nessa incursão ao desconhecido, o que vi até agora vive em mim.

Aconteceu que deparei Bentinha caminhando, por uma estrada ou rua, vestida de branco; nos cabelos repartidos em tranças, colocara ela uma flor vermelha. Vinha andando feliz, distraída, direi mesmo enlevada, a ouvir o que lhe ia confidenciando um rapazola vestido com a farda do Colégio Militar. **Bentinha e o namorado**, disse-me eu com uma tristeza na alma inexplicável. Não havia nenhuma dúvida; **Bentinha e o namorado** acabavam de passar diante dos meus olhos. Nunca pensara na minha vizinha com segundas intenções. Não me insinuara, não pretendia coisa alguma e, de repente, inesperadamente, sem que eu tivesse tempo de examinar-me sequer, eis que o choque de encontrar Bentinha em pleno flagrante de uma vida para mim desconhecida me produzira a primeira dor de amor, a primeira crise dolorosa de ciúme em toda a minha vida. Foi uma sensação absurda de despeito, de mágua, de rancor, tão mais estranha quanto inexplicável. Minha garganta tornou-se seca de repente; o coração passou a bater-me no peito descompassadamente, uma vontade de chorar urgente, invencível passou a sacudir-me. Inútilmente procurava eu raciocinar, dar-me as razões que não tinha para sofrer o que estava sofrendo. Sentia-me roubado e roubado estranhamente no que não possuía, no que não era meu. A mágua de tão absurda humilhava-me, reduzia-me a quase nada, a menos do que um pobre menino. Mal podia caminhar; não sei como não me atirei num capinzal a fim de desabafar em soluços. Quando apareci em casa, na hora do jantar, o meu aspecto devia ser lamentável, pois muito se inquietaram os meus. Puseram-se a interrogar-me, a querer saber o que tinha acontecido comigo. Guardei silêncio; tranquei-me, que não era coisa de confissão o fenômeno que se verificava no meu pequeno ser insignificante.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

O poeta Schmidt numa foto especial do arquivo de João Condé. A dedicatória diz o seguinte: «Ó Condé, chega de pedir coisas para os Arquivos».



FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CARIOCA

ALCANÇOU êxito invulgar o churrasco oferecido no dia 12 de janeiro último, pelo Departamento Regional do SESI do D.F., sob o patrocínio da Federação Das Indústrias do Distrito Federal, aos trabalhadores e empregadores da indústria da Capital da República, no Centro Social Morvan Dias de Figueiredo, em Vicente de Carvalho, como parte integrante do seu programa de confraternização.

Bem expressivo número de patrões e empregados, cerca de três mil, compareceu ao ágape que transcorreu em ambiente dos mais alegres, concorrendo para tanto, sem sombra de dúvida, a situação privilegiada do local, onde a natureza e a arquitetura tão bem se irmanam.

Em atenção ao convite formulado pelo SESI, grande número de autoridades prestigiou com sua presença o almôço, causando a mais viva impressão a chegada do sr. Presidente da República, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. Ressaltamos, ainda, a presença do sr. Parsifal Barroso, ministro do Trabalho, tenente-coronel Felisberto Baptista Teixeira, chefe de Polícia, sr. Alirio

de Salles Coelho, diretor do Departamento Nacional do Trabalho, sr. Pedro Paulo Penido, presidente do Conselho Nacional do SESI, sr. Lídio Lunardi, presidente da Confederação Nacional da Indústria, sr. Deocleciano de Holanda Cavalcanti, presidente da Confederação Nacional da Indústria, sr. Zulfo de Freitas Mallmann, presidente da Federação da Indústria do Distrito Federal e diretor do SESI Regional do D.F., além de inúmeras outras pessoas.

O sr. Zulfo de Freitas Mallmann fez uso da palavra, saudando empregados e empregadores e, em especial o sr. Presidente da República. Coube ao sr. Deocleciano de Holanda Cavalcanti, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, falar em nome dos industriários.

Finalmente, o Presidente da República, dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, em vibrante improviso, enalteceu, de maneira eloqüente, o progresso industrial do Brasil, traçando perspectivas as mais entusiastas para o próximo ano de seu governo.

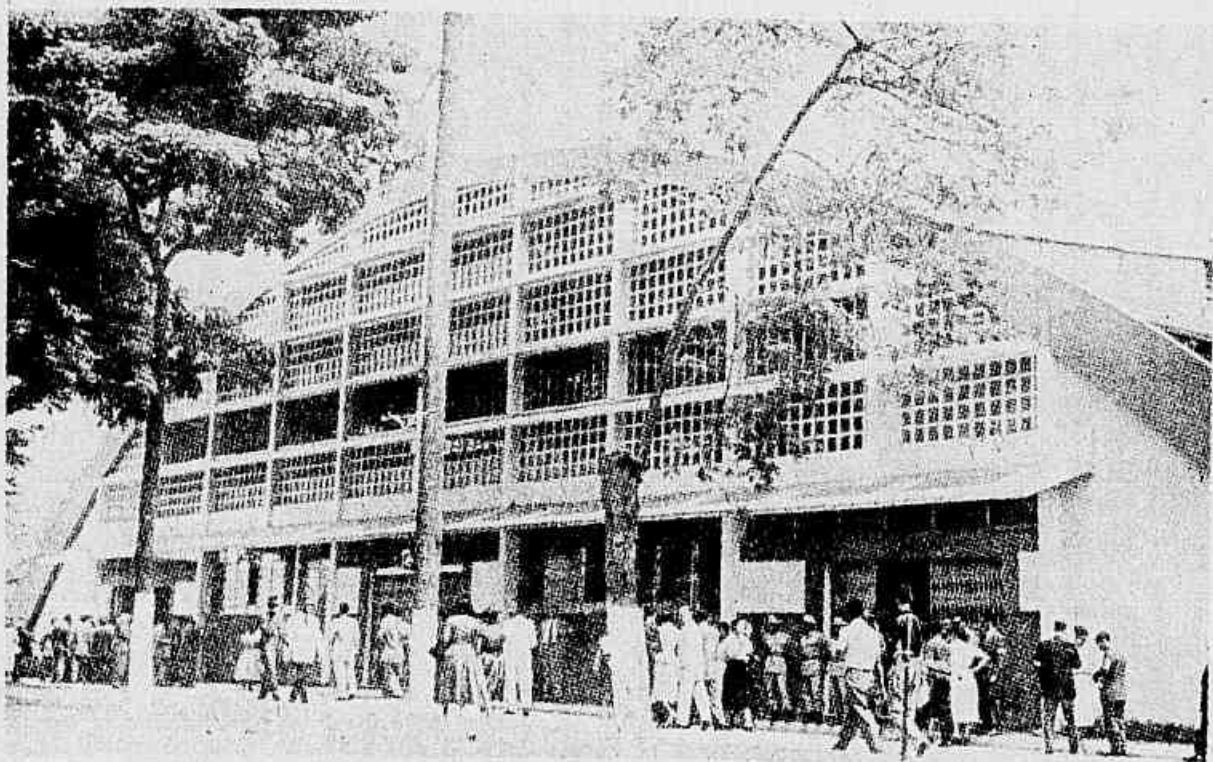


O sr. Zulfo Mallmann profere o seu discurso de saudação a empregados e empregadores, e ao Presidente da República.

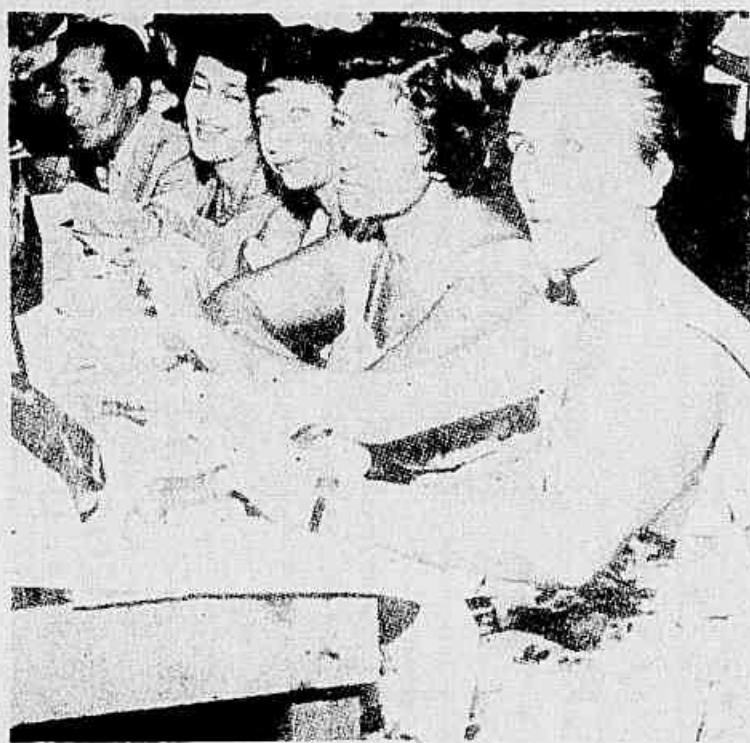
O Presidente da República compareceu à festa dos empregados e empregadores da indústria. Na foto vemos S. Exa. ladeado, entre outras pessoas, pelo ministro Parsifal Barroso, srs. Zulfo de Freitas Mallmann e Lídio Lunardi e tenente-coronel Baptista Teixeira.



ENTRE EMPREGADOS E EMPREGADORES



O Centro Social Morvan Dias de Figueiredo foi um cenário magnífico para a reunião. A fotografia mostra a fachada do seu edifício principal, de atraentes e modernas linhas arquitetônicas.



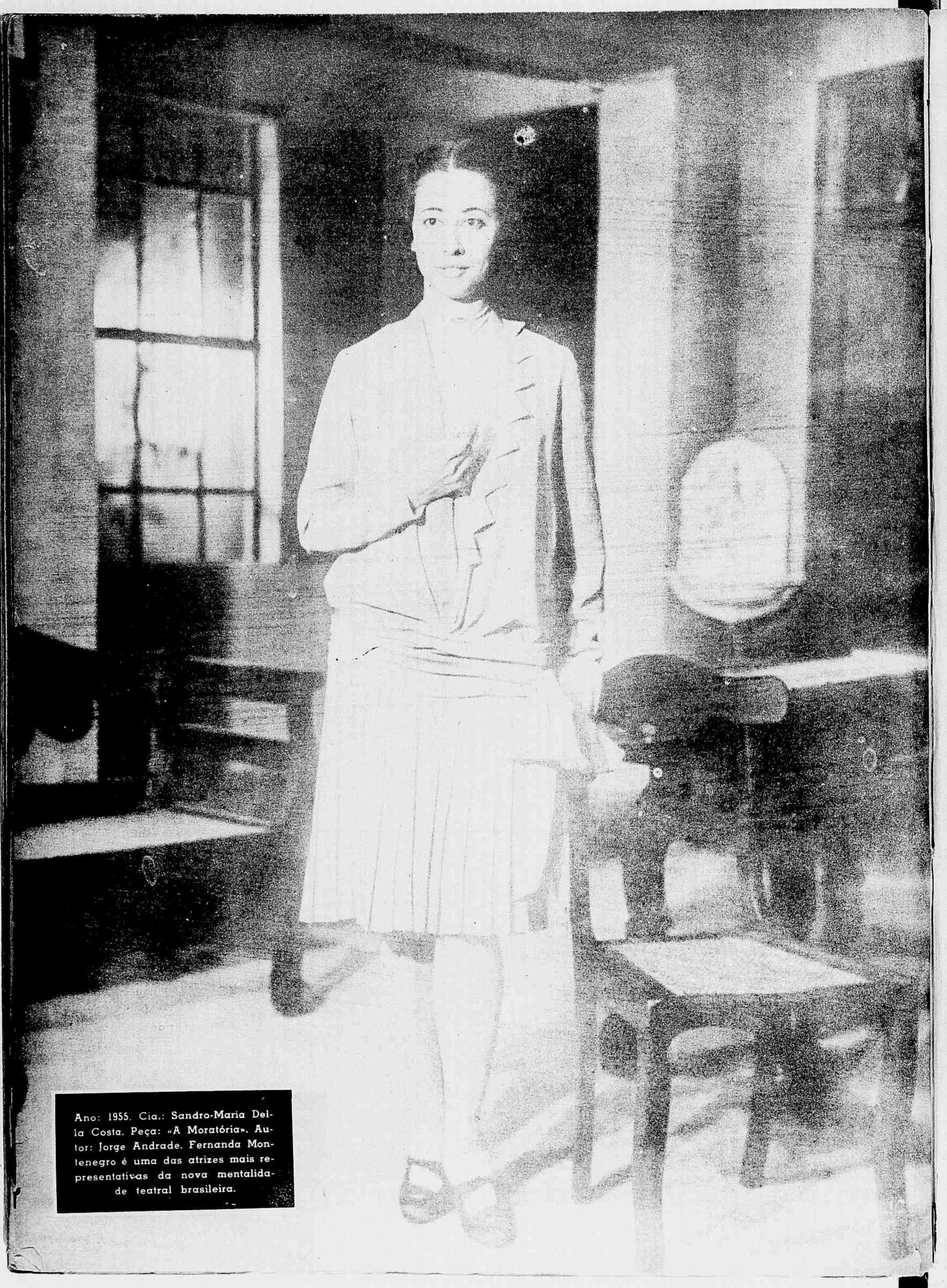
O elemento feminino prestigiou a bela festa de confraternização. Numerosas senhoras e senhoritas a ela compareceram.



O Presidente Juscelino Kubitschek empolgou a assistência com um vibrante improviso, muito aplaudido pelos presentes.

Aspecto parcial da assistência, composta de cerca de 3.000 pessoas. O almoço marcou um êxito completo, desde o serviço perfeito ao elevado comparecimento de empregados e empregadores, tendo ainda a prestigiá-lo a presença do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.





Ano: 1955. Cia.: Sandro-Maria Della Costa. Peça: «A Moratória». Autor: Jorge Andrade. Fernanda Montenegro é uma das atrizes mais representativas da nova mentalidade teatral brasileira.

NOVO TEATRO- NOVAS ATRIZES

A RENOVAÇÃO DO TEATRO CARIOCA — DESVIOS E LIMITAÇÕES NATURAIS DE UM MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO — O FENÔMENO FERNANDA MONTENEGRO — VOCAÇÃO AUTÊNTICA QUE TEVE COMO MENTORES CHIANCA DE GARCIA, PAULO DE MAGALHÃES E VILLARET E PERMANECER INTACTA — AS PERSONALIDADES QUE MAIS INFLUÍRAM SOBRE ELA — FERNANDA: UMA DAS POUCAS ATRIZES QUE NÃO PERDERAM A FEMINILIDADE.

Por PAULO FRANCIS



Fernanda Montenegro numa cena de «Nossa Vida Com Papai», de Lindsay e Couse.

NOTA DA DIREÇÃO

Paulo Francis inicia aqui a sua colaboração como crítico-comentarista-repórter teatral de a «Revista da Semana». Um dos mais promissores elementos do teatro brasileiro, trará semanalmente para os nossos leitores, o que de mais importante acontecer no seu setor. Com simplicidade, objetividade (e independência) Paulo Francis mostrará a renovação que vai se operando no nosso teatro, as resistências opostas, os obstáculos que vão sendo derrubados. E quem são os heróis desse movimento. Dentro da nossa orientação já expressa («onde houver um acontecimento importante lá estará um elemento da Revista da Semana»), Paulo Francis será o nosso homem de teatro. Não poderíamos ter feito melhor escolha.

O teatro no Rio atravessa um período de renovação. A velha guarda encontra-se nos últimos estágios de decomposição. Subsiste apenas materialmente, em condições de precariedade que se acentuam, a despeito da volúpia necrófila de seus sanguessugas e patronos críticos que visam a perpetuá-la. Sua tradição de chanchadas e dramalhões (ou de obras de Molière, Pirandello, Miller, etc., tratadas como tal) infligida ao público pelo sistema do ponto, pela declamação à la Margarida Lopes de Almeida, e por meia-dúzia de «chaves» técnicas estereotipadas e impermeáveis a qualquer realidade artística reconhecível, é ignorada pela nova mentalidade teatral. Para esta, direção, cenografia, e luz são parte e parcela de um espetáculo. Seus expoentes foram ao encontro do lastro teatral europeu e norte-americano, conduzidos, e ocasionalmente desviados, por profissionais estrangeiros. Descobriram o naturalismo na interpretação; confundem-no, na prática, em alguns casos, com incapacidade temperamental ou técnica de projeção emocional; supõem-no, do mesmo modo, a única expressão possível da arte de representar nos tempos modernos. Levando-se em conta, porém, os desvios e limitações naturais em um movimento nos seus primórdios, permanece a promessa de uma evolução teatral no Rio. Resta entrosá-la com autores imunes ao mercantilismo e inépcia latentes no decreto 2x1, que possam fornecer o elemento sociológico e psicológico de recriação cênica do homem brasileiro, pelo intérprete brasileiro, para o público brasileiro.

A carreira de Fernanda Montenegro é ilustrativa, em alguns aspectos, da nova mentalidade teatral. Começou em condições que sufocariam uma vocação menos genuína. Após estreiar em um inócuo espetáculo de amadores, Fernanda foi contratada pela TV-Tupi, onde, durante dois anos, resistiu à mutilação semanal de textos (desde os de Sófocles aos de Abadie Faria Rosa) e de métodos de produção. Como fecho de ouro desta fase, foi a intérprete principal de «As Loucuras do Imperador», de Paulo Magalhães, e participou de «Está Lá Fora Um Inspetor», de Priestley, sob a direção de João Villaret.

Mesmo assim conseguiu Fernanda demonstrar talento. Outra prova da legitimidade de sua vocação: teve como mentores Chianca de Garcia (TV-Tupi), Paulo Magalhães e João Villaret, e não permitiu o contágio do ranço e das estereotipias que lhes são próprios. O que vale por um atestado de indestrutibilidade artística.

A segunda etapa da carreira da intérprete teve lugar em «Os Artistas Unidos». Na peça de Sayta, «Mulheres Feias», Fernanda deixou entusiasmados alguns observadores normalmente difíceis de satisfazer. Discordamos destes. Embora reconhecendo na atriz um temperamento dramático de alta voltagem, notamos nessa oportunidade um descontrole vocal e uma tendência para substituir nervos por emoções de que se libertaria posteriormente.

Seguiram-se alguns remotes, «Jezebel», de Anouilh, «Mulher Sem Alma», de George Kelly, e «A Cegonha Se Diverte», de Roussin, nos «rôles»

antes ocupados por Sônia Oiticica, Fernanda Valli, e Maria Fernanda, respectivamente. Fernanda declara que Henriette Morineau, sua diretora em «Os Artistas Unidos», é uma das três personalidades do teatro que mais a impulsionaram em seu desenvolvimento como intérprete. As restantes são o ator Fernando Tórres (seu marido), o cenógrafo-diretor Gianni Ratto, sob cuja orientação, Fernanda descobriu em si mesma recursos de uma qualidade antes inacessível.

A colaboração do diretor com a intérprete teve início com «O Canto da Cotovia», de Anouilh, no elenco de Maria Della Costa, para o qual Fernanda se transferiu após a experiência «Os Artistas Unidos». Continuou com uma «Pulga Atrás da Orelha», de Feydeau, culminando com «A Moratória», de Jorge Andrade, e «Nossa Vida Com Papai», de Russell Crouse e Howard Lindsay, a última para o Teatro Brasileiro de Comédia, onde ambos os profissionais exercem atualmente seu «métier».

Em «A Moratória», encenação e texto entrosaram-se com o resultado sugerido neste artigo. A inadaptabilidade de um segmento da sociedade paulista à era de revolução industrial no Estado, e a conseqüente falência de seu sistema de vida, foram autenticamente dramatizados por Jorge Andrade à «maneira» naturalista. O teatrólogo afirmou particularmente ao cronista haver achado no trabalho de Gianni Ratto e dos intérpretes o equivalente cênico ideal de sua obra. Fernanda Montenegro desempenhou o principal papel feminino de «A Moratória».

Atualmente, podem os leitores vê-la co-protagonizando «Nossa Vida Com Papai», de Russell Crouse e Howard Lindsay, no teatro Ginástico. Sua personagem é a milionésima reincarnação da mãe de família mitológica da comédia norte-americana. Esta senhora possui todas as virtudes cristãs e pagãs: beleza, bondade, eterna juventude, pureza de propósitos, etc. Com esses recursos tiraniza, imperceptivelmente, aqueles que a circundam para os fins altruísticos e sentimentais de maior aceitação no mercado teatral — Fernanda galvaniza esse material com «aplomb», senso de ritmo, e a faculdade de evocar no espectador a desejada receptividade à mais insignificante de suas atitudes. As emoções falsamente articuladas da personagem, elimina com as suas verdadeiras. E mais: Fernanda é uma das raras atrizes-estrelas que mantêm a sua feminilidade intacta. Uma explicação torna-se necessária. Mulheres que competem profissionalmente com homens tendem a perder certas características geralmente associadas com o encanto feminino: a meiguice, o ar de submissão, o recato, etc. A «career woman» é quase sempre segura de si própria, quando não arrogante, impertinente, em suma, um «pastiche» mal ajustado de seu correspondente masculino. Isto é particularmente válido no teatro onde o sucesso e o individualismo agressivo caminham de mãos dadas. Assim, Fernanda, cuja carreira é um exemplo de imunidade às forças negativas do teatro, mantém a sua feminilidade intacta. O espectador mais romântico sente vontade de protegê-la contra eventuais vilões, de pegar-lhe a mão, de recitar-lhe versos, etc. Imaginem sentir o mesmo em relação à Cacilda Becker!

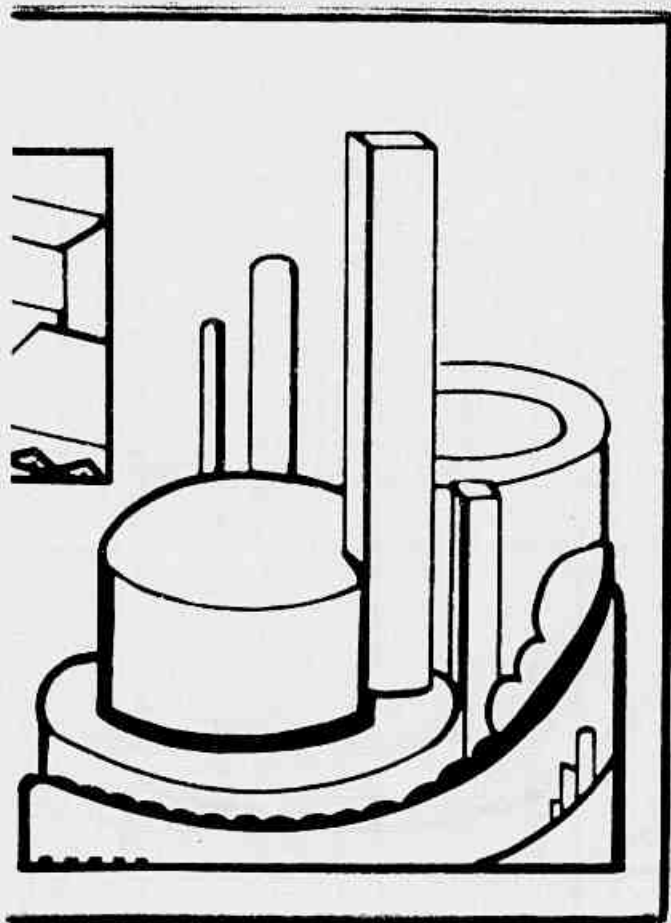
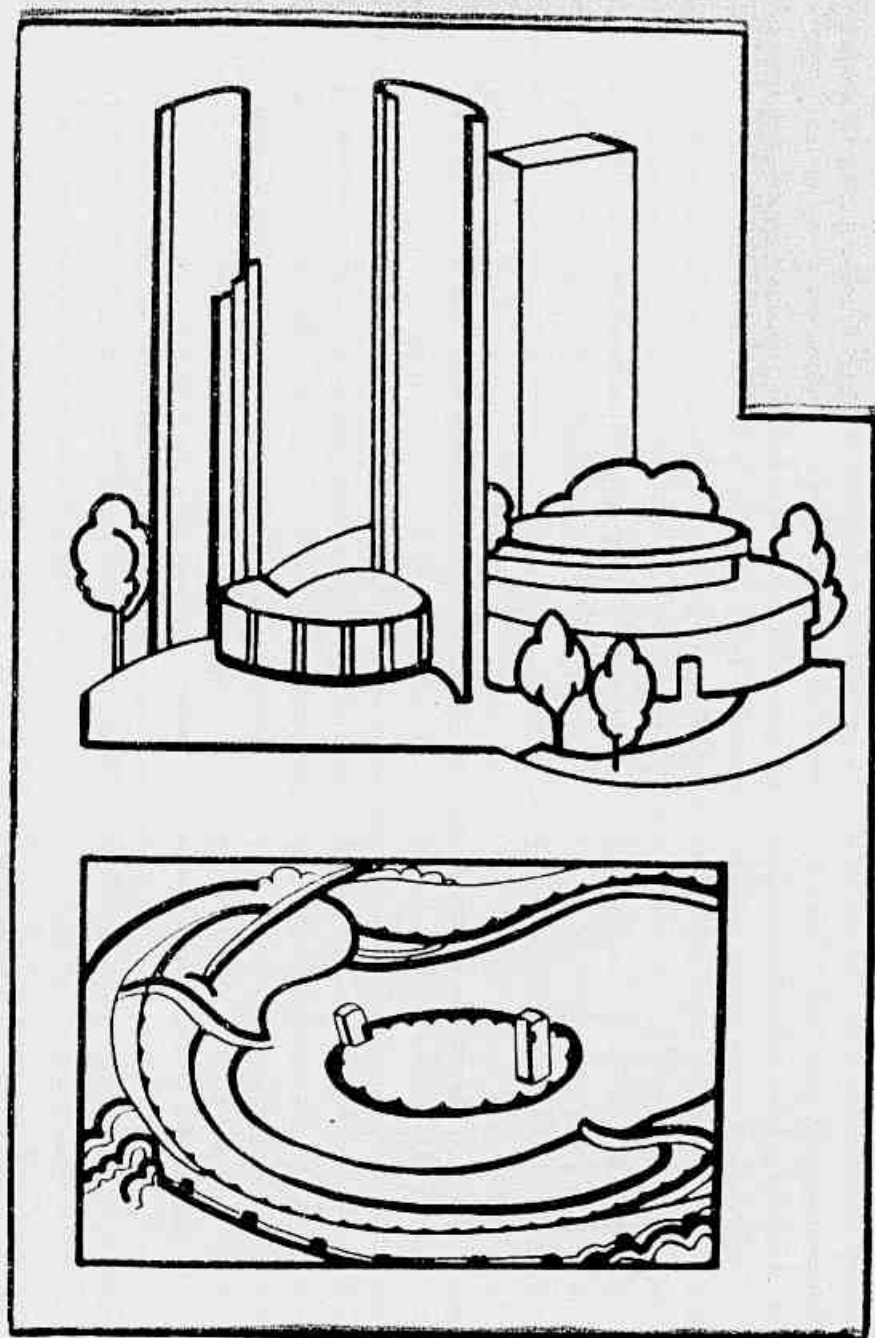


ÚLTIMO FLASH

MÁRIO VIANA EXPULSO DA FIFA (E DA C.B.D.)

Num epílogo inesperado para a sua carreira de juiz de futebol, Mário Viana vem de ser expulso da CBD e da FIFA. Com a FIFA o desentendimento começou no último campeonato mundial. Com a CBD o conhecido juiz se indispôs quando resolveu prestigiar a temporada do Flamengo apitando os jogos com o Honved. Mário Viana (oficial da Polícia Especial, quase técnico, homem de economias e de vida ilibada) sorri tranquilamente com as punições que lhe aplicaram. Não se alterou, não quis falar aos jornalistas, não esboçou o menor protesto. Revelou-se (mais uma vez) superior (e acima) de muitos dirigentes do esporte brasileiro.

**A FIGURA
EM FOCO**



OSCAR NIEMEYER

O sorriso do Niemeyer
é um sorriso de vitória.
Planejando edifícios,
construiu a sua glória.

**MEN
DEZ**



...e o cigarro é **Columbia**

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ